RESIDENT EVIL
VOLUME VII
HORA ZERO
S.D.PERRY
BASED ON THE BESTSELLING VIDEOGAME FROM CAPCOM

S.D. PERRY

RESIDENT EVIL

Livro 7

HORA ZERO

Tradução de lacmetal
Formatação ePub de LeYtor

Pocket Books
2004

Resident Evil: Zero Hour é de autoria de S.D. Perry

Baseada no jogo Resident Evil Zero, exclusivo dos consoles Nintendo GameCube e Nintendo Wii.

2004

Book 0: Zero Hour, a novelization of Resident Evil Zero

ISBN 978-0-671-78511-6

PRÓLOGO

O trem balançava e sacudia enquanto seguia viagem através da floresta de Raccoon, o galopar de suas rodas ecoavam pelo trovejante céu do entardecer.

Bill Nyberg vasculhava o arquivo Hardy, sua pasta estava no chão, aos seus pés. Tinha sido um longo dia, e o suave balançar do trem o tranquilizava. Era tarde, passava das oito, o Ecliptic Express estava quase lotado, como acontecia muitas vezes na hora do jantar. Era um trem da companhia, e desde a renovação — a Umbrella não poupou gastos para transformá-lo em um clássico retro, desde os assentos de veludo até os lustres no vagão-restaurante — vários funcionários traziam a família ou amigos para experimentar da atmosfera do local. Havia também uma série de pessoas de fora da cidade a bordo, as que pegaram a conexão de Latham, mas Nyberg poderia apostar que nove de cada dez delas também trabalhavam para a Umbrella. Sem o apoio da gigante indústria farmacêutica, Raccoon City não seria nem sequer uma mancha no mapa.

Um dos atendentes do vagão que estava passando acenou com a cabeça para Nyberg quando viu o botton da Umbrella em sua lapela. O pequeno botton o marcou como um passageiro frequente. Nyberg acenou de volta. O reluzir dos relâmpagos lá fora foram rapidamente seguidos por um estrondo de trovão, parecia que havia uma tempestade de verão se formando. Mesmo no conforto do trem, o ar parecia carregado, pesado devido à tensão da chuva iminente.

E o meu casaco? ...ficou no porta-malas...

Maravilha. Seu carro estava estacionado do outro lado da estação. Ficaria encharcado antes que chegasse à metade do

caminho.

Suspirando, voltou sua atenção para o arquivo, ajustando sua poltrona para trás. Ele já havia revisado o material várias vezes, mas queria estar a par de cada detalhe. Uma menina de dez anos de idade chamada Teresa Hardy havia sido envolvida em um experimento clínico com Valifin, um novo medicamento pediátrico para o coração. Assim que fora aplicada, a droga fez exatamente o que deveria fazer — mas também causou insuficiência renal, e no caso de Teresa Hardy, o estrago já tinha sido grave. Ela sobreviveu, mas provavelmente passará o resto de sua vida fazendo hemodiálise, e advogado da família estava entrando com uma milionária ação de danos.

O caso tinha de ser resolvido rapidamente, a família Hardy se manteve em silêncio até poderem arrastar seu doente anjinho até um tribunal... e é aí que Nyberg e sua equipe entram. A estratégia era oferecer apenas o suficiente para fazer a família feliz — mas não tanto quanto para encorajar o advogado deles, um daqueles "não seremos pagos a menos que vocês sejam pagos" com uniforme de escritório pequeno — a ficar ganancioso. Nyberg tinha um talento especial para manipular esses caçadores de ambulância, e ele resolveu isso pouco antes de Teresa voltar de seu primeiro tratamento. Era para isso que a Umbrella o pagava.

A chuva começou a bater forte na janela, como se alguém tivesse jogado um balde de água contra o vidro. Assustado, Nyberg virou-se para olhar para fora assim que várias pancadas fortes soaram no teto do trem. Minha nossa. Deveria ser uma chuva de granizo ou algo assim...

O estalar dos raios cintilavam através da densa escuridão, iluminando uma pequena e íngreme colina que demarcava a parte mais profunda da floresta. Nyberg olhou para cima e viu a silhueta

de uma figura alta diante das árvores na crista do morro, alguém com um longo casaco ou túnica, um tecido escuro ondulando ao vento. A pessoa levantava longos braços para o céu em fúria — e o rugir dos relâmpagos sumiram, imergindo aquela estranha cena dramática na escuridão.

"Mas o que —" Nyberg mal sussurrou e mais água começou a espirrar através do vidro — só que desta vez não era água, porque a água não formava aqueles grandes aglomerados escuros, água não vazava e depois se separava, revelando dezenas de dentes brilhantes como agulhas. Nyberg apertou e abriu os olhos, sem saber o que estava vendo, até que alguém começou a gritar na outra extremidade do trem, um longo e crescente choro, conforme da escuridão criaturas pegajosas, cada uma do tamanho do punho de um homem, se batiam contra a janela. O som do granizo no teto passou de um tilintar para uma tempestade, e suas trovoadas abafavam os gritos, gritos de muitos agora.

Não é granizo, isso não é granizo!

O pânico tomou conta do corpo de Nyberg, o fazendo estremecer. Ele correu para o corredor antes que o vidro atrás dele se estilhaçasse, antes que os vidros de todo o trem começassem a se quebrar, o alto e irregular som deles combinando com os gritos de terror, tudo isso quase se perdeu sob o contínuo ataque. Quando as luzes se apagaram, algo frio, molhado e muito vivo pulou na parte de trás de seu pescoço e começou a se alimentar.

Capítulo 1

O helicóptero sobrevoava através da escuridão de Raccoon Forest. Rebecca Chambers endireitou-se, querendo olhar como eram calmos os rapazes ao seu redor. O clima era solene, conforme o escuro e nublado céu ia sendo cortado, todas as piadas e brincadeiras ficavam para trás, de acordo com as instruções. Este não era um exercício de treinamento. Mais três pessoas, exploradores, haviam desaparecido — em uma floresta tão grande quanto a que cerca Raccoon, nada de anormal — exceto pelo surgimento de assassinatos selvagens que aterrorizaram a pequena cidade nas últimas semanas, "desaparecidos" tomou um novo significado.

Há apenas alguns dias antes, uma nona vítima havia sido encontrada, selvagemmente mutilada, como se tivesse sido passada através de um moedor de carne.

Pessoas estavam sendo assassinadas, barbaramente atacadas por alguém ou alguma coisa em torno da periferia da cidade, e a polícia de Raccoon não estava chegando a lugar algum. A unidade dos S.T.A.R.S. da cidade finalmente foi chamada para investigar.

Rebecca ergueu o queixo levemente, um pulsar de orgulho afastava seu nervosismo. Apesar de sua formação ser em bioquímica, ela havia sido designada como médica na equipe Bravo, juntando-se à equipe a menos de um mês.

Minha primeira missão. O que significa que é melhor eu não fazer nenhuma tolice. Ela respirou fundo, soltando o ar lentamente, trabalhando para manter sua expressão casual. Edward deu a ela um sorriso encorajador, e Sully inclinou-se sobre a cabine e

gentilmente deu tapinhas tranquilizantes em sua perna. O bastante para parecer legal. Por mais inteligente que ela fosse, por mais pronta que ela estivesse para começar sua carreira, sua idade não a ajudava, ou a fato de que ela parecia ainda muito jovem. Pelos seus dezoito anos, ela foi a pessoa mais jovem a ser aceita no S.T.A.R.S. desde a sua criação, em 1967... e como era a única mulher na equipe B da unidade de Raccoon, todos a tratavam como sua irmã mais nova.

Ela suspirou, sorrindo de volta para Edward, balançando a cabeça para Sully. Não poderia ser tão ruim, não com um bando de irmãos mais velhos e durões cuidando dela — contanto que eles tenham entendido que ela pode cuidar de si própria caso houver necessidade.

Pensa, ela emendou silenciosamente. Afinal seu primeiro trabalho, embora ela estivesse em boa forma física, sua experiência em combates havia sido limitada a simulações de vídeo e missões de fim de semana. O Serviço de Táticas Especiais e Resgate*(Nota 1)* a queria eventualmente em seus laboratórios, mas o tempo de campo era obrigatório e ela necessitava dessa experiência. De qualquer forma, eles estavam varrendo o bosque como uma equipe, e se eles encontrassem as pessoas ou animais que estavam atacando os cidadãos de Raccoon, ela já poderia ser substituída.

Houve um lampejo de luz ao norte, bem perto, as subsequentes trovoadas só não eram mais altas que o zumbido do helicóptero. Rebecca inclinou-se ligeiramente, fitando o escuro. O tempo estava limpo o dia todo, as nuvens foram chegando pouco antes do anoitecer, eles certamente irão voltar para casa ensopados. Ao menos seria uma chuva quente, ela imaginou que poderia ser muito — Boom!

Ela estava tão concentrada na tempestade que se aproximava

que, por uma louca fração de segundo pensou que fosse um trovão, mesmo com o helicóptero estremecendo violentamente e perdendo altitude, uma queda terrível, ruídos de alarmes tomaram conta da cabine, o chão vibrando sob suas botas, um forte cheiro de metal chamuscado e ozônio tomaram seu nariz.

Raios?

"O que aconteceu?" alguém gritou. Enrico, soltando sua espingarda.

"Falha no motor!" O piloto, Kevin Dooley, gritou de volta. "Aterrissagem de emergência!"

Rebecca agarrou firme em um suporte, olhando para os outros, de modo que ela não teria como ver as árvores se aproximando deles. Ela olhava o carrancudo e determinado conjunto de mandíbulas de Sully, os dentes apertados de Edward, os olhares de ansiedade entre Richard e Forest assim que agarraram nos suportes ou alças presos na parede que tremia. À frente, Enrico estava gritando alguma coisa, algo que ela não podia entender por causa do barulho do motor. Rebecca fechou os olhos por um instante, pensou em seus pais — e depois, a aterrissagem foi muito turbulenta para que ela pudesse pensar, o estrondo e os galhos das árvores quebrando e batendo forte no helicóptero eram muito altos e estridentes para que ela pudesse fazer algo além de rezar para não morrer. O helicóptero ficou fora de controle, movendo-se em torno de um declive, guinando em círculos.

Estava tudo acabado um segundo depois, o silêncio completo e tão repentino a fez pensar que tivesse ficado surda, todo o movimento parou. Em seguida ela ouviu um estalar de metal que estrangulou o último suspiro do motor e do seu próprio coração, dando-se conta de que eles já estavam no chão. Kevin havia conseguido, e sem maiores danos.

"Todo mundo está bem?” perguntou Enrico Marini, seu capitão, erguido sobre seu assento.

Rebecca zonza acenou positivamente com a cabeça, junto ao coro das afirmações de seus companheiros.

"Belo voo, Kev”, disse Forest, seguido pelos outros. Rebecca desta vez não poderia concordar.

"O rádio está funcionando?” Enrico perguntou ao piloto, que tocava nos controles e virava os interruptores.

"Parece que toda a parte elétrica queimou”, disse Kevin. "Parece ter sido um curto circuito. Não fomos atingidos diretamente, mas foi perto o suficiente. O farol queimou, também.”

"Pode ser consertado?” Enrico perguntou olhando para Richard, o seu oficial de comunicações. Richard, por sua vez olhou para Edward, que deu de ombros.

Edward era o mecânico da equipe Bravo.

"Eu vou dar uma olhada", Edward disse, "mas se o Kev disse que o transmissor torrou, provavelmente está torrado".

O capitão acenou com a cabeça devagar e pensativo, passando a mão sobre o bigode, considerando suas alternativas. Depois de alguns segundos, ele suspirou. "Eu fiz contato quando fomos atingidos, mas não sei dizer se foi transmitido completamente”, disse. "Eles terão nossas últimas coordenadas, no entanto, se não reportarmos em breve, eles virão à nossa procura.”

"Eles", seriam a equipe Alpha do S.T.A.R.S. Rebecca acenou com a cabeça junto com os outros, incerta se ela deveria ou não estar desapontada. Sua primeira missão, encerrada antes mesmo de começar.

Enrico passou a mão no bigode de novo, alisando-o para baixo nos cantos da boca com o polegar e o dedo indicador de uma das mãos. "Todo mundo pra fora. Vamos ver onde estamos."

Eles saíram da cabine, a realidade da situação acertou Rebecca assim que eles se reuniram na escuridão. Eles foram incrivelmente sortudos de estarem vivos.

Atingidos por um raio. Enquanto procuravam os assassinos doentios, não é por menos, ela pensou, surpresa com a ideia. Mesmo se a missão acabou, esta foi de longe a coisa mais emocionante que já aconteceu com ela.

O ar estava quente e pesado com a chuva iminente, as sombras profundas. Pequenos animais corriam pela a vegetação rasteira. Um par de lanternas foram ligadas, os raios de luz cortavam o escuro enquanto Enrico e Edward rodeavam o helicóptero, analisando os danos. Rebecca sacou sua própria lanterna da bolsa, aliviada por não ter se esquecido de trazê-la.

"Como você está?"

Rebecca virou-se, viu Ken "Sully" Sullivan forçando um sorriso para ela. Ele estava com sua arma para fora, e com o cano da nove milímetros apontou para o céu nublado, um triste lembrete do porquê estavam lá.

"Vocês realmente sabem como fazer uma entrada espetacular, não é?" Ela disse, sorrindo para ele.

O homem alto riu, com seus dentes brancos contrastando com a escuridão de sua pele. "Na verdade, sempre fazemos isso para os novos recrutas. É um desperdício de helicópteros, mas temos que manter a nossa reputação."

Ela estava prestes a perguntar o que o chefe de polícia diria das

despesas — ela era nova na área, mas ela tinha ouvido que o Chefe Irons era um grande mão-de-vaca — quando Enrico se juntou a eles, puxando sua própria arma e levantando a sua voz para que todos pudessem ouvir.

"Tudo bem, pessoal. Vamos nos espalhar, investigar os arredores da região. Kev, fica com o helicóptero. O resto de vocês, fiquem perto, eu só quero esta área protegida. O Alpha poderá estar aqui em pouco tempo ou em uma hora." Ele não chegou a pensar que isso poderia ser uma demora infernal, nem precisava. Por ora, eles seguiram por suas contas.

Rebecca puxou a nove milímetros de seu coldre, cuidadosamente verificando o pente e a câmara, como tinha sido ensinada, levantando o cano para evitar mirar em alguém indevidamente. Os outros foram indo para os lados, verificando suas armas e ligando as lanternas. Ela respirou fundo e seguiu adiante, balançando feixe da lanterna à sua frente. Enrico estava a poucos metros de distância, se movimentando paralelamente à sua posição. Uma neblina começou a baixar, flutuando através da vegetação rasteira como uma onda fantasmagórica. Havia uma separação nas árvores a cerca de doze de metros à frente, um caminho grande o suficiente para ser uma trilha, embora fosse difícil dizer por causa da névoa. Estava silencioso, exceto por um estrondo de trovão, o som mais próximo do que ela poderia esperar, a tempestade estava quase em cima deles. Ela passou o feixe da lanterna através das árvores, da escuridão e das árvores novamente, então um brilho do que parecia ser — "Capitão, olhe!"

Enrico chegou ao lado dela, e dentro de segundos, mais cinco feixes de luz vieram em direção ao brilho de metal que ela tinha visto, iluminando o que, de fato, era uma estreita estrada de terra — e um jipe virado de cabeça para baixo. Rebecca pôde ver PM

gravado na porta ao lado assim que a equipe se aproximou. Polícia Militar. Ela viu uma pilha de roupas espalhadas por debaixo do para-brisa quebrado e franziu a testa, se aproximando para dar uma olhada melhor — em seguida, guardou sua arma no coldre e puxou seu kit médico, correndo e se ajoelhando ao lado do jipe caído, sabendo antes mesmo de sentar novamente sobre os calcanhares que não havia nada que pudesse fazer. Havia sangue demais.

Dois homens. Um havia sido claramente arremessado, estava contorcido a alguns metros dali. O outro, o homem de cabelos claros na frente dela, estava com metade do corpo debaixo do jipe. Ambos vestiam uniformes militares. Seus rostos e os órgãos superiores haviam sido severamente mutilados. Tinham grandes rasgos através da pele e dos músculos e talhos profundos em suas gargantas.

De forma alguma um acidente teria feito tudo isso. Rebecca instintivamente estendeu a mão para sentir o pulso, observando o frio da carne. Ela levantou e foi até o outro corpo, verificando novamente se havia qualquer sinal de vida, mas ele estava tão frio quanto o outro.

"Você acha que eles são de Ragithon?" alguém perguntou. Richard. Rebecca viu uma maleta, perto da pálida mão estendida do segundo cadáver, e engatinhou até ela, deixando de prestar atenção na resposta de Enrico, então abriu a tampa da maleta.

"É a base mais próxima, mas olhe a insígnia. Eles são jarheads*(Nota 2)*. Poderia ser de Donnell", disse Enrico.

Uma prancheta estava em cima de um punhado de arquivos, com um documento oficial anexado a ela. Havia nele uma pequena foto 3x4 no canto superior esquerdo, de um belo e jovem homem de olhos escuros, um civil — nenhum dos corpos parecia com ele. Rebecca levantou a folha, lendo em silêncio — logo sua boca ficou

seca.

"Capitão!" ela se pôs em pé.

Enrico olhou de onde ele estava agachado, ao lado do jipe. "Hmm? O que aconteceu?"

Ela leu em voz alta as partes pertinentes. "Ordem do Tribunal para transporte... prisioneiro William Coen, ex-tenente, 26 anos de idade. Condenado à morte pela corte marcial em 22 de julho. Prisioneiro em transferência para a base de Ragithon para execução". O tenente tinha sido condenado por assassinato em primeiro grau.

Edward puxou a prancheta de suas mãos, dizendo o que já havia sido formulado na cabeça de Rebecca, mas com voz a pesada, cheia de raiva. "Aqueles pobres soldados. Eles só estavam fazendo seus trabalhos, aquele canalha assassinou todos e fugiu."

Enrico tirou a prancheta dele, dando uma rápida olhada nela. "Tudo bem, pessoal. Mudança de planos. Temos um assassino à solta em nossas mãos. Vamos nos separar e fazer um levantamento imediato da área, ver se conseguimos localizar o tenente Billy. De qualquer modo, mantenham a guarda e reportem em quinze minutos."

Todos ao redor acenaram com a cabeça. Rebecca respirou fundo, e assim como os outros, começou a se deslocar, verificando seu relógio, determinada a ser tão profissional quanto qualquer outra pessoa da equipe. Quinze minutos sozinha, não é grande coisa. O que pode acontecer em quinze minutos? Sozinha. No escuro, na floresta escura.

"Pegou seu rádio?"

Rebecca deu um pulo e virou-se ao som da voz de Edward, o

grande homem de pé logo atrás dela. O mecânico bateu em seu ombro, sorrindo.

"Relaxa, mocinha."

Rebecca sorriu para ele, embora ela odiasse ser chamada de "mocinha". Edward tinha apenas 26, pelo amor de Deus. Ela deu um tapinha na unidade em seu cinto.

"Checado".

Edward acenou com a cabeça, afastando-se. Sua mensagem era clara e tranquilizadora. Ela não estava realmente sozinha, não enquanto tivesse rádio. Ela olhou em volta, viu que vários dos outros já tinham ido e estavam longe de vista. Kevin, ainda no assento do piloto, estava indo perto da pasta que ela tinha encontrado. Ele a viu e acenou com uma saudação. Rebecca acenou com o polegar para cima e erguendo os ombros, puxando a sua arma mais uma vez e saindo pela escuridão. Lá em cima, as trovoadas retumbavam.

Albert Wesker sentou-se na estação Con B1, a sala era escura, exceto pela cintilação de um grupo de monitores de observação, seis deles, mudando em cada um a rotações das câmeras a cada cinco segundos. Havia imagens de todos os níveis do centro de pesquisas, desde a parte superior e até os pisos inferiores da fábrica e estação de tratamento de água, e o túnel que ligava os dois. Ele olhou para as silenciosas telas em preto-e-branco, sem prestar atenção nelas, toda sua atenção estava voltada para as transmissões de entrada da equipe de limpeza. Uma equipe de três homens — bem, dois e um piloto — estavam a caminho do helicóptero, praticamente em silêncio, pois eles eram profissionais, afinal, não são de ficar fazendo brincadeiras machistas ou piadinhas juvenis, o que significava que o que Wesker estava ouvindo deveria ser um monte de estática. Estava tudo bem, o ruído seco combinava com os rostos

pálidos que via nos monitores, os corpos putrefatos caídos pelos cantos, os homens que tinham sido infectadas vagando sem rumo pelos corredores vazios. Como na mansão de Arklay e nos laboratórios há apenas alguns quilômetros de distância, o local privado de pesquisas da White Umbrella e as suas instalações foram atingidos pelo vírus.

"ETA(Nota 3) trinta minutos, desligo", disse o piloto, com sua voz crepitante através da sala mal iluminada.

Wesker inclinou-se respondendo *"Entendido."*

Silêncio novamente. Não houve necessidade de falar sobre o que aconteceria quando eles chegarem ao trem... e, embora o canal ainda estar aberto, era melhor não dizer mais nada além do necessário. A Umbrella tinha sido construída sobre uma fundação sigilosa, uma característica da gigante farmacêutica que ainda era honrada por todos os altos escalões da administração. Mesmo nos legítimos negócios da empresa, quanto menos se falar, melhor.

Está tudo encaminhado, Wesker pensou à toa, assistindo as telas. A mansão de Spencer e os laboratórios ao redor caíram no meio de maio. A White Umbrella definiu como "acidental" o laboratório ter sido bloqueado até que todos os pesquisadores infectados e o resto da equipe se tornassem "inefetivos". De qualquer maneira, erros aconteceram. Apesar do pesadelo na central de pesquisa que ainda ocorria bem na sua frente ter acontecido há sequer um mês depois ... e há apenas poucas horas, o engenheiro do trem privado da Umbrella, o Ecliptic Express, tinha apertado o botão de risco biológico.

Então, o bloqueio não funcionou, o vírus vazou e se espalhou. Simples assim ... não é?

Havia um grupo de soldados infectados na sala de jantar do

centro de pesquisas, um deles andando em círculos ao redor da outrora bonita mesa. Ele estava vazando um líquido viscoso de uma horrível ferida na cabeça enquanto cambaleava, alheio ao seu paradeiro, a dor, a tudo. Wesker mexeu no painel de controle abaixo do monitor, mantendo a vigilância e movendo para a próxima tela. Ele se recostou na cadeira, assistindo o ambulante condenado circular a mesa novamente.

"Sabotagem, talvez," disse suavemente. Não podia ter certeza. Foi feita de tal forma que parecesse natural — um vazamento no laboratório de Arklay, e em completo bloqueio. Poucas semanas depois, o desaparecimento de um casal de exploradores, provavelmente causado por uma cobaia ou duas que tenham escapado, e mais algumas semanas, uma infecção na instalação da White Umbrella. Seria altamente improvável que um dos infectados tenha encontrado o caminho para um dos outros laboratórios de Raccoon, mas seria possível ... só que agora havia o trem a considerar. E aquilo não parecia ter sido um acidente. Pareceu... planejado.

Inferno, eu poderia ter feito isso sozinho, se eu tivesse pensado nisso.

Ele estava procurando uma maneira de sumir por algum tempo, cansado de trabalhar para pessoas que eram obviamente inferiores a ele... e bem ciente de que muito tempo na folha de pagamento da White Umbrella não era bom para a saúde. Agora, eles o queriam liderando o S.T.A.R.S. na mansão e nos laboratórios de Arklay, para descobrir como os bichinhos de guerra da Umbrella se sairão contra soldados armados. Será que eles darão à mínima se ele morrer no processo? Não até que ele registrasse as primeiras informações, disso tinha certeza.

Os pesquisadores, médicos, técnicos — qualquer um que

trabalhou para a White Umbrella por mais de uma década ou duas tinham o hábito de sumir ou serem encontrados mortos. George Trevor e sua família, Dr. Marcus, Dees, Dr. Darius, Alexander Ashford... e estes foram apenas alguns dos grandes nomes. Só Deus sabia quantas pessoas foram parar em sepulturas debaixo de algum lugar ... ou se tornaram cobaias em testes A, B e C.

O canto da boca de Wesker se contraiu. E pensando nisso, *ele* tinha uma boa ideia de quantos foram. Ele vinha trabalhando para a "White Umbrella" desde o final dos anos setenta, e a maior parte disso na divisão de Raccoon, e tinha visto documentos de um bom número de cobaias, muitas delas ele mesmo ajudou a capturar. Já tinha passado da sua hora de cair fora ... e se ele pudesse obter os dados que os grandões queriam, seria capaz de se lançar como um pequeno fornecedor de guerra, um presente de despedida para financiar sua aposentadoria.

A White Umbrella não era o único grupo interessado em pesquisas com armas biológicas.

Mas primeiro uma limpeza no trem. *E este lugar,* ele pensou, observando como o soldado da cabeça ferida tropeçou na perna de uma cadeira e caiu feio. O centro de pesquisas foi conectado à estação de tratamento de água "privada" por um túnel subterrâneo, isso tudo deveria ser limpo.

Alguns segundos se passaram, e na tela o soldado cambaleava em pé novamente, continuando em sua irracional busca por lugar nenhum... e agora estava com um garfo de jantar cravado em seu ombro direito, uma pequena recordação de seu tombo. O soldado não percebeu, é claro. Que doença encantadora. E esta era o mesmo tipo de cena que ocorria nos laboratórios de Arklay, Wesker tinha certeza, que as últimas desesperadas ligações de telefone que partiram do laboratório em quarentena eram um retrato vivo de

como o T-vírus era eficaz. Isso tudo teria de ser limpo, também ... mas não antes dele levar o S.T.A.R.S. até lá para um pequeno treinamento.

Seria um jogo interessante. Os S.T.A.R.S. eram bons — ele próprio selecionou metade deles — mas eles nunca tinham visto nada parecido com o T-vírus. O soldado morto na tela era um bom exemplo — portando o vírus recombinante, continuava sua interminável turnê pela sala de jantar, lenta, e principalmente, inconsciente. Ele também não sentia dor — e ele atacaria sem hesitar qualquer um ou tudo o que atravessasse seu caminho, o vírus seguiria continuamente à procura de novos hospedeiros para infectar. Embora o vazamento original supostamente tenha acontecido pelo ar, após este período, o vírus só seria transmitido por fluídos corporais. Pelo sangue, ou, por digamos, uma mordida ... E o soldado era apenas um homem, mas o T-vírus trabalhava em qualquer tipo de tecidos vivos, e havia uma série de outros ... animais ... para ver em ação, são os triunfos conquistados com as cobaias do laboratório.

Enrico já deveria estar com os Bravos lá fora, em busca dos últimos exploradores desaparecidos, mas era muito improvável que fosse encontrar algo onde ele estava planejando fazer buscas. Em breve, Wesker estava para organizar um acampamento Alpha/Bravo na "abandonada" mansão Spencer. Então ele apagará

as evidências e sairá feliz da vida, muito rico, e para o inferno com a White Umbrella, para o inferno com sua vida como agente duplo, brincando com as vidas insignificantes de homens e mulheres, os quais ele não dava à mínima.

O moribundo na tela caiu mais uma vez, arrastou-se pelo chão e seguiu em frente.

"Vai ganhar ouro na maratona, baby," Wesker disse, e

gargalhou, o som ecoou através da escuridão vazia.

Algo se moveu nos arbustos. Algo maior que um esquilo.

Rebecca virou-se para o som, mirando a lanterna e a nove milímetros no arbusto.

A luz pegou o último dos movimentos, as folhas ainda tremiam, e o raio de sua lanterna tremia junto com elas. Ela deu um passo mais perto, engolindo seco, contando regressivamente a partir do dez. Fosse o que fosse, tinha ido embora agora.

Um guaxinim, só pode. Ou talvez o cachorro de alguém que se soltou e fugiu.

Ela olhou para o relógio, certa que deveria ser hora de voltar, viu que ela estava sozinha por pouco mais de cinco minutos. Não tinha visto ou ouvido qualquer outra pessoa desde que se distanciou do helicóptero, era como se todo mundo tivesse sumido da face da terra.

Ou eu tenha, pensou sombriamente, abaixando um pouco a mão da arma, para verificar sua posição. Ela estava seguindo para sudoeste do ponto de partida, ela continuaria por mais alguns minutos, e então — Rebecca piscou, surpresa ao ver uma parede de metal sob o feixe de luz a menos de dez metros de distância. Ela jogou a luz através da superfície, viu janelas, uma porta — "Um trem", ela suspirou, franzindo ligeiramente a testa. Ela pareceu lembrar-se de uma linha férrea aqui ou algo assim... A Umbrella, a corporação farmacêutica, tinha uma linha privada que saiu de Latham para Raccoon City, não foi? Ela não estava muito certa dos fatos — ela não era local — mas tinha certeza de que essa empresa foi fundada em Raccoon. A sede da Umbrella se mudou para a Europa há algum tempo, mas eles ainda possuíam praticamente toda a cidade.

Então o que isto está fazendo parado aqui, morto na floresta, a esta hora da noite?

Ela percorreu com a luz da lanterna para cima e para baixo do trem, viu que havia cinco vagões altos, cada um com dois andares. *ECLIPTIC EXPRESS* estava escrito logo abaixo do teto do vagão em frente a ela. Haviam algumas luzes, mas eram fracas, mal iluminavam através das janelas ... as quais estavam quase todas quebradas. Ela pensou ter visto a silhueta de uma pessoa perto de uma que não estava quebrada, mas não se movia. Alguém dormindo, talvez.

Ou ferido, ou morto. Talvez essa coisa esteja aí parada porque Billy Coen o encontrou em seu caminho.

Deus, mas que pensamento. Ele poderia estar lá dentro agora, com reféns. Ela deveria solicitar reforços imediatamente. Ela começou a procurar o rádio, então parou.

Ou talvez o trem estragou há duas semanas e tem estado aqui desde então, e tudo o que você vai encontrar lá dentro será uma colônia de marmotas.

Será que a equipe gargalharia com isso? Eles seriam compreensivos, mas ela teria que suportar semanas, talvez meses, de chacotas após pedir reforços para um trem abandonado.

Ela olhou seu relógio novamente, viu que dois minutos tinham se passado desde a última verificação ... e sentiu uma gota de água fria bater em seu nariz. Depois outra no braço. Em seguida, o suave e musical bater de centenas de gotas contra folhas e terra, e logo milhares delas, como se o céu tivesse se aberto, a tempestade finalmente estava começando.

A chuva decidiu por ela, uma rápida olhada lá dentro antes que voltasse ao local combinado, só para se certificar que tudo estaria

como deveria estar. Se Billy não estava por perto, ela deveria ao menos ser capaz de informar que o trem parecia estar limpo. E se ele estiver...

"Vai ter que me enfrentar", ela murmurou, mas o som foi abafado pela crescente tempestade assim que ela se aproximou do trem silencioso.

Capítulo 2

Billy sentou no chão entre duas fileiras de poltronas, trabalhando em suas algemas com um clipe de papel que tinha encontrado no chão. Um dos seus punhos já estava livre, o da direita se abriu quando o jipe capotou, mas a menos que quisesse sair por aí usando um chamativo e incriminador bracelete, ele teria que libertar o outro.

Tirar isso e dar o fora daqui, ele pensou, empurrando a tranca com o pequeno pedaço de metal. Ele não queria perder tempo, não precisava lembrar-se do que aconteceria, não precisava. O ar estava pesado com o cheiro do sangue que estava espalhado por toda parte, e embora ele tenha encontrado um vagão sem nenhum cadáver, não tinha dúvida de que os outros vagões estavam cheios deles.

Os cães, deve ter sido aqueles cães ... mas quem os soltou?

O mesmo cara que tinha visto na floresta, tinha que ser. O cara que apareceu na frente do jipe, fazendo o motorista perder o controle e capotar. Billy tinha sido arremessado para fora, e com exceção de algumas contusões, saiu ileso. Sua escolta da MP, Dickson e Elder, ficaram presos debaixo do veículo capotado. Eles estavam vivos, embora aquele cara na estrada, seja ele quem for, tenha sumido depois do acidente.

Tinha sido um minuto difícil, ou dois, lá de encontro com a escuridão, o calor, o forte cheiro de gasolina em seu rosto, seu corpo dolorido, tentando decidir — fugir ou pedir ajuda pelo rádio? Ele não queria morrer, não *merecia* morrer, a menos que pudesse crer que teria uma morte digna. Mas ele não poderia deixá-los, os

dois homens estavam presos sob uma tonelada de metal retorcido, feridos e quase inconscientes. Sua alternativa era pegar alguma trilha não pavimentada pelo bosque até a base, assim estaria com grande vantagem de tempo sobre quem os encontrasse. Sim, eles estavam o levando para sua execução, mas estavam apenas seguindo ordens, não era nada pessoal, e eles não mereciam morrer mais do que ele merecia.

Ele decidiu separar as diferenças, pediu socorro pelo rádio e em seguida correu como o diabo... foi então que os cães apareceram. Grandes, úmidos, coisas muito esquisitas, três deles, e logo ele estava correndo por sua vida, porque havia algo errado, muito errado com eles, havia difícil percebido mesmo antes deles atacarem Dickson, rasgando sua garganta enquanto o puxavam debaixo do jipe.

Billy pensou ter ouvido um *click,* então forçou as algemas, sibilando ar através dos dentes quando o fecho de metal se recusou a ceder. Maldita pulseira. O clipe foi um achado, embora só tivesse porcarias em toda parte — papéis, bolsas, casacos, pertences pessoais — e sangue em praticamente tudo. Talvez ele achasse algo mais útil se procurasse melhor... mas isso significaria mais tempo dentro daquele trem, o que não lhe parecia muito divertido. E ele presumiu que esse era o lugar onde os cães viviam, enfurnados aqui com aquele retardado imbecil que gostava de pular na frente de carros em movimento. Ele só subiu a bordo para escapar dos cães, se organizar, e planejar seus próximos passos.

E isso aqui está parecendo um açougue, ele pensou, balançando a cabeça. *E sem nenhuma frigideira no fogo.* Independente do que diabos estava acontecendo nestes bosques, ele não queria fazer parte disso. Ele libertaria o pulso, encontraria algum tipo de arma, talvez pegar uma carteira ou duas entre toda aquela bagagem

salpicada com sangue — ele não tinha dúvidas de que seus proprietários tiveram um longo passado rico — e voltar o mais rápido possível à civilização. Em seguida, Canadá, ou talvez México. Ele nunca tinha roubado antes, nunca pensou em deixar o país, mas se quisesse sobreviver, agora teria que pensar como um criminoso.

Ele ouviu um trovão, e logo, o suave bater de chuva contra algumas das janelas que ainda estavam inteiras. O tamborilar dos pingos se tornaram uma cavalaria, o ar cheirando a sangue foi se dissipando com uma lufada de vento que veio através de uma vidraça estilhaçada.

Beleza. Parece que sairá caminhando sob uma tempestade.

"Tanto faz", ele murmurou, e jogou o clipe de papel inútil contra o banco à sua frente. A situação estava seriamente FUBAR*(Nota 4)*, e ele duvidava que ela pudesse ficar muito pior — Billy congelou, prendeu a respiração. A porta de entrada para o trem estava se abrindo. Ele pôde ouvir o metal deslizando, a chuva que caía ficando mais alta, e em seguida mais baixa novamente. Alguém tinha entrado a bordo.

Merda! E se for o maníaco com os cães?

Ou se alguém encontrou o jipe?

Ele se sentiu enjoado, com um nó em seu estômago. Poderia ser. Poderia ser que mais alguém da base decidiu usar a estrada de trás à noite, talvez já tenha solicitado reforços quando viu o acidente — e percebeu que deveria haver um terceiro passageiro, um certo homem condenado à morte. Ou talvez ele já estava sendo caçado.

Ele não se mexeu, esforçando-se para ouvir os movimentos de quem tinha vindo da chuva. Por alguns segundos, nada — então ele ouviu uma pisada suave, um passo, depois outro. Afastando-se dele,

indo em direção à frente do trem.

Billy inclinou-se para frente, deslizando cuidadosamente suas dog tags*(Nota 5)* penduradas em seu pescoço para que não fizessem barulho, movendo-se lentamente, até que pudesse ver através da borda do assento do corredor. Alguém estava atravessando a porta de conexão, magro, baixo — uma menina, ou um jovem rapaz, talvez, vestido com um colete verde de Kevlar do exército. Ele poderia identificar apenas algumas letras na parte de trás do colete, um S, um T, um *A* — e em seguida ele, ou ela, se foi.

S.T.A.R.S. Será que enviaram uma equipe procurando por ele? Não podia ser, não tão rápido — o jipe capotou há talvez uma hora atrás, elites e o S.T.A.R.S. não tinham uma afiliação com os militares, eles eram uma subdivisão do Departamento de Polícia, ninguém poderia ter os chamado. Isso provavelmente tinha a ver com os cães que ele viu, obviamente algum tipo de feras mutantes, o S.T.A.R.S. geralmente lidava com toda a merda que os policiais locais não podiam ou não sabiam lidar. Ou talvez eles viriam para investigar o que aconteceu no trem.

Não importa o motivo, importa? Eles têm armas, e se eles descobrirem quem é você, esse gostinho de liberdade será o seu último. Dê o fora daqui. Agora.

Com cães canibais correndo na floresta? Não sem uma arma, de jeito nenhum. Deveria haver algum tipo de segurança a bordo, trajando uniforme e uma arma, ele só teria de procurar. Seria um risco com um S.T.A.R.S. a bordo — afinal, tinha apenas um deles. Se ele tiver que ...

Billy balançou a cabeça. Ele tinha visto mortes o suficiente nas Forças Especiais. Se ele vier aqui e agora ele lutaria ou correria. Ele não iria matar, nunca mais. Ao menos não um dos mocinhos.

Billy rastejou pelo chão, mantendo-se abaixado, com as algemas penduradas em seu pulso balançando. Ele primeiro procuraria o que precisava neste vagão, depois se afastaria do S.T.A.R.S. intruso, vendo o que poderia encontrar. Não haveria necessidade de um confronto se pudesse evitar. Ele só iria — Bam! Bam! Bam!

Três tiros, vieram do vagão da frente. Uma pausa, depois três, mais quatro ... depois, nada.

Aparentemente, nem todos os vagões do trem estavam vazios. O nó em seu estômago apertou, mas ele não deixou isso o atrasar enquanto pegava a primeira mala que viu e começou revirá-la.

O primeiro vagão estava vazio, sem vida — mas sem dúvida algo muito ruim aconteceu lá.

Um acidente? Não, não há nenhum dano nas estruturas ... mas muito sangue!

Rebecca fechou a porta atrás dela, calando a grossa cortina de chuva e olhou para o caos ao seu redor. A cabine era muito bonita, toda em madeira escura e caros carpetes, luminárias clássicas, papel de parede. Agora havia jornais, malas, casacos, bagagens abertas e derramadas em todo o chão — *parecia* que tinha havido um acidente, e as diversas manchas de sangue salpicadas e escorrendo pelas paredes da cabine e assentos impressionavam.

Mas onde estavam os passageiros?

Ela seguiu andando pelo vagão, apontando sua arma para cima e para baixo pelo corredor. Havia poucas luzes ligadas, o suficiente para ver, mas as sombras eram profundas. Nada se movia. A parte de trás do assento à sua esquerda estava manchada de sangue. Ela estendeu a mão e tocou a grande mancha, então limpou a mão em sua calça, com cara de espanto. Estava úmida.

Luzes acesas, sangue fresco. O que aconteceu, aconteceu recentemente.

O Tenente Billy, talvez? Ele era procurado por assassinato ... mas a menos que ele tivesse uma gangue com ele, no entanto, não parecia provável, a destruição era generalizada, muito extrema, mais para um desastre natural do que algum tipo de situação envolvendo reféns.

Ou mais como os assassinatos da floresta.

Ela baixou a cabeça, respirando fundo. Os assassinos devem ter atacado novamente. Os corpos que foram recuperados foram dilacerados, mutilados, e as cenas de crime provavelmente pareciam exatamente como neste vagão ensanguentado. Ela deve sair agora, contatar o capitão pelo rádio, chamar o resto da equipe. Quando começou a voltar para a porta — hesitou.

Eu deveria assegurar o trem primeiro.

Ridículo. Seria loucura ficar aqui por sua conta e risco, estúpido e perigoso. Ninguém poderia esperar que ela fosse para uma cena de homicídio sozinha — supondo que alguém *realmente tenha sido* assassinado. Parecia para ela que tinha havido um tiroteio ou algo assim, e o trem precisou ser evacuado.

Não, isso é estúpido. Haveria policiais em toda parte, EMTs(Nota 6), helicópteros, jornalistas. O que quer que tenha acontecido aqui, eu sou a primeira a chegar à cena ... e assegurar a cena é a prioridade.

Ela não podia deixar de imaginar o que os rapazes iriam dizer quando verem que ela tinha tomado conta de tudo sozinha. Eles iriam parar de chamá-la de "mocinha", de uma vez por todas. No mínimo, seu status de iniciante ficaria para trás muito mais rápido do que imaginava. Ela poderia fazer uma rápida varredura, *nada de mais*, e se as coisas parecerem um pouco mais perigosas, ela

chamaria a equipe e pronto.

Ela assentiu para si mesma. Certo. Ela podia dar cabo de uma inspecionada, sem problemas. Uma respirada funda, e ela partiu para a frente do vagão, cuidadosamente entre as bagagens espalhadas. Quando ela chegou à porta de ligação dos vagões, ela preparou-se e rapidamente atravessou, abrindo a segunda porta antes que perdesse a coragem.

Oh, não.

O primeiro vagão já tinha sido ruim, mas neste havia pessoas. Três, quatro — cinco que ela podia enxergar de onde estava, e todos eles obviamente mortos, rostos devastados por garras desconhecidas, corpos encharcado por algo úmido e escuro. Alguns estavam caídos pelas poltronas, como se tivessem sido brutalmente assassinados onde estavam sentados. O cheiro de morte era algo evidente, como o cobre e fezes, como frutas podres em um dia quente.

A porta automática se fechou atrás dela, e ela avançou, seu coração batendo rápido, de certa forma consciente de que ela estava muito longe do que estava acostumada, ela precisava solicitar ajuda pelo rádio — em seguida, ouviu um sussurro, dando-se conta que não estava sozinha.

Ela apontou a arma para o corredor vazio à frente, incerta de onde o som estava vindo, seu coração batia duas vezes mais forte.

"Identifique-se!” ela disse com voz mais firme e mais autoritária do que esperava.

O sussurro continuava, sufocantes e distantes, estranhamente abafados na outra extremidade do vagão silencioso, ela imaginava como um maníaco assassino poderia parecer, sentado e sussurrando para si mesmo após uma onda de assassinatos. Ela estava prestes a

repetir quando viu a origem dos sussurros, no chão a meio caminho do corredor. Era um pequeno rádio transmissor, aparentemente sintonizado em um estação AM de notícias. Ela caminhou em direção a ele, sentindo uma súbita onda de alívio, afinal, ela estava mesmo sozinha.

Ela parou na frente do rádio, baixando sua semi-automática. Havia um corpo no assento da janela a sua esquerda, após uma olhada de relance, ela evitou olhar para ele, a garganta do homem tinha sido cortada e seus olhos estavam revirados para o lado de dentro da cabeça. Seu rosto cinza e roupas esfarrapadas estavam brilhando por causa de um líquido viscoso, deixando ele parecido com um zumbi de filmes de terror.

Ela se abaixou e pegou o rádio, rindo de si mesma, apesar do medo que ainda corria através dela. Seu "maníaco assassino" era uma mulher que informava as notícias. O sinal era ruim, o pequeno aparelho assobiava estática a cada frase.

Ok, então ela era uma idiota, de qualquer forma, era hora de chamar Enrico, e Rebecca se virou, sabendo que o sinal do rádio ficaria melhor do lado de fora, então um movimento veio do assento da janela, era tão lento e sutil, que por um momento, ela pensou que era apenas a chuva. Em seguida, o movimento gemeu, um profundo e baixo som de sofrimento, não poderia ser a chuva.

O cadáver levantou de seu assento e foi em sua direção. Sua cabeça deformada pendeu para trás e para o lado, cruelmente expondo a carne de sua garganta cortada, e os gemidos ficaram mais profundos, mais escandalosos. Assim que ele esticou os braços para frente, seu rosto arruinado começou a pingar sangue e gosma.

Ela largou o rádio e deu um passo para trás tropeçando, horrorizada. Ela estava enganada, ele não estava morto, mas estava obviamente insano com a dor. Ela tinha que ajudá-lo.

Não há muito no kit de primeiros socorros, embora haja morfina, vai aliviá-lo, oh Deus, o que aconteceu aqui —

O homem cambaleou para mais perto, olhando para ela, suas pupilas totalmente brancas, derramando uma baba preta de sua boca rasgada — e apesar de saber que era seu dever fazer algo para aliviar seu sofrimento, ela reflexivamente deu mais um passo para trás. Era seu dever, mas seus instintos diziam para ela correr, para fugir, pois ele queria machucá-la.

Ela se virou, sem saber o que fazer — e logo havia mais duas pessoas em pé no corredor atrás dela, ambos com os rostos mutilados como o homem de olhos brancos, e todos começaram a ir na direção dela, se movendo como monstros de filmes de terror. O homem da frente usava um uniforme, deveria ser uma espécie de funcionário do trem, seu rosto magro, esquelético, e cinza. Atrás dele, um homem cujo rosto tinha sido parcialmente arrancado, revelando sua arcada dentária do lado direito da boca.

Rebecca balançou a cabeça, erguendo a arma. Isso deve ser algum tipo de doença, um derramamento de produto químico, ou algo assim. Eles estavam doentes, tinham de estar doentes — ela sabia que os três homens chegando mais perto, com os ossos dos dedos à mostra, gemendo de fome, talvez estivessem doentes, mas também estavam prestes a atacá-la. Estava tão certa disso como sabia seu próprio nome.

Atire! Faça isso!

"Pare!" ela gritou, voltando-se para o homem de olhos brancos, ele estava mais perto, muito perto, e se estava ciente de que ela estava apontando uma arma para ele, não deu nenhum sinal. "Eu vou atirar!"

"Aaaahh," o monstro esganiçou, tentando agarrá-la, revelando

seus dentes escuros, e Rebecca disparou.

Dois, três tiros, as balas rasgaram sua carne descolorida, as duas primeiras acertaram seu peito, o terceiro abrindo um buraco logo acima seu olho direito. Com o terceiro tiro, a criatura soltou grunhido insano, um som de frustração ao invés de dor, e caiu no chão.

Ela virou novamente, rezando para que o som dos tiros tivesse feito os outros dois recuarem, mas viu que eles estavam quase em cima ela, com seus olhos vidrados e gemidos ansiosos. Seu primeiro tiro atingiu o homem de uniforme na garganta, e assim que ele cambaleou para trás, ela apontou logo para a perna do segundo homem.

Talvez eu possa apenas feri-lo, neutralizá-lo —

O homem uniformizado começou a avançar novamente, gorgolejando sangue pela garganta.

"Deus", ela disse, com voz baixa por causa do choque, mas eles ainda estavam vindo, ela não tinha tempo para raciocinar. Então mirou e disparou mais duas, três

vezes, todos os tiros na cabeça. Sangue e carne se espalharam. Os dois homens caíram.

Logo, um súbito silêncio, nenhum movimento, Rebecca percorreu todo o vagão com o olhar, seu corpo vibrando com a adrenalina. Haviam mais dois, três "cadáveres", mas nenhum deles se moveu.

O que aconteceu? Eu pensei que eles estavam mortos.

Eles *estavam* mortos. Eles eram zumbis.

Não, não existiam coisas desse tipo. Rebecca checou para ter

certeza de que havia mais balas no pente, fazendo isso automaticamente enquanto se esforçava para entender a situação. Eles não eram zumbis, não como nos filmes. Se eles estivessem realmente mortos, os tiros não teriam os feito sangrarem daquele jeito, sangue não jorra se o coração não estiver batendo.

Mas eles só caíram após levarem tiros na cabeça.

Realmente. Mas isso ainda poderia significar algum tipo de doença, talvez algo que bloqueie os receptores de dor ...

Os assassinatos da floresta. Rebecca arregalou os olhos ainda mais, juntando uma coisa com a outra. Se lá *houve* algum tipo de derramamento de produtos químicos ou doença, isso poderia afetar qualquer pessoa que estiver aqui na floresta, fazendo uns atacar outros. Haviam relatórios recentes de ataques de animais selvagens, cães selvagens, também — seria possível que a doença atacasse qualquer espécie? Algumas das vítimas tinham sido parcialmente devoradas, com mordidas feitas por mandíbulas humanas *e* animais em pelo menos dois dos corpos.

Ela ouviu um movimento suave e prendeu a respiração. Vinha da porta de trás, de onde ela veio, um cadáver que estava sentado parecia ter caído do seu assento. Ela fixou o olhar nele tempo o suficiente para parecer uma eternidade, mas ele não se mexeu novamente, o único som era o da chuva lá fora. Cadáver, ou vítima de alguma circunstância trágica? Ela não queria descobrir.

Rebecca recuou, passando por cima do homem com os olhos brancos, agora mais morto ainda, decidindo que iria tentar a porta à frente do vagão. Ela tinha que sair do trem, avisar aos outros o que tinha encontrado. Ela matutava em sua cabeça o que precisava ser feito depois — a comunidade precisava ser alertada, formar instalações de quarentena por toda parte. O governo federal deveria ser envolvido, também, a CDC*(Nota 7)* ou a USAMRIID*(Nota 8)* ou

talvez a EPA*(Nota 9)*, uma agência com o poder de fechar todas as fronteiras, descobrir o que está acontecendo.

Seria uma enorme mobilização, mas poderia realmente contribuir, realmente fazer uma — O cadáver na parte de trás do vagão se moveu novamente, com sua cabeça caída diante do peito, e todos os pensamentos de salvar Raccoon fugiram de sua mente chocada. Rebecca com medo virou-se e correu para a porta de conexão.

Tudo o que ela queria era sair de lá.

Não demorou muito tempo para encontrar uma arma, e por sorte, Billy estava intimamente familiarizado com o padrão das pistolas da polícia militar, que encontrou em uma mochila debaixo de um assento. Era do mesmo tipo que a sua escolta estava carregando. Havia também na mochila um pente de reposição e uma caixa pela metade de balas 9x19mm parabellum, bem como um isqueiro, outro dispositivo útil para se ter por perto, nunca se sabe que quando o fogo pode ser necessário.

Ele se armou, guardando o pente em seu cinto e as balas extras nos bolsos da frente, desejando estar com sua antiga farda em vez de calças jeans. Jeans não era a melhor alternativa para carregar essas porcarias por aí. Ele começou a procurar uma jaqueta, mas decidiu deixar para lá; mesmo com a chuva era uma noite quente, e perambular por aí com uma calça jeans encharcada já era ruim o suficiente. Os seus pequenos bolsos teriam que servir.

Ele parou diante da porta que o levaria de volta para a floresta, de arma na mão, dizendo a si mesmo que precisava ir andando — e ainda não tinha ido. Ele não tinha ouvido nada do garoto S.T.A.R.S. desde os sete tiros. Apenas alguns minutos se passaram; e se o garoto estiver em apuros, não era tarde demais para ele voltar e — Você está louco? Seu cérebro gritou com ele. Vai! Foge, seu idiota!

Certo, é claro. Ele tinha que se mandar. Mas não conseguia tirar o barulho daqueles tiros de sua cabeça, e ele passou muito tempo sendo um dos mocinhos para dar as costas para outro deles, caso precisassem de ajuda. Além disso, se o garoto *estivesse* morto, isso significaria uma arma extra.

"Sim, é isso aí", ele murmurou, perfeitamente consciente de que estava procurando uma razão mais egoísta para justificar a sua decisão. Não havia nada a fazer, ele tinha que ir olhar.

Com um gemido vindo lá de dentro, Billy se afastou da porta, da liberdade, optando por ir até a frente do vagão. Ele deu um passo através da primeira porta, hesitando um pouco na ligação dos vagões antes de agarrar a alça para o segundo, para dentro do próximo vagão. O único som que havia lá fora era o da chuva, caindo de forma torrencial como uma verdadeira tempestade. O mais silenciosamente que pôde, ele deslizou a segunda porta até abrir e atravessá-la.

O cheiro inconfundível o acertou primeiro. Sua mandíbula se apertou quando ele examinou o vagão, contando as cabeças. Três no corredor. Dois à frente na direita, e bem à sua esquerda, um caído na poltrona. Todos eles mortos.

O homem na estrada ...

Billy franziu a testa, percebendo que qualquer um dos corpos em torno dele poderia ter passado pelo idiota que tinha se atravessado na frente do jipe, causando o acidente. Ele tinha apenas uma vaga lembrança do cara, mas lembrava que ele parecia doente. Talvez uma dessas pessoas — mas não, eles pareciam estar mortos há dias.

Então no que o garoto estava atirando?

Billy se aproximou do cadáver mais próximo, agachando-se ao

lado dele, olhando as feridas com seus olhos treinados enquanto respirava vagarosamente pela boca.

O cara tinha sido morto há algum tempo, parte da bochecha direita estava faltando, fazendo parecer que ele sorria amplamente para Billy, e as bordas da pele rasgada estavam apodrecendo, pretas com a decomposição. E ainda havia um, dois buracos de bala em sua testa, e uma piscina de sangue fresco rodeava sua cabeça e a parte superior do corpo, como uma sombra vermelha. Billy tocou na piscina com o lado da sua mão, franzindo a testa seriamente. Estava quente. O cadáver mais próximo, um atendente do trem, parecia quase a mesma coisa, a diferença é que um dos ferimentos foi na garganta dele.

Ele não era nenhum Einstein, mas não era totalmente incapaz de raciocinar. O sangue fresco só podia significar que essas pessoas apenas pareciam mortas. E o fato deles estarem cheios de buracos de bala sugeria que tentaram atacar o solitário membro do S.T.A.R.S.

O que significa que é melhor eu ser extremamente cuidadoso, pensou, levantando- se. Ele olhou para o corpo no banco agora atrás dele, com olhar apertado. Teria o homem se movido, ou foi uma ilusão por causa da iluminação? De qualquer maneira, ele já estava saindo de lá.

Ele se apressou pelo o corredor, passando sobre cadáveres, tentando olhar todos eles de uma vez e praguejando por sua necessidade de encontrar o pequeno S.T.A.R.S.. Se ele não tivesse uma *maldita* consciência, agora ele estaria bem longe.

Ele passou através das duas portas, com a arma pronta assim que entrou no próximo vagão. Não era um compartimento para passageiros, não era tão bem decorado; da entrada, ele só conseguia ver um pequeno corredor que se estendia a diante, e duas portas

fechadas à sua direita e algumas janelas do lado oposto. Ele escolheu as salas, ciente que seria o mais inteligente a fazer — pois dar as costas para uma área não verificada seria má ideia — e estava começando a pensar que sua consciência poderia deixá-lo louco. Ele não queria ter de checar o trem inteiro, ele só queria ver se o garoto estava bem e em seguida dar o fora de lá.

E se aquele garoto não aparecer em dois minutos, vou desembarcar de qualquer maneira. Isso aqui já encheu o saco.

"Saco" não era a palavra correta, ela não poderia descrever o terror que sentia em suas entranhas — ele tinha visto o medo paralisar os mais fortes dos homens, e sabia que não poderia perder seu tempo pensando em monstros e escuridão.

Melhor rir disso como um sonho ruim para se sair bem nessas situações.

Ele avançou pelo corredor, movendo-se silenciosamente, deslizando encostado na parede assim que a sala desalinhava à direita e depois seguia adiante, passado uma porta aberta, cheia de caixas de papelão espalhadas na frente, bloqueando a entrada. Sala de depósito, provavelmente. Não havia corpos, mas um cheiro de podridão pairava no ar. As poucas janelas inteiras por onde ele passa refletiam uma pálida sombra dele mesmo, lá fora apenas escuridão e chuva. Ele reparou com aflição que os pedaços de vidro de algumas das vidraças quebradas estavam do

lado de dentro do vagão, espalhados por todo o escuro piso de madeira ... O que sugeria que alguém tinha tentado *entrar,* e não sair. Assustador.

Parecia que o corredor se tornaria irregular novamente mais à frente, para a esquerda, passando outra porta fechada com uma placa ESCRITÓRIO DO CONDUTOR. Ele deveria estar perto da

frente agora — então enxergou uma segunda sombra pálida logo à frente, refletida em outra janela, logo após uma trecho sinuoso do vagão. Ele parou, ficou totalmente imóvel vendo ele ou ela agachar-se de costas para o corredor, descuidado de qualquer ameaça que pudesse vir de trás. Se era um S.T.A.R.S., ele ou ela precisava de mais treinamento.

Billy deu os últimos passos e ergueu a arma, aproximando-se por trás da pessoa agachada. Ele sabia que deveria evitar um confronto — o garoto estava obviamente bem e inteiro, e ele tinha outros lugares para estar — mas ele também queria saber o que estava acontecendo, e esta talvez fosse sua única chance de obter informações.

O membro do S.T.A.R.S. se virou, viu Billy, e levantou-se lentamente, olhando para ele.

"Garoto" não era muito distante do que ele imaginava, ele pensou, olhando para os grandes olhos inocentes de uma adolescente, uma menina. Deus, hoje em dia eles estavam contratando colegiais? Ela era baixinha, pelo menos meio metro menor do que ele, e bonita — cabelos castanhos avermelhados, magra, forte, mas mesmo assim, com traços delicados. Se ela pesasse mais de cinquenta quilos, ele ficaria surpreso.

Ela estava agachada em frente a um homem morto, seu corpo trucidado estava atirado na divisa com o vagão seguinte, onde ficava a saída, e se ela estava surpresa ao vê-lo, disfarçou bem.

"Billy", ela disse, com sua voz jovem, clara e melodiosa. As palavras dela o fizeram cerrar os dentes. "Tenente Coen."

Merda. Alguém já havia encontrado o jipe, afinal.

Ele manteve a arma levantada, voltada diretamente para seu olho direito, representando indiferença. "Então. Você parece me

conhecer. Esteve pesquisando sobre mim, não?”

"Você *era* o prisioneiro que estava sendo transferido para execução,” ela disse, com voz firme e dura. "Você que estava com aqueles soldados lá fora.”

Ela acha que eu fiz aquilo, que eu os matei, ele pensou. Estava escrito em seu rostinho de fada. Percebeu então que ela provavelmente não sabia nada sobre o que estava acontecendo, se não tinha ligado os mortos vivos com o que aconteceu com o jipe. E ele não viu nenhuma razão para desiludi-la. Ela estava tentando parecer durona, mas ele podia ver que estava a intimidando. Ele podia usar isso para sair dessa.

"Uh-huh, entendo”, disse ele. "Você está com o S.T.A.R.S.? Bem, sem querer ofender, docinho, mas você parece ser do tipo que não me quer por perto. Então, infelizmente nosso tempo para conversar acabou.”

Ele abaixou a arma, virou-se e se afastou, andando tranquilo e sem pressa — como se não desse a mínima para a presença dela. Ele estava contando com sua inexperiência e medo dele, para mantê-la sem reação. Foi um risco calculado, mas ele pensou que iria funcionar.

Ele enfiou a arma na cintura, na parte baixa das costas, e quando estava no meio do caminho de volta pelo corredor, ouviu os passos apressados dela alcançá-lo.

Merda, merda.

"Pare! Você está preso!” ela disse com firmeza.

Ele se virou e viu que ela não tinha sequer sacado sua arma. Ela estava fazendo o máximo possível para parecer ameaçadora, mas não estava conseguindo. Se a situação fosse menos séria, ou

menos bizarra, ele teria sorrido.

"Não, obrigado, boneca. Eu já estou usando algemas", disse, levantando sua mão esquerda e balançando a algema pendurada em seu pulso. Então virou-se e seguiu andando.

"Eu poderia atirar você, sabia!" ela gritou atrás dele, mas agora havia uma ponta de desespero em sua voz, ele continuou andando. Ela não o seguiu, e alguns segundos depois, ele já estava passando de volta pela primeira porta de conexão.

Ele abriu a porta do vagão dos passageiros mortos dando um sorriso trêmulo, aliviado. Foi melhor assim, cada um por si, e tudo o que — viu que o homem morto que estava atirado em uma poltrona na parte de trás agora estava de pé, cambaleando, seu único olho remanescente fixado onde ele estava. Com um gemido de fome, o criatura avançou em sua direção, estendendo as mão s com os dedos retalhados, como que para sentir o caminho até onde Billy.

Capítulo 3

Ao ver como Billy saiu do vagão, Rebecca ficou se sentindo impotente e nova demais. Ele nem sequer olhou para trás, como se ela não fosse motivo para se preocupar.

E aparentemente não sou, ela pensou de ombros baixos.

Ela não esperava que ele fosse tão, bem... assustador. Grande, musculoso, olhos escuros e uma tatuagem tribal que cobria todo o seu braço direito, uma camisa regata de algodão que deixava os dois braços descobertos. Ele parecia durão, e depois de seu terrível encontro com os moribundos, ela não estava preparada para a tarefa de levá-lo sob custódia.

Sem falar que ele tinha vantagem sobre você.

Ela havia encontrado um cadáver solitário na frente do vagão, um dos funcionários do trem, e viu o que parecia ser uma chave presa em uma de suas mãos frias. Como a única porta alternativa para sair do vagão estava trancada, ela teria que tentar abri-la — seria por ela ou voltar pelo vagão de passageiros. Antes ela estava tão concentrada na tentativa de pegar a chave sem arrebentar aqueles dedos duros que não escutou a aproximação daquele criminoso, não até que fosse tarde demais. Agora, ela andou até parte da frente do vagão, viu que, de qualquer maneira, a porta trancada utilizava um leitor de cartões. Droga. Até agora, ela estava fazendo tudo certo.

Ela se virou e procurou seu rádio, pronta para admitir a derrota. Mas se pudesse ao menos avisar a equipe rápido o suficiente, eles pegariam Billy. E o mais importante, ela não seria a

única a saber que algum tipo de praga tinha atingido Raccoon. Soou engraçado, a captura de um assassino condenado de repente estava mais abaixo na lista das prioridades...

Bam! Bam!

Antes mesmo que tocasse o botão do transmissor, ela ouviu dois tiros disparados no vagão à frente, da direção onde Billy tinha ido. Ela hesitou, sem saber o que fazer — e no mesmo instante, uma janela arrebentou atrás dela. Ela virou e viu cacos de vidro voando e uma figura humana caindo no chão.

"Edward!"

O mecânico não respondeu. Rebecca correu em direção ao seu companheiro de equipe, avaliando rapidamente suas condições. Além de um grave ferimento aberto em seu ombro, seu rosto estava cinzento com o choque, o olhar turvo e sem foco. Cada parte exposta de seu corpo estava coberta de contusões e escoriações.

"Você está bem?", ela perguntou, abrindo o seu kit de primeiros socorros, pegando gaze e curativos. Ela abriu o pacote e aplicou em seu ombro, tendo a impressão de não adiantaria muito, vendo a enorme quantidade de sangue que encharcava sua camisa, suas subclávias provavelmente haviam sido rompidas. Ela ficou surpresa por ele ainda estar vivo, e ainda mais ter força para saltar sozinho através de uma janela. "O que aconteceu?"

Edward rolou a cabeça para ela, piscando lentamente. Sua voz era tensa por causa da dor. "Pior que ... A gente não pode ..." Ela apertou firme a bandagem, mas ela já estava completamente encharcada de sangue. Ele precisava de um hospital, o mais rápido possível, ou ele não ia sobreviver.

A voz de Edward estava ficando mais fraca. "Você deve ter cuidado, Rebecca," ele gaguejava "... floresta está cheia de zumbis

... e monstros ...”

Assim que ela ia lhe dizer para não falar mais, para guardar suas energias — mais uma vidraça estourou, fazendo chover cacos de vidro sobre eles, a janela quebrando estava à esquerda deles. Uma, duas enormes e escuras criaturas saltaram através da vidraça quebrada, um mal se podia ver, logo após a curva do corredor, o outro estava indo na direção deles.

Zumbis e monstros.

Um cachorro, era um cão enorme, mas como nenhum outro que tinha visto antes. Deve ter sido um Doberman algum dia — e assim que ele rosnou, mostrando seus gotejantes dentes, expondo retalhos de pele e músculos pendurados em suas patas, ela percebeu que ele certamente também tinha sido infectado pela mesma doença que tinha atingido os passageiros do trem. E não parecia apenas morto, parecia *arrebentado,* seus olhos cobertos por uma membrana vermelha, seu corpo parecia uma colcha de retalhos de pele morta e tecidos sangrentos.

Edward não seria capaz de se proteger. Rebecca levantou-se lentamente e deu um passo para trás do mecânico morrendo, com sua arma na mão, embora ela não conseguisse lembrar de tê-la sacado. Ela podia ouvir o segundo cão ofegante, mais ao longo do corredor, fora de vista.

Ela mirou no olho esquerdo do animal, percebendo o verdadeiro horror daquela doença, ou seja lá o que fosse, pela primeira vez. Seu conflito com os passageiros quase mortos tinha sido terrível, tão chocante que ela mal teve tempo de considerar o que aquilo significava. Agora, olhando para a aquela besta monstruosa na frente dela, com seu rugido crescente como um lamento infernal de fome, lembrou-se de seu bicho de estimação na infância, um Labrador peludo chamado Donner, lembrou- se do

quanto o amava — imaginou que este provavelmente tinha sido algum dia animal de estimação de alguém. Assim como aquelas pessoas em quem ela atirou tinham sido humanas algum dia, que riram e choraram e vieram de famílias que sentiria falta delas, que seria destruída por sua perda. Doença, derramamento de produtos químicos ou ataque, seja o que for que causou tudo isso, era uma abominação.

Aquele pensamento passou pela sua mente em um instante, e logo se foi. O cão tencionou seu corpo espedaçado, se preparando para saltar na direção dela, e Rebecca apertou o gatilho, a nove-milímetros vibrando em suas mãos, o som da explosão foi ensurdecedor naquele pequeno espaço. O cachorro desabou.

Rebecca girou, apontando para a silhueta que podia ver no corredor, esperando o segundo cão aparecer. Ela não teve de esperar muito tempo.

Com um rugido, o animal saltou de um dos cantos, com suas largas mandíbulas. Rebecca disparou, o tiro acertou seu peito, fazendo o animal cambalear para trás com um agudo gemido de dor — mas ele ainda estava de pé. Ele vibrava como água balançando, rosnando, preparando-se para vir novamente em direção a ela, mesmo com todo aquele sangue escuro derramando de seu ferimento.

Deveria tê-lo matado, aquele tiro certeiro deveria derrubá-lo!

Assim como as pessoas no vagão de passageiros, parecia que só um tiro na cabeça iria pará-lo. Ela mirou e disparou novamente, desta vez atingindo o centro de seu crânio. O cão caiu, convulsionou uma vez, e permaneceu imóvel.

Deveria haver mais deles. Ela abaixou a arma rapidamente, voltando-se para as janelas quebradas para tentar ver através da

escuridão e da chuva, esforçando-se para ouvir alguma coisa além da tempestade. Depois de um tempo, ela desistiu, ajoelhado ao lado de Edward novamente, procurando em sua bolsa uma nova bandagem — e parou, olhando para seu companheiro de equipe. O constante fluxo de sangue de seu ferimento no ombro não existia mais. Ela rapidamente tentou sentir seu pulso abaixo da orelha esquerda, já não sentia mais nada. Edward fitava o chão com os olhos entreabertos, mortos.

"Sinto muito", ela sussurrou, sentando de volta sobre os calcanhares. Parecia inconcebível que ele tinha partido, que ele tinha morrido naquele pequeno espaço de tempo em que ela estava atirando naqueles cachorros, e um sentimento de culpa tomou conta ela. Se ela tivesse sido mais rápida, se ela tivesse feito seus curativos melhor...

...Mas você não fez, e quanto mais tempo você ficar aqui se sentindo mal por isso, maior a probabilidade de acabar como ele. Melhor ir andando.

Rebecca sentia culpa de novo pelo pensamento insensível, mas uma olhada nas janelas abertas a deixou em pé. Ela teria que avaliar seu sentimento de culpa depois, quando fosse seguro fazer isso.

Seu rádio bipou. Ela o segurou, afastando-se das janelas e do pobre Edward. O sinal estava péssimo, mas podia identificar que era Enrico. Segurou o alto-falante em seu ouvido, muito aliviada ao ouvir a voz forte do capitão entre as rajadas de estática.

"... entendido? ... mais informação sobre ... Coen ..."

Rebecca relutantemente se aproximou da janela, esperando ouvir melhor, mas a estática apenas aumentou.

"... institucionalizada matou pelo menos 23 pessoas ... cuidado ... "

O quê?

Rebecca pressionou o botão de transmissão. "Enrico, aqui é Rebecca! Você pode me ouvir? Desligo".

Uma onda de estática.

"Capitão! S.T.A.R.S. Bravo, está ouvindo?"

Longos segundos de mais estática. Ela perdeu o sinal. Rebecca coloca o rádio atrás de seu cinto. Ela tinha que chegar ao helicóptero, dizer aos outros sobre Edward, sobre Billy, sobre o trem e o terrível perigo que estarão enfrentando. Ela trocou o pente da nove-milímetros, levando um tempo para recarregar a metade que havia gasto. Com um olhar final para seu companheiro de equipe caído, ela passou pelo corpo de um cachorro, fazendo o possível para não escorregar na piscina de sangue em torno dele, e começou a retornar pelo vagão de passageiros.

Embora soubesse que deveria estar correndo atrás do condenado, para prendê-lo, ela esperava não ter que ver Billy novamente. A morte de Edward, os cães ... sentia- se insegura, incapaz de assumir o comando. E 23 pessoas? Ela estremeceu, espantada por ele não ter a matado quando teve a chance.

No vagão de passageiros, ela viu o resultado dos dois tiros que tinha ouvido antes. A vítima da doença que ela pensou ter se mexido, mas não tinha certeza ... Parecia que ele estava vivo, afinal. Ele deve ter tentado atacar Billy, da mesma forma que os outros tinham avançado nela. Ela parou na porta traseira do vagão, a mesma por onde ela tinha vindo, olhando para os corpos deteriorados das pessoas que tinha matado. Se Edward estava certo, se a mata estava cheia dessas coisas, ela ia ter que andar rápido — e talvez Billy não tenha matado aqueles militares.

Rebecca piscou. Não lhe havia ocorrido antes, mas o jipe

poderia ter sido atacado, permitindo que Billy escapasse — de fato, o forçando a fugir. Parecia provável. Os dois homens mortos haviam sido destroçados, não apenas levado tiros, os cães poderiam ter feito aquilo.

Ela balançou a cabeça. Não importava. Ele era um assassino de qualquer maneira, e se ela não estivesse à altura de prendê-lo, era melhor ir buscar alguém que pudesse. Mesmo a desconhecida doença sendo tão grave, ela não podia simplesmente deixar Coen fugir.

Ela deixou o vagão de passageiros para trás, correndo através do vazio corredor para a porta ao lado, esperando que todos os outros estejam de volta ao Helicóptero em segurança. Ela pegou a maçaneta e a levantou. Não tinha certeza de como dar a notícia sobre Edward, seria duro — Rebecca franziu a testa, empurrando a porta de correr, a qual se recusava a deslizar. Ela tentou puxar a maçaneta novamente ... em seguida, chutou a porta, praguejando em silêncio. Estava emperrada — ou Billy havia trancado, talvez para impedir que ela o seguisse.

"Maldição". Ela mordeu o lábio inferior, lembrando-se da chave na mão do funcionário morto. Ela não conseguiu soltá-la, tinha esquecido dela depois de seu encontro com Billy, sem mencionar Edward e os cães ... Mas, de qualquer forma, quem precisava de chaves? Ela poderia facilmente pular para fora através de uma das janelas quebrada, não seria grande coisa — Ela ouviu um som, uma porta se fechando, e olhou para a esquerda, em direção à parte traseira do trem. Alguém estava caminhando no vagão ao lado. Outro passageiro doente, provavelmente. Ou talvez Billy ainda *estivesse* a bordo. De qualquer maneira, ela estava pronta para sair, já havia até escolhido por qual janela pularia.

A menos que ... mais alguém esteja lá atrás. Alguém que precise de

ajuda.

Poderia até ser outro S.T.A.R.S., e agora que ela pensou nisso, sentiu o dever de dar uma olhada, era o mais sensato a fazer, ou não. Ela caminhou rapidamente para o final do vagão vazio, preparando-se para o que viria a seguir. Não seria possível que algo mais estranho pudesse acontecer esta noite — afinal, mais do que já tinha acontecido, não poderia parecer possível. E ela queria estar preparada para qualquer coisa.

Ela abriu a porta para o próximo vagão e entrou nele fazendo uma varredura com sua nove-milímetros, muito aliviada ao encontrá-lo vazio e sem sangue. Havia uma escada que subia à esquerda e uma porta logo à frente. Essa deve ter sido a porta que ela tinha ouvido se fechar...

... E agora ela se abriu, e dali saiu Billy Coen.

Billy parou, olhou para a garota, para a arma em sua mão — e ficou contente. Por ela ainda estar viva, porque ela tinha uma arma e, aparentemente, sabia como usá-la. Depois do que ele tinha acabado de presenciar, ter um parceiro parecia ser sua única chance de sobreviver.

"Isso é ruim", ele disse, e pôde ver que ela sabia que ele não estava se referindo à arma em seu rosto. Ela não respondeu, apenas o observou constantemente, com sua nove milímetros inabalável, e ele ergueu as mãos, sabendo que o tempo para joguinhos tinha acabado. As algemas penduradas balançavam em seu pulso.

"Aquelas pessoas — aquelas que você teve de matar — elas estavam doentes", ele afirmou. "Um deles tentou me morder. Atirei nele, e encontrei um bloco de notas em sua jaqueta. Posso — ?" Ele começou a baixar uma das suas mãos, para alcançar seu bolso traseiro.

"Não! Mantenha as mãos para cima!" ela disse, sacudindo a arma. Ela ainda parecia assustada, mas aparentemente estava preparada para prendê-lo.

"Ok, tudo bem", ele disse. "Você pega. Está no meu bolso direito de trás."

"Você está brincando, né? Eu não vou me aproximar de você."

Billy suspirou. "É importante, uma espécie de diário. Não faz muito sentido, algo sobre uma investigação em um laboratório que foi abandonado ou destruído — mas também fala de um monte de assassinatos que têm acontecido por aqui, e a possibilidade de um vírus ter sido liberado. Algo chamado T-vírus."

Ele notou nela uma faísca de interesse, mas ela estava sendo cautelosa. "Eu vou ler depois que você colocar as algemas de volta" ela disse.

Ele balançou a cabeça. "Seja lá o que estiver acontecendo, é perigoso. Alguém trancou todas as saídas, você já reparou? Por que nós não cooperamos, até que possamos sair dessa?"

"Cooperar?" as sobrancelhas dela se levantaram. "Com *você?"*

Ele se aproximou, baixando as mãos, ignorando a arma em seu rosto. "Olha, garotinha — caso você ainda não tenha notado, há alguma coisa muito assustadora nesta merda de trem. Eu, por exemplo, quero sair daqui, e nós não teremos a menor chance de nos virarmos sozinhos."

Ela não baixou a arma. "Você espera que eu confie em você? Eu não preciso de sua ajuda, eu posso lidar com isso sozinha. E não me chame garotinha."

Ela estava começando a irritá-lo, mas ele se conteve. Não precisava dela como uma inimiga. "Tudo bem, senhorita faço-

sozinha", disse ele.

"Como devo chamá-la?"

"O nome é Rebecca Chambers, ela disse. *"Oficial* Chambers para você."

"Então, Rebecca, por que você não me conta o seu plano de ação?" ele perguntou. "Você vai me prender? Ótimo, faça isso. Chame toda a força, e diga a eles para trazerem artilharia pesada. Podemos esperar por eles aqui."

Pela primeira vez, ela pareceu hesitar. "o rádio está fora do ar", ela disse.

Inferno. "Como você chegou aqui?" ele perguntou. "por céu ou terra? Quanto próximo está o seu transporte?"

"Nós viemos de helicóptero, mas ... houve uma pane", ela afirmou. "Mas isso não é da sua conta. Coloque as algemas de volta. Minha equipe está esperando lá fora." Billy abaixou as mãos, lentamente. "Onde? Você tem certeza que eles ainda estão por aí?"

A menina fez uma careta. "Isso não é um jogo de perguntas, tenente. Estou levando você daqui. Vire-se para a parede."

"Não." Billy cruzou os braços. "Atire em mim se você acha que deve, mas de maneira nenhuma entregarei minha arma ou deixarei você me algemar."

As bochechas dela ficaram vermelhas. "Você vai fazer o que mandei, ou eu vou —" ***Crash!***

Janelas quebrando no compartimento de cima. Billy e Rebecca olharam para cima, depois um para o outro. Poucos segundos depois, ouviram algo que parecia ser passos pesados e lentos sobre suas cabeças, e logo ... nada mais.

"A sala de jantar", disse Billy. "Ela estava vazia há poucos minutos atrás".

Rebecca o estudou por um momento, depois baixou a arma rapidamente. Foi até o pé da escada e olhou para cima, seu rosto jovem apresentava uma expressão determinada. "Espere aqui", ela afirmou. "Eu vou verificar."

Billy quase riu. Ele esteve nas Forças Especiais durante sete anos, provavelmente tinha aprendido a atirar muito antes dela entrar na escola primária — e *ela* estava indo *protegê-lo?*

"Eu pensei que você não confiava em mim", ele disse. "O que vai me impedir de saltar por uma das janelas e fugir?"

A menina sorriu, indiferente. "É perigoso, lembram-se? Você não tem a menor chance de se virar sozinho."

Antes que ele pudesse chegar a algo próximo de irritado, ela virou as costas e subiu as escadas, aparentemente determinada a provar-lhe que ela era uma autoridade competente. Menina estúpida, com tudo o que estava acontecendo, provar essas coisas a ela mesma não deveria ser sua prioridade. Ele sabia que provavelmente deveria segui-la, impedir que ela se matasse, mas ele precisava de um minuto para pensar. Ele a viu chegando ao topo das escadas e desaparecendo em uma curva, sem olhar para trás.

Como diz a canção, eu devo ficar ou devo ir?(Nota 10)

Rebecca queria prendê-lo, mas isso também significava que ela queria mantê-lo vivo. E ela precisava de sua ajuda, sem dúvida, ela era inexperiente demais para ficar sozinha naquele lugar.

Então quem morreu e o nomeou como salvador pessoal dela? Quando você vai aprender? Você não é mais um dos mocinhos, lembra?

Fugir ainda não estava fora de questão, mas ele não tinha mais

tanta certeza de suas chances. Se ele precisava de mais provas de que a floresta era perigosa, o bloco de notas que havia encontrado, o diário de bolso do homem que o atacou, era mais do que suficiente. Ele puxou de seu bolso, dando uma olhada nas últimas anotações, as que mais lhe chamaram atenção.

14 de julho. Ouvimos hoje sobre o laboratório Arklay... e nós estamos sendo enviado para verificá-lo na próxima semana. Alguns dos outros estão preocupados com as condições, sobre o que pode ter restado, mas como o chefe diz, alguém tem que fazer a primeira vistoria. Teve de ser nós ...

O escritor passou a falar sobre sua namorada, que estaria irritada porque ele estava deixando a cidade. Billy avançou mais para frente, passando um olho nas páginas que havia lido antes.

16 de julho. ., Ainda há muito que não sabemos sobre as reações ao T-vírus. Dependendo da espécie e ambiente, apenas doses pequenas do T trazem notáveis mudanças no tamanho, comportamento agressivo, e no desenvolvimento cerebral... em animais, de qualquer maneira. Nada está imune. Mas até que os efeitos possam ser melhor controlados, a companhia está brincando com o fogo.

Billy virou uma página.

19 de julho. O dia está finalmente se aproximando ... Eu estou mais ansioso que eu pensei que estaria. Os jornais e estações de TV de Raccoon City têm noticiado os crimes bizarros nos subúrbios. Isso não pode ser o vírus. Ou pode? Se for...

Não. Eu não posso pensar nisso agora. Tenho que me concentrar na investigação, certificar que não haverão problemas.

Mudanças de tamanho, comportamento agressivo, desenvolvimento cerebral. Como em um cão? E aquilo sobre "nos animais, de qualquer maneira.” O que esse T-vírus faz com seres

humanos? Billy estava disposto a apostar que ele já tinha visto os resultados.

"Os transforma em zumbis," ele murmurou. Ou tanto quanto zumbis, de qualquer maneira. Aquele em que ele tinha atirado, estava definitivamente procurando por almoço. Como é que os canibais chamavam os humanos? Long pig*(Nota 11)*, isso mesmo. Aquelas imundícies ambulantes estavam atrás de long pig, sem dúvida.

Florestas cheias de canibais e monstros ... ele pensou em suas possibilidades com a ajuda da garota. Ela andou por conta própria bastante tempo, matou pelo menos três dos passageiros e conseguiu controlar bem sua sanidade. Ele ia ficar com ela até que saíssem dessa — e em seguida iria planejar sua fuga antes do resto da equipe dela chegar, presumindo que tenha sobrado alguém da equipe —

Uma garota, *a* garota gritou lá em cima, um som de puro terror. Billy pegou sua arma e saiu correndo escadas acima, dois degraus de cada vez, desejando que não tivesse levado tempo demais para pensar.

No topo da escada havia uma ligeira curva e logo uma porta. Rebecca a abriu devagar, cuidadosamente com o cano da arma, e entrou.

Uma fina e pungente névoa de fumaça a recepcionou, havia uma baixa cintilação de fogo, fazendo as sombras dançarem nas paredes. Era um vagão de jantar, como Billy tinha dito, deve ter sido lindo algum dia, as mesas cobertas por toalhas de linho fino, as janelas envoltas por cortinas cor de creme. Agora estava tudo arrasado, pratos e vidros quebrados em todos os lugares, mesas derrubadas, as toalhas encharcadas de vinho e sangue ... E perto do fundo, uma figura solitária sentada, curvada sobre uma mesa, a

bainha da toalha queimava, as chamas aumentando.

Rebecca viu uma pequena lâmpada a óleo esmagada na frente da mesa, a causa do incêndio. O fogo ainda era pequeno, mas podia não ser por muito tempo.

O homem na mesa não se movia — e quando Rebecca chegou mais perto, viu que ele não era como os passageiros do andar de baixo, ele não estava infectado pelo que Billy chamou de t-vírus. Ele era um homem mais velho, de aparência distinta, com um terno marrom, seus cabelos brancos penteados para trás, a cabeça inclinada sobre o peito como se ele acenasse com a cabeça durante o jantar.

Um ataque cardíaco? Ou será que ele desmaiou? Não parece provável que ele tenha quebrado uma janela do segundo andar e subido para dentro, mas por mais que ela pudesse questionar, não havia mais ninguém na sala, nenhuma outra pessoa que poderia ter dado aqueles passos pesados que tinha ouvido.

Rebecca pigarreou enquanto se movia em direção a ele. "Com licença", disse ela, parando ao lado da mesa, notando que seu rosto e as mãos estavam molhados, ligeiramente brilhando à luz do fogo. "Senhor?"

Sem resposta — mas ele estava respirando, ela podia ver seu peito se mexendo. Ela se inclinou e pôs a mão em seu ombro.

"Senhor?"

Ele começou a levantar a cabeça, virando o rosto em sua direção e — fazendo um doente som molhado, como lábios beijando alguma coisa pegajosa, e a cabeça do homem deslizou de seu torso e caiu no chão.

O som molhado ficou mais alto, o corpo decapitado começou a

se agitar, a borbulhar com o movimento, como se estivesse cheio de coisas vivas. Rebecca cambaleou para trás, soltando um grito assim que o corpo do homem se dividiu e desabou como tijolos mal empilhados, grandes pedaços dele caindo no chão. Quando os pedaços batiam no chão, se desintegravam, o tecido do terno foi mudando de cor, se tornando negro, tornando-se muitas coisas, cada uma do tamanho de um punho.

Lesmas, são como lesmas —

Lesmas com fileiras de pequenos dentes, não como todas as lesmas, mas como sanguessugas, gordas e redondas, e de alguma forma capazes de imitar um homem, e até mesmo suas roupas ...

Não é possível, isso não pode estar acontecendo!

Ela cambaleou para trás, aterrorizada assim que as pequenas criaturas se reuniram mais uma vez, fundindo-se uma com a outra, formando uma massa anormal, aquelas coisas inchado e crescendo em uma brilhante torre escura. Elas se reuniram, tomando forma e cor — e novamente se tornaram o velho que tinha visto sentado na mesa. Ela olhou em choque, sem acreditar. Vendo que ele foi formado de centenas, talvez milhares daquelas coisas nojentas, ela não conseguia ver espaço entre elas, não teria como saber que ele não era um homem se ela não tivesse visto com seus próprios olhos. A tonalidade da roupa, a forma e a cor da do corpo — a única pista de que ele não era um homem era a qualidade de sua pele e roupas, estranhamente brilhantes.

Ele levantou seu braço esquerdo para trás, como estivesse prestes a arremessar uma bola de baseball, e em seguida, avançou na sua direção. Seu braço se

alongou, esticando de forma impossível. Rebecca estava a pelo menos cinco metros de distância, mas a brilhante mão molhada

golpeou o ar a apenas centímetros de seu rosto. Ela tropeçou nos próprios pés em sua pressa para fugir, caindo no chão enquanto ele recolhia o braço — e após curvou-se para trás, pronto para atacar novamente.

A arma, estúpida, atire!

Ela sacou a arma e atirou, os dois primeiros tiros tiraram pedaços, o terceiro e o quarto a desapareceram no corpo viscoso daquela coisa. Ela podia ver a falsa carne se agitando quando as balas o atingiram, o terno e a parte de baixo do corpo ondulavam suavemente, como se ela estivesse vendo através de ondas de calor do asfalto em um dia de verão. A criatura mal hesitou antes de chicotear seu braço em direção a ela mais uma vez. Ela se esquivou, mas a mão a tocou, golpeando contra sua bochecha esquerda. Ela gritou novamente, mais pela sensação daquela mão do que pela força do golpe — ela era fria, nojenta e áspera, como pele de peixe e limo — antes de se retrair, ele deu um tapa nela novamente, desta vez derrubando a nove milímetros de sua mão. A arma deslizou pelo chão, parando debaixo de uma das mesas. A criatura em forma de homem velho deu mais um esquisito passo cambaleante, estava agora perto o suficiente para que seu próximo golpe provavelmente não fosse tão fácil de desviar, Rebecca só teve tempo de pensar que estava morta — e *bam-bam-bam,* a criatura estava cambaleando para trás, e alguém estava atirando repetidamente, o som inesperado a fez se encolher assustada no chão. Os primeiros tiros desapareceram na criatura como antes, mas o atirador se manteve firme, encontrando rosto envelhecido e brilhante do monstro, e seus olhos cintilantes. Um líquido escuro voou repentinamente, abrindo aquele amontoado de sanguessugas, as explodindo em pedaços, e no sexto ou sétimo tiro, aquela coisa começou a se dissolver novamente em partes, os pequenos e pretos animais fugiam deslizando em direção às janelas quebradas assim que caíam no

chão.

Rebecca olhou para a porta e viu Billy Coen em pé, na posição de um atirador clássico, as duas mãos na arma, seu olhar fixo na monstruosidade à frente deles, logo aquilo silenciosamente terminou de desmoronar, se tornando centenas mais uma vez. As sanguessugas continuaram seguindo em direção às janelas, deslizando sobre suas próprias trilhas de gosma em cima dos escombros do piso, subindo as paredes manchadas, deslizando sem dificuldades sobre os cacos de vidro e penetrando na tempestade noturna. Ao que parecia, eles tinham terminado o seu ataque.

Uma estranha e alta canção começou a pairar sobre o som da chuva. Ainda em choque, Rebecca foi até a janela, com cuidado, evitando as sanguessugas restantes que ainda fluíam para fora do vagão, recuperando sua arma antes de olhar para fora para encontrar a origem do canto. Billy juntou-se a ela, sem fazer qualquer esforço para desviar das estranhas criaturas, várias estalaram sob sua bota.

E em um clarão feito por um raio, eles o viram. De pé sobre uma colina baixa a oeste do trem, uma solitária figura — um homem, a julgar pela altura, pela largura dos ombros e os longos braços erguidos, como num um gesto de boas-vindas, e

cantava em um soprano surpreendentemente doce, sua voz jovem, rica e forte. Em Latim, como alguma coisa de igreja. Como se isso não fosse bizarro o suficiente, ele parecia estar em pé sobre um raso lago, o chão ondulando levemente ao redor dele. Estava escuro demais para ver bem, apenas uma profunda sombra e uma silhueta marcavam o cantor solitário.

"Oh, Cristo," disse Billy. "Olhe para aquilo."

Rebecca sentiu os pelos de sua nuca se arrepiarem, sua boca se

abrindo, fazendo em uma careta de repulsa. Não havia um lago. O chão estava coberto de sanguessugas, milhares delas, todas se movendo em direção ao jovem cantor. Ela podia ver a orla do seu longo casaco ou túnica batendo assim que as criaturas o escalavam, desaparecendo sob ele.

"Quem é esse cara?" Billy perguntou, e Rebeca, abanou a cabeça. Talvez alguém como o homem velho, feito daquelas criaturas —

O trem começou a trepidar de repente. Um crescente e pesado som de máquinas ecoaram pelo vagão, o chão vibrava debaixo de seus pés — logo o trem estava em movimento, lentamente no início, mas ganhando velocidade rapidamente.

Ela olhou para Billy, viu em seu rosto a mesma expressão de surpresa e confusão que no dela, e pela primeira vez, sentiu algo que não fosse raiva e desprezo do criminoso. Ele estava preso neste mesmo pesadelo — no mesmo que ela estava.

E ele acaba de salvar minha vida ...

"Continua resolvendo as coisas sozinha?" ele perguntou, sorrindo, e ela sentiu a ligação tênue entre eles desaparecer. Antes que ela pudesse dizer alguma coisa, no entanto, ele pareceu perceber que sua tentativa de humor não era o que a situação precisava.

"Eu acho que nós dois poderíamos nos ajudar um pouco aqui", ele disse. "Que tal? Só até sairmos daqui, tudo bem?"

Rebecca pensou nas vítimas do vírus que ela tinha visto, naquelas que ela matou, sobre o que Edward havia dito, que a mata estava cheia de zumbis e monstros. Ela pensou no homem feito de sanguessugas e seu estranho mestre que cantava na chuva, e finalmente sobre o fato de alguém, ou alguma *coisa,* ter ligado o

trem. Mesmo se Enrico e o resto da equipe ainda estivessem vivos, eles estavam ficando cada vez mais longe a cada minuto.

"Sim, ok", ela disse, e embora o cruel e arrogante comportamento dele não tenha mudado, ela notou que Billy estava aliviado.

E ela percebeu que também estava.

Capítulo 4

A figura solitária sobre a colina observava o trem ganhar velocidade e desaparecer na tempestade, seu coração cheio da música que derramava de seus lábios, que soava tão docemente através da natureza selvagem, chamava seus súditos de volta para ele. Eles haviam se saído bem, preparando o trem para a inevitável equipe de limpeza assim que o sol se pôr, levando a maioria dos infectados para longe através da floresta, trancando as portas, ligando o motor, ele queria as sanguessugas que se alimentassem, e não os portadores do vírus, e uma vez que a equipe da Umbrella embarcar, não haverá como fugir. A chuva desabava enquanto elas se arrastavam colina acima, guiadas por sua voz, por sua vontade.

Ele as recebeu com um sorriso assim que terminou sua canção. Tudo estava indo tão bem quanto ele desejava. Depois de tanto tempo de espera, isso agora não levaria muito tempo.

Ele iria realizar seu sonho, ele se tornaria o pesadelo da Umbrella.

E depois do mundo.

"Precisamos parar esse trem, primeiro", disse Rebecca. Billy acenou com a cabeça. "Alguma sugestão?

"Nós nos separamos", ela disse calmamente. Surpreendentemente, calma, considerando o que ela tinha acabado de passar. "Aquele vagão na frente do trem está trancado — onde nos conhecemos. Temos de começar abrindo aquela porta, para chegar aos controles."

"E então, puxamos o freio", disse Billy.

Rebecca afirmou com a cabeça. "O leitor de cartão magnético. Temos que encontrar um cartão magnético."

"Eu passei pelo escritório do condutor — "Trancado", disse Rebecca. "Teremos de vasculhar nós mesmos."

"Isso pode levar algum tempo", disse Billy. "Deveríamos nos manter juntos."

"Vai nos tomar o dobro do tempo. E eu prefiro sair dessa coisa antes que ela acabe seja lá para onde esteja indo."

Por mais que ele não quisesse andar pelo trem sozinho, ele não queria *ela* vagando sozinha, ele não poderia argumentar com a lógica.

"Vou começar na parte de trás, seguindo para frente", ela disse. "Você pega o segundo andar. Nós nos encontraremos na parte da frente."

Que coisinha mandona, você, não é? ele pensou, mas guardou para si mesmo. Em algum momento num futuro não muito distante, ela pode ser a única coisa que irá impedi-lo de se tornar o almoço de alguém.

"E eu *vou* atirar em você se você tentar alguma gracinha", acrescentou. Billy começou a rebater para ela, mas em seguida, viu o brilho em seus olhos. Ela não estava falando sério. Não completamente.

Ela acenou com a cabeça para a arma dele. "Você precisa de munição para essa coisa?"

"Eu estou legal", ele afirmou. "E você?"

Outro aceno com a cabeça, e ela foi em direção à porta. Quando ela a alcançou, virou-se para Billy.

"Obrigado", ela disse, apontando vagamente para o fundo do vagão. "Te devo uma".

Antes que ele pudesse responder, ela já tinha ido embora. Billy ficou olhando para ela um momento, de alguma forma impressionado com sua força de vontade para enfrentar sozinha os perigos daquele trem. Será que ele foi tão bravo quando tinha a idade dela?

Isso se chama "negação de mortalidade", quando você é jovem assim, pensou.

Sim, ele também costumava pensar que viveria para sempre. Ser condenado à morte o fez ter uma visão um pouco diferente das coisas.

Ele passou um breve momento checando o vagão de jantar, franzindo a testa ao passar pelos esmagados restos líquidos de algumas dezenas daquelas sanguessugas assim que checava apressadamente a parte de trás do pequeno bar e debaixo das mesas. Havia uma porta fechada na frente da sala, mas um rápido pontapé mostrou a ele num relance uma vazia cabine de serviço com um buraco no teto. Ele não se demorou, avaliando que sua melhor aposta fosse revistar os corpos dos funcionários do trem, de qualquer maneira.

Ele desceu as escadas, parando no fundo por um momento, olhando em direção à traseira do trem, antes de continuar. Rebecca Chambers parecia capaz de cuidar de si mesma, melhor ele cuidar da própria pele.

Voltando pelo par de portas, atravessando o primeiro vagão de passageiros, ainda vazio, e respirando fundo antes de ir para o segundo. Uma rápida olhada para certificar-se de que não havia ninguém andando por ali e foi até as escadas, preferindo não olhar

para o corpo do homem que ele tinha matado. Ele já tinha matado antes, mas isso não era uma coisa que você se acostumava, a não ser que você não tivesse consciência.

O cheiro o acertou antes de chegar ao segundo andar, então ele andou mais devagar, respirando superficialmente. Como água do mar e podridão. Quando ele chegou ao topo, ele viu a origem do cheiro e engoliu a bílis.

Agora sabemos de onde eles vieram.

Ele pisou em um patamar no topo da escada, que se transformava em um corredor à sua direita, virando novamente à direita, alguns metros à frente — e do chão ao teto, o canto do patamar para a esquerda estava tomado pelo que parecia ser centenas de ovos vazios, formando algo parecido com um ninho de aranha — só que estes eram negros e molhados, brilhando na baixa luz de um candeeiro preso à parede. Eles vibravam levemente conforme o trem balançava e seguia adiante pelos trilhos, fazendo parecerem quase vivos. Pelo menos estavam vazios. Ele pediu a Deus para que não topasse com seja lá o que for que saiu daquilo.

Ele se afastou daquele canto, pisando em fios daquela matéria brilhante que se espalhava por todo o fino carpete do hall, vagamente se perguntando se o acidente do jipe tinha sido uma bênção, depois de tudo. Ele não queria morrer de qualquer maneira, mas um bom e limpo pelotão de fuzilamento seria muito melhor do que ser devorado por criaturas em forma de sanguessugas.

Pare com isso, soldado. Esteja onde estiver.

Certo. Ele andou pelo corredor, dando uma relaxada ao ver que estava vazio. Havia duas portas de cabine fechadas, uma em cada lado da estreita passagem, cada uma delas marcadas por um número. Pela decoração de luxo do salão, supôs que eram cabines

privadas. Era um bom palpite.

Ele abriu a primeira porta, 102, e encontrou um pequeno quarto, bem mobiliado e felizmente livre de sangue e corpos. Infelizmente, não havia muita coisa, a não ser um amontoado de objetos pessoais em um pequeno armário. Haviam papéis, um porta-retratos, uma caixa de joias. Ele abriu a caixa, revelando um anel de prata, de formato incomum, parecia uma peça única de um desses conjuntos de anéis entrelaçados, entalhado e empenado em um padrão distinto ... E como ele não era colecionador de joias, o colocou de volta, dirigindo-se para a próxima cabine.

Quando abriu a porta para a cabine 101, ele sentiu uma onda de esperança. Lá, jogada no chão, como um presente, uma espingarda. Billy a recolheu e a abriu, sua esperança estava se tornando uma felicidade contida. Era uma Western, over/under*(Nota 12)*, carregada com dois cartuchos calibre doze. Procurando mais adiante, apareceu mais um punhado de cartuchos, embora nenhum cartão magnético.

Com fechadura magnética ou não, isso aqui provavelmente abrirá aquela porta, pensou, confortado pelo calibre da arma enquanto enchia os bolsos da frente com cartuchos. Ele estava tentado a ir encontrar Rebecca imediatamente, mas decidiu que poderia muito bem terminar o que já tinha começado. Havia uma porta no final do corredor, presumivelmente levando ao segundo andar do próximo vagão, e de qualquer maneira, isso o levaria mais para frente do trem — adiantando seu reencontro com a garota. Ele não estava com medo de ficar sozinho, não era isso, e não era sequer preocupação com Rebecca, que também estava lá — foram muitos anos servindo, e se ele aprendeu alguma coisa nesse tempo todo, é que estar sozinho em combate era a pior alternativa.

A porta estava destrancada, e dava para um salão vazio,

extremamente decorado. Havia um bar de madeira polida à sua direita, bem abastecido, pequenas e elegantes mesas alinhadas, rentes à parede, deixando um largo piso de carpete aberto, abaixo de um lustre pendurado a meia altura. E como no último vagão, sem sangue ou corpos. Billy verificou os balcões de trás do bar, em seguida, dirigiu-se para a porta na outra extremidade, sentindo-se estranhamente pouco à vontade atravessando aquele espaço aberto.

Ele agarrou a pesada arma com firmeza. Quando estava quase outro lado do salão, algo caiu sobre o telhado. O som foi estrondoso, enorme, o impacto foi tão forte que um candelabro de trás do bar caiu no chão e seus globos de vidro se arrebentaram. O vagão do trem balançava sobre os trilhos, fazendo com que ele perdesse o equilíbrio, quase caindo. Ele se manteve em pé, virando-se para olhar.

Onde o candelabro havia caído, o telhado foi praticamente amassado, o metal espesso ficou deformado — e enquanto ele olhava, uma, duas coisas gigantes estavam perfurando teto, cerca de dois metros de distância, uma da outra.

Billy apenas olhava, não tinha certeza do que estava vendo. Grandes, pontiagudas e cilíndricas, cada uma das partes que perfuravam o teto pareciam ser bifurcadas, divididas no meio. Pareciam ... garras? O estômago dele deu um nó. Aquilo era exatamente o que eram, como as garras de um caranguejo gigante ou escorpião, e enquanto ele olhava, ambas se abriram, revelando bordas densamente serradas. As pinças enormes viradas para dentro e para cima começaram a praticamente serrar através do telhado de aço, o som de metal rasgando parecia um grito estridente.

Ele já tinha visto o suficiente. Virou-se suando frio e correu os últimos poucos metros para a porta de saída. Atrás dele, o grito do metal sendo torturado não parava, e ele agarrou a maçaneta e girou

— e ela estava trancada. Para variar.

Ele se virou apenas a tempo de ver o dono das maciças pinças pular para dentro através do irregular buraco que havia feito, bloqueando o único meio alternativo de escapar.

Rebecca tinha acabado de concluir que o último vagão estava seguro quando os cachorros atacaram.

Depois de deixar Billy, ela pegou um caminho através de uma área de cozinha no último vagão, banhada em sangue e panelas espalhadas, mas ao menos vazia. Ela estava começando a se perguntar se alguns dos passageiros e tripulantes poderiam ter sido arremessados para fora, talvez quando trem estava sendo atacado. Havia muito sangue ao redor para tão poucos corpos. Considerando o estado dos poucos passageiros que ela havia executado, talvez tenha sido o melhor assim.

Seus pés derraparam em uma poça de óleo de cozinha enquanto ela fazia um levantamento área, mas ao menos sua busca ocorreu sem mais incidentes. A porta para o restante daquele vagão — que supostamente daria para algum depósito de alguma coisa — estava trancada, mas havia uma estreita abertura que corria sob o piso, com um objeto, ela conseguiu alavancá-la sem muita dificuldade. Ela não estava contente em ter que rastejar em um buraco escuro, mas era um túnel pequeno, de uns dois metros apenas. Além disso, ela disse a Billy que iria começar pela parte de trás do trem, e ela pretendia ser meticulosa. Fazendo um trabalho decente era uma maneira de se manter no meio daquela loucura. As vítimas do vírus já eram ruins o suficiente, e aquele homem feito de sanguessugas...

...Não pense sobre isso. Encontre o cartão magnético, pare o trem, vá buscar alguma ajuda de verdade. Alguém além de um assassino condenado, muito obrigado.

Billy era o seu único porto na tempestade, por assim dizer, e ele certamente salvou a pele dela, mas confiar nele mais do que absolutamente deveria, seria estupidez.

Ela tinha razão sobre o próximo compartimento. Depois de um felizmente breve rastejar claustrofóbico, ela levantou-se dentro de um almoxarifado, mal iluminado por uma única lâmpada pendurada. Haviam caixas e caixotes ao longo das paredes, escondidas por profundas sombras. Ela varreu a escuridão com sua arma. Nada se movia, a não ser o próprio trem, que balançava percorrendo seus trilhos.

Na parte de trás do compartimento havia uma porta com uma janela nela. Rebecca se aproximou, com a nove milímetros estendida, viu escuridão e movimentos do outro lado, e o som do trem mais alto, percebendo que ela na verdade estava no último vagão, olhando para fora, por sobre os trilhos. Ela sentiu uma vibração, algo parecido com alívio, apenas por saber que o mundo ainda existia lá fora — e que, se o ruim se tornar o pior, sempre haverá a possibilidade de saltar. O trem estava indo muito rápido, mas era uma opção.

Click.

Ela virou para o leve som atrás dela, o coração martelando, apontando a arma para o nada. O trem continuou seguindo em frente, as sombras se inclinavam e balançavam, o som não se repetiu. Depois de um tenso momento, ela respirou fundo, depois soltou o ar devagar. Provavelmente uma das caixas se moveu. Como todo o resto deste vagão — bem, no primeiro andar, de qualquer forma — o compartimento de carga parecia estar seguro. Ela duvidava que haveria um cartão magnético flutuando por ali, mas pelo menos ela poderia dizer que ela deu uma olhada — click. Click. Click-click-click.

Rebecca congelou. O som estava bem próximo dela, e ela sabia o que era, qualquer pessoa que teve um cão saberia: era o bater de unhas em uma superfície dura. Ela virou lentamente a cabeça para sua direita, para onde ela agora podia ver que havia duas caixas para transportar cachorros, ambas com suas portas abertas.

E emergindo das sombras de trás da mais próxima — Tudo aconteceu muito rápido. Com um rosnado cruel, o cão saltou. Ela teve tempo de registrar que ele era como os outros que tinha visto — enorme, infectado, caindo aos pedaços e — em seguida, o pé direito dela apareceu, uma ação reflexiva. Ela o chutou, forte, e acertou um dos lados da sua caixa torácica com o calcanhar. Com um horrível som úmido de algo rasgando, ela ouviu bem como sentiu um pedaço considerável do peito daquele animal voar longe, a pele estava caindo dos músculos acinzentados, o pelo molhado e emaranhado grudado na sola de sua bota suja de óleo. Incrivelmente, o cão ignorou a ferida e continuou avançando, com suas gotejantes e largas mandíbulas. Ele ia conseguir pegá-la antes mesmo que ela pudesse sacar sua arma, ela sabia, já podia sentir aqueles dentes mordendo seu braço, e ela também sabia que uma mordida deste cão a mataria, iria transformá-la em um dos mortos vivos — e antes que aqueles dentes supostamente a tocassem, seu outro pé, escorregadio por causa do óleo de cozinha, derrapou abaixo dela. Rebecca caiu no chão, batendo seu quadril, o cão a sobrevoou, um cheiro de carne podre passou por cima dela. Na verdade, pisou sobre ela, uma pata traseira deixou uma mancha de sujeira em seu ombro esquerdo assim que ele aterrissou, o impulso de seu bote o levou para longe.

O tombo inesperado e de sorte lhe concedera apenas um segundo. Ela rolou para o lado, estendeu o braço e disparou, acertando o animal assim que ele se virava para atacar novamente. O primeiro tiro foi alto, o segundo encontrou seu destino, logo

abaixo do olho esquerdo do pobre animal.

O cachorro caiu no chão, morto antes mesmo de parar de se mexer. O sangue começou se espalhar em volta do cão caído, e Rebecca se afastou, empurrando-se até ficar em pé. Apesar de seus conhecimentos básicos, virologia não era sua especialidade, mas ela podia apostar que o sangue do cachorro era quente e altamente infeccioso, e ela não estava interessada em ser contaminada por seja lá o que estava acontecendo por lá.Pois não se tratava de um resfriado comum.

Tendo em vista que isso é um vírus, ela pensou, olhando para a monstruosidade decadente que um dia foi um canino. Isso fez tanto sentido quanto qualquer outra coisa, era o misterioso T-vírus que Billy tinha falado. Como é que se espalhou? Qual foi a taxa de toxicidade, a rapidez com que se amplifica uma vez dentro do corpo do hospedeiro?

Ela raspou a sola da bota contra uma das caixas, esperando ser capaz de apagar facilmente aquele som molhado de carne rasgando de sua memória — e viu alguma coisa brilhando entre as sombras. Ela se inclinou e pegou um pequeno anel de ouro, entalhado em um formato incomum. Não parecia ser de ouro verdadeiro, provavelmente seria inútil, mas era bonito. E ela teve sorte de o encontrar lá, tudo deve ser considerado.

"O que faz deste um anel de sorte", disse ela, e o colocou em seu dedo indicador esquerdo. Que quase serviu perfeitamente.

O anel era tudo o que encontrou. Não havia nenhum cartão magnético jogado por lá, nada de útil. Ela foi até a plataforma do lado de fora por um instante, e ficou instantaneamente encharcada. A tempestade era torrencial, e o trem estava se movendo rápido demais para considerar um salto. Suas esperanças se elevaram rapidamente quando ela viu um painel intitulado FREIOS DE

EMERGÊNCIA, mas alguns toques nos controles foram suficientes para ver que não havia energia. Nem para uma emergência.

Ela voltou para dentro, jogando o cabelo molhado para fora de sua testa. Hora de ir em frente, tentar revistar os corpos dos homens que ela e Billy tinham matado. Mais desagradável do que aquele pensamento era não haver nenhuma alternativa. Eles não sabiam se havia alguém conduzindo o trem, ou se ele estava desgovernado, de qualquer forma, eles precisavam chegar aos controles.

Ela olhou para o cão mais uma vez antes de sair — desta vez pela porta — pensando em como ela teve sorte, como poderia ter sido facilmente mordida ou atacada até a morte. De jeito nenhum ela baixará sua guarda novamente, só esperava que Billy estivesse obtendo melhor sorte.

Cristo na cruz.

Billy olhou de boca aberta, sua mente entorpecida com a impossibilidade daquela coisa a não mais que dez metros à sua frente.

Aquilo poderia parecer algo como um escorpião, se escorpiões crescessem tanto a ponto de ficarem maiores que um carro. O monstro que caiu através do teto do trem era um inseto, de talvez três metros de comprimento, com um par de garras enormes que estalavam ao redor de sua face achatada, uma longa cauda inchada que se curvava sobre suas costas, que terminava em um ferrão maior do que a cabeça de Billy. Havia várias pernas, mas Billy não estava com ânimo para contá-las — não com aquela coisa vindo em sua direção, emitindo um som como um motor superaquecido quando suas maciças pernas articuladas batiam no chão. A chuva derramava pelo buraco do teto, tornando o cenário ainda mais infernal, a criatura emergindo da névoa úmida como em um pesadelo.

Sem tempo para pensar. Billy ergueu os ombros, levantou sua arma de caça e apontou para o baixo e plano crânio da criatura. Entre o movimento do trem e o desordenado galopar daquela monstruosidade, ele levou alguns segundos para ter certeza de onde atirar, poucos segundos que pareciam uma eternidade. A criatura estava mais perto, suas patas severamente cabeludas arrancando pedaços do caro tapete com cada um de seus pesados passos.

Billy apertou o gatilho, *boom,* a espingarda de um coice contra o seu ombro com força suficiente para machucá-lo. Um disparo, e a coisa gritou, um esguicho de líquido leitoso jorrou de seu crânio. Ele não parou para avaliar os danos causados, apenas mirou disparou novamente, *boom.*

A coisa estava gritando cada vez mais alto, mas continuava se aproximando. Billy abriu a espingarda, puxou as cápsulas vazias para fora, e procurou por outras. Ele se atrapalhou, deixando os cartuchos caírem pelo tapete, o furioso monstro diminuía sua distância rápido, muito rápido.

Sobrou um único cartucho em seu bolso. E ele o puxou, inseriu em seu devido lugar e trouxe o rifle até seu quadril ...

É melhor que este seja suficiente —

O tiro atingiu o monstro no meio de seu escuro e feioso rosto, há apenas um metro de onde Billy se encontrava, perto o suficiente para ele sentir o calor dos resíduos de pólvora acertando sua pele nua, grudando nela. Seu berro calou-se assim que um grande e pontiagudo pedaço de exoesqueleto atravessou a parte de trás da sua própria cabeça, espirando em sua cauda sangue e massa encefálica. Estremecendo completamente, suas enormes garras se reviravam, abrindo e fechando, e seu ferrão golpeava o ar. Com um último choro gorgolejante, ele caiu no chão, parecendo esvaziar assim que suas fortes garras, e seu corpo, vieram a repousar.

O cheiro daquilo, como a quente e suja gordura de fossa, era quase insuportável, mas Billy não se mexeu por um minuto inteiro, para ter certeza de que aquilo estava realmente morto. Ele podia ver onde as duas primeiras balas haviam atingido — a espingarda deu um leve coice para a esquerda, embora o tiro final tenha sido certeiro — estraçalhando sua espessa armadura óssea que circulava seus pequenos e brilhantes olhos negros.

O que é isso? Ele olhou para aquele horror, não tendo certeza se queria realmente saber. Tinha que estar ligado àqueles cães e os mortos-vivos, ao T-vírus. Aquele diário que tinha encontrado *dizia* algo sobre, mesmo em pequenas doses, causar mudanças no tamanho e agressividade ...

O que significa esse cara aqui deve ter cheirado um par de galões, no mínimo. Acidentalmente? Sem chance.

O diário também dizia algo sobre um laboratório. E controlar os efeitos do vírus, sobre até que eles pudessem controlá-lo, a empresa estava "brincando com fogo.” Os fatos estavam suficientemente claros. Talvez o T-vírus tenha se alastrado por acidente, mas esta empresa, qualquer que fosse, obviamente sabia o isso poderia fazer anteriormente. E fizeram experimentos com isso.

No momento, porém, tudo o que importava era que aquilo estava morto — e ele o fez enquanto procurava por algum cartão magnético. Será que isto zanzava sozinho? Se o escorpião rei tinha irmãos ou irmãs vagando por aí, Billy queria que outra pessoa assumisse a bronca.

Ele recolheu os cartuchos que tinha deixado cair e recarregou a espingarda. Após, andou cuidadosamente ao redor daquela grande e fedorenta carcaça, e decidiu ir encontrar Rebecca. Talvez ela tivesse obtido melhor sorte do que ele.

Somente depois que entrou no vagão da frente, Rebecca achou que tivesse ouvido uma arma de fogo, atrás de aonde ela veio. Ela ficou em pé na entrada, parada, olhando vagamente para um cachorro morto visível de sua posição, enquanto se esforçou para tentar ouvir. Apenas estrondos de trovão lá fora. Após um momento, ela desistiu, e caminhou em direção à frente do trem.

Ela andou devagar, rígida consigo mesma por ver Edward de novo, desejando ter lembrado de pegar um cobertor ou algo parecido na bagunça do vagão de passageiros anterior. Talvez pegar o casaco de um dos mortos, ela certamente não poderia conseguir nenhuma outra coisa, além de um crescente sentimento de indignação com quem tinha espalhado o T-vírus, e uma dor de cabeça por prender a respiração. Nenhuma chave, nada para ajudar. O corpo do funcionário do trem à frente, onde ela conheceu Billy, enfim — talvez a chave em sua mão morta poderia ser útil de alguma forma.

Ela chegou até a curva no corredor e forçou-se para passá-la, contornando a poça de fluidos que vazou do cachorro — e Edward tinha desaparecido.

Rebecca parou e olhou. O segundo cachorro ainda estava lá — mas uma pilha de gaze avermelhada e alguns respingos de sangue era tudo o que restou onde o corpo de Edward estava. Aquilo, e o denso cheiro de podridão. Uma agradável brisa entrava através das janelas, mas o cheiro era muito forte para ela.

Tudo parecia se mover em câmera lenta enquanto ela olhava para baixo, viu as trilhas do sangue do cachorro. Ela as seguiu com o olhar, olhando mais adiante, vendo pegadas de botas em vermelho, arrastadas, como se quem tivesse as deixado estivesse bêbado, ou ... ou doente ...

Não. Ela sentiu um pulsar.

O tempo parou ainda mais, seu olhar finalmente se erguendo do chão. Ela viu o cotovelo de um braço nu, alguém que estava em pé e fora de vista no final do corredor. Alguém alto. Alguém vestindo botas.

"Não", ela disse, e Edward se afastou da parede, e agora estava à vista. Quando ele a viu, abriu os lábios sem sangue, soltando um gemido. Ele cambaleou na direção dela, seu rosto cinza, as pupilas de seus olhos esbranquiçadas.

"Edward?"

Ele continuou andando, na verdade, cambaleando, o seu ombro ensanguentado raspava contra a parede, seus braços bambos aos seus lados, o rosto vazio e irracional. Aquilo foi Edward, era o seu amigo, e ela ergueu a arma, dando um passo para trás, mirando.

"Não me faça", ela disse, parte de sua mente pensava no quanto mortos aquele vírus fazia suas vítimas parecerem, *deve ter diminuído sua frequência cardíaca* — Edward gemeu de novo. Ele parecia desesperadamente faminto, e embora seus olhos mal fossem visíveis através do embaçado claro, ela podia vê-los bem o suficiente para entender que este não era mais Edward. Ele cambaleou mais perto.

"Fique em paz", ela sussurrou, e atirou nele, a bala o perfurou fazendo um nítido buraco em sua têmpora esquerda. Ele estava perfeitamente calmo para um tiro, sua expressão de fome maçante não mudou, e em seguida, desabou no chão.

Rebecca ainda estava ali parada, olhando para o cadáver de seu amigo quando Billy há encontrou alguns minutos depois.

Capítulo 5

William Birkin andava depressa, atravessando a parte inferior da estação de tratamento de água, se assustando com o som de seus passos ecoando pelos corredores cavernosos que ele percorria em direção ao controle B, no primeiro nível do subsolo. O lugar era frio e morto, como um túmulo — o que não era uma má analogia, exceto por ele saber o que vagava por trás das portas trancadas que ele passava, sabia que ele estava cercado por coisas muito vivas, tal como eram.

De alguma forma, aquela percepção fez com que os distantes ecos de cada um dos seus movimentos mais parecessem um sacrilégio, como gritar em um necrotério.

O que na realidade seria. Eles ainda não estão mortos. Seus colegas, seus amigos ... Pegue leve com você mesmo. Todos sabiam que esta era uma possibilidade, todos eles. Má sorte, isso é tudo.

Má sorte para eles. Ele e Annette estavam no centro da instalação quando o vazamento ocorreu, finalizando a análise da nova síntese.

Ele chegou à escada executiva na parte de trás do B4 e começou a subir, se perguntando se Wesker já estava esperando. Provavelmente. Birkin estava atrasado, ele não queria abandonar o seu trabalho, mesmo que por um momento, e Albert Wesker era um homem preciso e pontual, entre outras coisas. Um soldado. Um pesquisador.

Um sociopata.

E talvez fosse ele. Talvez ele seja o responsável pelo vazamento.

Isso era possível; a lealdade do Wesker é com Wesker, sempre foi assim, e embora ele estivesse com a Umbrella por um longo tempo, Birkin sabia que ele estava procurando uma saída. Por outro lado, cagar no próprio quintal não era o seu estilo, e Birkin conhecia o homem a mais ou menos 20 anos. Se Wesker *tivesse* causado o vazamento, ele certamente não estaria andando ao redor para ver o que aconteceria depois.

Birkin chegou ao topo da escada, fez uma curva e começou a subir a próxima. Supostamente, os elevadores ainda funcionavam, mas ele não quis se arriscar. Não havia ninguém por perto para ajudar, se algo desse errado. Ninguém além de Wesker, e por tudo o que sabia, o comandante do S.T.A.R.S. decidiu voltar pra casa.

No topo da segunda subida, Birkin ouviu alguma coisa, um suave som de trás da porta que marcava o segundo nível do subsolo. Ele parou por um momento, imaginando alguma pobre alma pressionando contra a porta do outro lado, talvez batendo inconscientemente o moribundo corpo dele, ou dela, contra o obstáculo de novo e de novo, vagamente desejando estar livre. Quando a infecção foi inicialmente identificada, as portas internas foram bloqueadas automaticamente, aprisionando a maioria dos trabalhadores infectados e libertando experimentos.

As principais vias estavam liberadas, pelo menos as que iam e vinham das salas de controle.

Ele olhou para o relógio, e iniciou sua última subida. Ele não queria perder Wesker se ele ainda estivesse por lá.

Portanto, se Wesker não fez isso, então quem? Como?

Todos eles pensavam que foi um acidente, ele ainda pensava até algumas horas atrás, quando Wesker o contatou para falar sobre o trem. Aquilo era um acidente grande demais. Deus sabia que

havia um número suficiente de pessoas que tinham razões para sabotar a Umbrella, mas não era fácil obter uma autorização de nível baixo para acessar qualquer um dos laboratórios de Raccoon.

E se...

Wesker tinha dito algo sobre a empresa querer dados reais sobre o vírus, não só clínicos, mas amostras, talvez eles mesmos tivessem o desencadeado, mandando um de seus esquadrões abrir um tubo que não deveria ter sido aberto, ou coisa parecida.

Ou talvez isso seja como eles planejam para chegar ao T-vírus. Criar todo esse caos, em seguida, entrar e roubar.

Birkin apertou a mandíbula. Não. Eles ainda não sabem o quão próximo ele estava, e não saberão até que esteja bom e pronto, maldição.

Ele tomou precauções, mantendo tudo em sigilo, e Annette tinha subornado os watchdogs*(Nota 13)* para manter distância. Ele tinha visto isso acontecer muitas vezes, a empresa retirar as pesquisas de um médico porque eles queriam resultados imediatos, entregando-as para sangue novo ... e em pelo menos dois casos que ele conhecia pessoalmente, o cientista pioneiro tinha sido eliminado, era melhor do que permitir que ele pudesse trabalhar para um concorrente.

Mas não comigo. E não com o T-vírus.

Era o trabalho de sua vida, mas ele preferia destruí-lo antes de permitir que tirassem dele.

Ele chegou à sala de controle que queria, em uma alta plataforma de observação, que divida espaço com a usina do gerador, que felizmente, agora estava silenciosa. As luzes estavam baixas, e enquanto andava ao redor da passarela de malha, ele

podia ver Wesker sentado em frente aos monitores de observação, suas costas delineadas pelo brilho das telas. Como sempre fazia, Wesker usava óculos de sol, uma ostentação que sempre irritou Birkin, o cara podia ver no escuro.

Antes que ele anunciasse sua presença, Wesker acenou para ele, levantando uma mão sem nem mesmo olhar sobre o ombro.

"Venha ver isso."

Sua voz estava ordenando, com urgência. Birkin se apressou para juntar-se a ele, inclinando-se sobre o console para ver o que mantinha Wesker tão interessado.

Sua atenção estava fixada em uma cena da instalação de pesquisa, o que parecia ser a biblioteca de vídeo no segundo andar. Um funcionário andava pela sala, obviamente infectado, seu uniforme manchado com sangue e outros fluídos, ele parecia estar molhado, mas Birkin não notou nada particularmente extraordinário sobre seu dessemelhante.

"Eu não vejo — ", ele começou, mas Wesker o interrompeu.

"Espere".

Birkin observou o jovem rapaz — um jovem que não envelhecerá, graças ao T-vírus — passando uma pequena mesa ao lado da sala, então se virou e começou a voltar em direção aos painéis, cambaleando, como todos os infectados faziam, a câmera acompanhando a movimentação. Quando ele estava prestes a perguntar a Wesker o que ele estava procurando, ele viu.

"Lá", Wesker disse.

Birkin piscou, incerto do que tinha visto. Assim que ele voltou aos painéis, o braço direito do funcionário tinha alongado, diluído, estendendo-se quase todo até o chão, depois voltando para o lugar.

Isso levou apenas um segundo.

"Essa é a terceira vez na última meia hora ou mais", Wesker disse calmamente.

O funcionário continuou a percorrer a pequena sala, mais uma vez indistinguível de qualquer uma das outras pessoas condenadas retratadas nos demais monitores.

"Uma experiência que não conhecíamos?" Birkin perguntou, embora fosse improvável. Ambos estavam tão por dentro quanto qualquer pessoa de fora da sede.

"Não."

"Mutação?"

"Você é o cientista, você me diz", Wesker disse.

Birkin pensou por alguns segundos, então balançou a cabeça. "Eu suponho que seja possível, mas ... Não, eu não acho".

Eles assistiram o funcionário em silêncio por um momento, mas ele só atravessou a sala de novo, nada esticou ou alterou. Birkin não sabia exatamente o que tinham visto, mas ele não gostou daquilo, não mesmo. Na série de complicadas equações que sua vida tinha se tornado, entre seu trabalho e família, entre os desastres em Raccoon e seus sonhos de produzir um vírus perfeito, aquilo era desconhecido. Aquilo era algo novo.

Um estalo de estática explodiu no silêncio, a voz de um homem desconhecido emergiu daquele assobio. "*ETA dez minutos, desligo".*

Deveria ser da equipe de limpeza da Umbrella, para o trem. Wesker havia dito que estavam a caminho quando ligou. Wesker apertou em um botão. *"Afirmativo.* Contate quando o objetivo for completado. *Desligo".*

Ele apertou novamente o botão, e os dois homens voltaram a assistir o funcionário desconhecido, cada um perdido em seus próprios pensamentos. Ele não sabia de Wesker, mas estava começando a pensar que podia ser hora de sair de Raccoon.

"Rebecca".

Ela não respondeu ou se virou, apenas abaixou a arma. Billy gostaria que houvesse algo que ele pudesse dizer, mas achou melhor ficar de boca calada. O cenário estava claro o suficiente, o homem no chão estava com uniforme do S.T.A.R.S., provavelmente um amigo, e ele havia sido infectado.

Ele deu um momento a ela, mas não achava que eles poderiam se permitir demorar muito. Ele não podia ter certeza, mas o trem parecia estar ganhando mais velocidade. Se estiver desgovernado, eles irão bater e provavelmente morrer. Se alguém o estava controlando, eles precisavam saber quem e por que.

"Rebecca", ele disse novamente, e dessa vez ela se virou, sem vergonha das lágrimas que enxugava. Ela piscou para ele.

"Foram seus os disparos que ouvi alguns minutos atrás?", perguntou ela.

Billy acenou com a cabeça, tentou um sorriso, que não saiu. "Monstro inseto. E você?"

"Cachorro", ela disse, e enxugou uma última lágrima. "E ... e alguém que eu conhecia."

Ele se mexeu desconfortavelmente, ambos ficaram em silêncio por um instante. Em seguida, ela suspirou, tirou a franja para fora de sua testa. "Me diga que você encontrou as chaves", ela parecia suplicar.

"Somente esta", ele disse, levantando a espingarda.

"Não vai funcionar", ela respondeu, suspirando novamente. "Ela tem trava magnética, como um cofre de banco ou algo assim."

"Em um trem de passageiros?" Billy perguntou.

Rebecca deu de ombros. "É de propriedade privada. Umbrella".

A empresa farmacêutica. Entre a corte marcial e a condenação, Billy não tinha dado muita atenção para onde ele estava sendo levado para execução, mas agora ele se lembrava — Raccoon City, a coisa mais próxima a esta área tinha uma metrópole, foi onde a megacorporação originalmente havia se estabelecido.

"Eles têm seu próprio trem?"

Ela assentiu com a cabeça. "A Umbrella está em tudo por aqui. Gabinetes, pesquisas médicas, laboratórios ... "

"Ouvimos hoje sobre o laboratório Arklay ... e nós estamos sendo enviado para verificá-lo na próxima semana" Floresta de Raccoon, Cidade de Raccoon, algo assim, foi abrigado nas montanhas Arklay.

O raciocínio de Rebecca parecia estar indo na mesma direção. "Você não acha —"

"Eu não sei", respondeu Billy. "E agora, isso não importa, afinal. Nós ainda temos que passar por aquela porta."

Ela começou a voltar em direção à frente do trem, depois pareceu pensar melhor nisso, talvez não querendo ver seu amigo. Ela olhou para o chão, falou em voz baixa.

"Há um corpo perto daquela porta, um homem segurando uma chave", disse ela. "Talvez ela abra algo útil."

"Espere aqui um segundo", disse Billy. Ele passou por ela e se seguiu para a parte da frente, parando no final do corredor. O

cadáver decrépito de um trabalhador do trem estava encolhido perto da porta trancada, era o corpo que ela estava analisando na primeira vez que se encontraram. De fato, ele tinha uma chave de metal em uma mão que a segurava firme. Billy a tirou dele, segurando-a diante da luz fraca. A pequena etiqueta anexada nela dizia, vagão-restaurante.

Isto é maravilhosamente útil, muito obrigado.

Ele a colocou de lado, depois passou um minuto revistando o casaco do homem, encontrando um baralho de cartas e um punhado de fio dental de hortelã em um bolso da frente ... E nos outros, mais algumas chaves em um pequeno chaveiro. Duas não estavam marcadas, mas a terceira tinha CONDUTOR gravado no metal. Billy as guardou no bolso, e depois de um momento de reflexão, ele ajoelhou-se e cuidadosamente tirou o casaco do homem, fazendo uma careta pela fria e esponjosa sensação de sua carne. O pobre homem não parecia ter sido contaminado pelo vírus, mas pessoas ou coisas desconhecidas haviam marcado todo ele com seus dentes, ele estava arrebentado, com o rosto e as mãos faltando grandes pedaços de pele e músculo.

Billy voltou para onde estava Rebecca, parando para cobrir o falecido membro da equipe S.T.A.R.S. com o casaco. Ele só escondeu o rosto e a parte superior do corpo, mas sabia que pelo afeto que garota tinha por ele, qualquer coisa já melhorava. Ela assentiu com gratidão quando ele se aproximou, mas não disse nada.

"A chave que você viu é para o vagão de jantar, que nós já visitamos", disse ele. E retirou o chaveiro de seu bolso. "Mas estas podem abrir alguma coisa."

Eles estavam parados perto da porta rotulada como escritório do condutor. Billy pegou a chave marcada. Com um aceno de

Rebecca, ele deslizou a chave na fechadura, e girou com facilidade. Preparou sua arma e empurrou a porta, pronto para atirar em qualquer coisa que não se identificasse no seu primeiro segundo de contato.

Não havia ninguém. Billy relaxou levemente e entrou no escritório. Rebecca esperou na porta, com a arma em punho também, olhando para uma pequena escrivaninha cheia de papéis espalhados. Com pressa ela foi até eles enquanto Billy revirava o resto da minúscula cabine.

"Agendas, cartas ... Aqui tem algo chamado de 'Manual do Operador do Arpão'", disse Rebecca. "Anotações de manutenção, uma nota sobre um anel de trava, o que quer que isso seja, formulários para organização da cozinha ... "

Billy abriu o armário enquanto ela continuava tagarelando o que tinha naquela bagunça da escrivaninha. Um par de placas, cartões postais, notas grudadas no lado de dentro da porta, livros e uma maleta trancada. Billy pegou a maleta e a sacudiu. Algo se agitava dentro dela, mas era muito leve, talvez algo como um cartão de acesso. Não era muito provável, mas ele não podia perder a esperança.

Ele examinou a trava, franzindo a testa. Não havia nenhum buraco de fechadura, embora houvesse um entalhe na frente, em forma de círculo. Ele forçou a alça. Estava solidamente trancada. Ele provavelmente poderia quebrar aquela coisa em pedaços, mas ela era muito bem reforçada, isso levaria um tempo que eles não poderiam desperdiçar ...

"Um minuto atrás, você disse algo sobre um anel de trava? Ele perguntou.

Rebecca botou alguns papéis para o lado. "Ah ... Aqui. É apenas

uma nota escrita à mão, diz: ‘Formas de acessar mala, anel chave, as duas partes.’”

Acessar mala o quê? Ele começou a dar de ombros, mas em seguida, sentiu uma onda de excitação. Na *mala.* O cartão *estava* na maleta, ele podia sentir isso.

Ele olhou mais de perto a trava, de repente, lembrou-se do inusitado anel de prata que tinha encontrado lá em cima, antes de seu encontro com o monstruoso escorpião. O buraco da fechadura foi entalhado com aquele formato do anel.

Mas a nota diz duas partes, e — "Ei, eu encontrei um anel, na parte traseira do trem", disse Rebecca. Billy olhou assim que Rebecca tirou um anel de ouro de seu dedo indicador, sabendo mesmo antes dela entregá-lo que aquele era a segunda parte.

"Eu acho que temos um vencedor”, Billy disse, sorridente, um sorriso verdadeiro, pela primeira vez desde ... nem ele sabia desde quando. Deve haver um rádio no compartimento do maquinista, e controles, e talvez um mapa de como sair dessa floresta infernal.

Eles estavam quase saindo de lá, ele tinha certeza disso.

Ele não fazia ideia.

Alguém realmente havia ligado a porcaria do trem. Havia uma chance de que um dos funcionários ainda estivesse vivo, mas Wesker imaginou que seria mais provável que um dos infectados sem cérebro tivesse caído sobre os controles. Em qualquer caso, o piloto do helicóptero não tinha hesitado ainda, tinha apenas mudado o ETA por um momento.

O momento era de sorte; se não for parado, o trem irá direto para o centro de pesquisas, fazendo um enorme estrago se não estiver tripulado, e a última coisa que eles queriam era atrair

atenção para qualquer uma das áreas de contenção infectadas.

"Estamos avançando agora, *desligo.”*

Wesker esperou. Ele podia ouvir o som do helicóptero ao fundo, podia ouvir até mesmo as cordas dos homens cair chicoteando no vento. Ele quase desejou estar lá, prestes a pisar no trem condenado enquanto ele percorria aquela noite tempestuosa, com sua arma em punho, os mortos vivos à espera de serem colocados para descansar em uma explosão de sangue e ossos...

Birkin interrompeu seus agradáveis devaneios, com voz e maneiras ansiosas assim que cobriu o microfone com uma pálida mão. "Temos certeza de que isto é por causa do vírus, certo? Quer dizer, nós não estamos lidando com um sequestro, ou ... ou um erro mecânico, talvez? Quer dizer, sabemos com certeza que esta equipe está aqui para cuidar do trem?”

Wesker suspirou por dentro. William Birkin era um homem inteligente, mas também obsessivamente paranoico. Sua convicção de que a Umbrella queria roubar o seu trabalho era, na sua intensidade, quase infantil.

"Temos certeza”, respondeu. "O que mais poderia ser, se não o vírus?”

Birkin acenou para o monitor onde tinha visto o homem com o braço de flácido. "Talvez algo a ver com isso.”

Wesker deu de ombros. Era uma mutação, tinha que ser. Incomum, mas não impossível. "Duvido. Não se preocupe, William. Ninguém dos grandões sabem sobre o seu precioso T-vírus.” Não era exatamente verdade, mas Wesker não estava com ânimo para aturar nervosismos. "Quanto ao trem ... talvez o T seja absolutamente melhor na adaptação do que pensamos.”

Birkin não estava engolindo, o que não foi uma surpresa; Wesker também não teria. Se a infecção do trem foi um acidente, ele era o bule de chá da Tia Maddie.

"A mansão, os laboratórios, o trem ... Quem fez isso?" Birkin perguntou simploriamente. "E por quê?"

Uma das duplas da equipe de limpeza fez a incursão *"Estamos descendo,* desligo". De fundo, o som do *whup-whup* das hélices do helicóptero foi substituído pelo burburinho rítmico de um trem em movimento.

Maldita hora. "Excelente", Wesker disse, mais uma vez cobrindo o microfone para que pudesse responder a Birkin.

"Isso é irrelevante. O que importa agora é que isso não se alastre, que não possa ir mais longe. O trem tem que ser destruído. Todas as provas têm que sumir, William, certamente você pode ver isso. Não há nenhum problema aqui. Não crie um."

Ele descobriu o microfone. "Qual sua distância do desvio mais próximo? *Desligo" "Não mais que dez minutos, provavelmente — "*

Wesker esperou por um ofuscar de estática. "Como? Não captei o restante, *desligo?"*

Houve um estouro estridente de fundo, alto o suficiente para machucar.

Wesker recuou, viu Birkin estremecendo com o barulho — em seguida havia gritos, os dois homens no trem gritavam em uníssono.

"Ah, Deus, *o que* — "

"Jesus!"

" Tire eles de cima de mim! Tire!"

"Não! Nãão! Nãão — ”

Houveram várias explosões abafadas de armas de fogo automáticas, gritos de dor e terror de um homem se sobressaiam aos outros sons — e em seguida, não havia nada mais além de estática.

Wesker rangeu os dentes, enquanto atrás dele, Birkin começou a balbuciar em pânico. Afinal, parecia que havia um problema.

Eles pararam em frente à porta trancada, Rebecca segurava o cartão magnético, sentindo um triunfo acima das proporções entre tudo que eles tinham realmente feito. Ela sentia que provavelmente estava esgotada emocionalmente, pois não foi um grande desafio, eles encontraram um par de anéis, que abriu uma maleta. De qualquer forma, ela se sentia como se tivessem resolvido o maldito enigma da Esfinge.

Billy acenou para ela abrir a porta, com a cabeça inclinada para um lado. Ele ainda estava ouvindo. Ele jurava ter ouvido um helicóptero do lado de fora, quando eles estavam indo pegar o anel, e alguém gritava momentos depois. Rebecca não tinha ouvido nada. Ele provavelmente estava tão pressionado quanto ela, considerando — considerando que ele estava para ser executado. Não comece a fazer comparações aqui. Por mais que ele a ajude a sair daqui, ele é um animal.

Esquecer disso pode lhe custar a própria vida.

Certo. Assim que ela encontrasse um rádio funcionando, sua pequena trégua acabaria. Ela passou o cartão através do leitor, e a pequena luz vermelha mudou para verde. A porta fez um clic, e Billy a abriu.

O som do trem se tornou um rugido, a porta dava em uma passagem de grades que ficava parcialmente exposta ao mau tempo.

Vento e névoa borrifavam sobre eles quando Billy e Rebecca pisaram para fora. Para a direita havia uma grade trancada com equipamentos que se estendia ao longo do vagão, para a esquerda, apenas um guard rail e a paisagem noturna que passava violentamente. À frente, um outro vagão, que tinha de ser o compartimento do maquinista, era difícil dizer no escuro. Rebecca agarrou o corrimão quando percebeu o quanto rápido o trem estava indo, aquela coisa estava realmente voando pelos trilhos, e — Oh.

Rebecca hesitou enquanto Billy corria alguns passos à frente, em seguida, agachando-se na frente de um homem ou mulher caído. Havia um segunda forma um metro ou mais após o primeiro, ambos estavam vestidos como integrantes de tropas de choque, com os rostos escondidos atrás de um vidro sombreado.

S.W.A.T. ? Quando eles chegaram aqui? E por que apenas dois?

Quando ela se aproximou, ela pôde ver que ambos estavam brilhando por causa de uma gosma, a mesma gosma espessa das sanguessugas que tinha eliminado no vagão de jantar ... E em seus uniformes, em todo o Kevlar e nas partes de aço, não havia identificação. Eles não eram do RCPD*(Nota 14)*, ou militares.

Billy estava olhando para a parede de tela à sua direita. Rebecca seguiu seu olhar, e viu o que parecia ser uma gigantesca teia de fios escuros fixadas no interior da grade, pendurando milhares de sacos semi-translúcidos.

Ovos. Para as sanguessugas.

Rebeca estremeceu, e então Billy estava de pé novamente, balançando a cabeça. Ele teve que gritar para ser ouvido sob o trovejar do trem.

"Isso não é bom! Eles estão mortos!”

Rebecca tinha imaginado o mesmo, mas ela não disse uma palavra sobre aquilo. Ela passou por ele e verificou os sinais vitais dos dois corpos, percebendo uma estranha e enrugada hemorragia nas pálidas peles expostas. Billy estava certo ... e talvez estivesse certo quanto a ouvir gritos também. Apesar da chuva, ambos os corpos ainda estavam quentes.

Ela se levantou e agarrou o corrimão novamente, seguindo Billy para o próximo vagão. Ela só teve tempo de se perguntar o que diabos farão caso se deparem com outra tranca, e em seguida, Billy foi empurrando a porta que estava aberta.

Eles saíram da chuva e entraram na relativamente pequena cabine do condutor, era limpa e organizada, exceto pela camada fina e uniforme de gosma que cobria os painéis de controle à frente. Os ouvidos de Rebecca zuniam no repentino silêncio quando a porta se fechou atrás dela, mas estava mais preocupada com a quantidade de luzes vermelhas piscando, que iluminavam o brilhante console.

Billy estudou o numeroso painel de controles por um momento, e depois bateu em um teclado em frente a um pequeno monitor.

A tela ficou em branco. Ele olhou para ela com uma triste expressão.

"Os controles estão bloqueados", disse ele.

Rebecca puxou o cartão magnético para fora do bolso do colete. Não havia números em nenhum dos lados, nada que pudessem digitar. Foi até o lado dele, tentando ignorar a chuva martelando o para-brisa, a vertiginosa mancha de floresta, e socou alguns botões. A teclas estava travadas, não afundavam completamente. Ela começou a procurar por qualquer coisa com a palavra EMERGÊNCIA.

"Aqui", Billy disse, alcançando uma alavanca que saía de seu

lado do painel. Quando ele a empurrou, palavras começaram passar na tela do computador.

FREIOS DE EMERGÊNCIA — OS TERMINAIS DIANTEIROS E TRASEIROS DEVEM SER ATIVADOS ANTES DO ACIONAMENTO DOS FREIOS. RESTAURAR ENERGIA DO TERMINAL TRASEIRO?

Os controles que tinha visto na parte de trás do trem. Billy rapidamente apertou no SIM.

ENERGIAS DO TERMINAL DE FREIO TRASEIRO RESTAURADA.

"Graças a Deus", disse Rebecca. "Faça isso, pare essa coisa." O trem parecia estar indo impossivelmente rápido, o ronco dos motores parecia estar mais alto do que antes, avançando fervorosamente.

Billy empurrou a alavanca. Ela se moveu facilmente, muito facilmente, e mais palavras passavam por toda a tela.

SEQÜÊNCIA DE FREIO TRASEIRO DEVE SER ATIVADA ANTES DOS FREIOS DE EMERGÊNCIA SEREM ACIONADOS.

"Oh, você deve estar brincando comigo", disse Billy, seus lábios se curvaram. "Nós não podemos puxar os freios de emergência da *maldita* cabine de comando?"

"Nós provavelmente podemos, mas não sem autorização", Rebecca afirmou. "Embora manualmente... eu vi o terminal da parte traseira, é no fundo do último vagão. Eu vou lá."

Billy balançou a cabeça, olhando para a escuridão passando, que passava rápido demais. "Não, eu vou. Sem ofensa, mas acho que eu posso correr mais rápido. Existe um sistema intercomunicador? Eu posso dar sinal quando acionar por lá."

Ambos começaram a procurar, mas o console estava lotado de painéis e botões sem marcação; ia demorar muito para descobrir.

Rebecca começou a lhe dizer para apenas ir — e como o trem parecia estar indo muito mais rápido agora, ele provavelmente deveria correr — quando ela se lembrou de Edward.

"O rádio de Edward", ela disse. "Estava com ele antes de — ainda deve estar com ele".

Billy já estava virando para a porta. "Vou pegá-lo no caminho."

"Tenha cuidado", ela disse.

Ele assentiu, lançando um outro olhar para fora da janela. "Apenas fique preparada para acionar os freios por aqui. Tenho a sensação de que vamos parar em breve, de uma forma ou de outra."

Ele abriu a porta, voltando àquele barulho ensurdecedor, e em seguida se foi.

Os segundos se passavam. Rebecca certificou-se que o rádio estava recebendo, em seguida, manteve a mão na alavanca de freio, olhando para a noite que avançava violentamente. O trem fez uma curva tão rápido que ela fechou os olhos por um instante, desejando que aquela máquina fora de controle permanecesse nos trilhos, tendo a impressão de ter realmente sentido a rodas subirem e depois caírem de volta no lugar. Billy estava certo, de uma forma ou de outra, eles não iriam muito mais longe.

Por que está demorando tanto?

Tinha se passado apenas alguns minutos, mas era o suficiente. Ela pegou o rádio, pressionado TRANSMITIR.

"Billy, *responda.* Qual a seu posição, desligo."

Nada.

"Billy?" Ela esperou, contou lentamente até cinco, seu coração começou a esbarrar nele mesmo. Ela podia ver uma outra curva vindo logo à frente.

"Billy, responda!"

Merda!

Talvez ele não houvesse encontrado o rádio, ou tinha esquecido de ligá-lo. Ou havia algo errado com os controles, e ele não pôde ativar o terminal.

Ou talvez ele esteja morto. Talvez alguma coisa o pegou.

O trem entrou na curva, e desta vez não houve impressão, o trem deu um pesado solavanco, correndo cada vez mais rápido, assim que trepidava ao voltar aos trilhos, uma outra curva como aquela, e tudo estaria acabado. Teria que voltar ela mesmo, não havia muito tempo, mas não tinha outra opção, ou —

"Rebecca, agora!"

Rebecca viu um vulto pelo lado direito do trem, passou tão rápido que ela não sabia o que era até que aquilo tivesse passado — uma plataforma da estação. *A* plataforma da estação, e isso significava que a única coisa restante à frente era onde eles estacionavam essa maldita coisa, e isso significava que já poderia ser tarde demais.

"Peraí!" ela gritou para o rádio, agarrando a alavanca do freio, torcendo o mais forte que podia — algo se aproximava rápido da janela da frente, uma nuvem de escuridão mais profunda que a noite, um túnel. Os freios estavam chiando, *gritando,* assim que o trem rugia para dentro da escuridão, arrebentando uma frágil cancela, fazendo madeira voar pela frente do para-brisa, o trem estava virando novamente, mas desta vez, não estava voltando.

Rebeca ouviu o próprio grito se juntar ao do trem quando ele atingiu o chão e começou a deslizar, metal se rasgava, faíscas queimavam como fogos de artifício infernais. A parede virou o chão, e Rebecca bateu nele assim que a máquina batido em algo ainda mais rígido e todas as luzes se apagaram.

Capítulo 6

Billy acordou com a dor e o cheiro de material sintético queimando. Ele abriu os olhos, piscando, avaliando ao seu redor o mais depressa que sua mente atordoada conseguia, que não era muito rápido. Ele estava de costas, olhando para cima, para um teto branco. Luz de fogo tremulava por toda parte, as sombras de entulho e pedras dançavam por toda parte em uma parede à sua esquerda. De algum modo, ele estava do lado de dentro.

Os freios, o trem ... Rebecca?

Aquilo o despertou. Ergueu-se e parou sentado, ficou surpreso e aliviado ao perceber que tinha apenas um ombro deslocado e algumas escoriações, nada mais grave.

"Rebecca?" ele chamou, e tossiu. Onde quer que estivesse, o fumaça daquela lata velha estava começando a aumentar. Ele, eles, tinham que sair de lá.

Ele se levantou, segurando seu braço direito enquanto olhava em volta. O trem tombou em um armazém, parecia — gigante, um espaço vazio, de concreto, andaimes de um lado, quebra-luzes acima de sua cabeça. Não era muito bem iluminado, mas quando olhou para baixo, viu um trilho de trem amassado sob seus pés, percebendo que eles tinham provavelmente tombado no terminal de manutenção do trem. Onde quer que fosse.

"Rebecca?" Ele chamou de novo, examinando os destroços. Haviam inúmeras pilhas de concreto arrebentado e poças de diesel queimando ao redor. As máquinas estavam ao seu lado, os outros vagões amontoados por trás delas, bloqueando o que parecia ser um

buraco monstruoso na parede. Ele não tinha ideia de onde procurar pela jovem membro do S.T.A.R.S.. Logo que ativou o freio traseiro

ele tinha começado a correr em direção à parte da frente, ele deve ter sido arremessado de trás do vagão de passageiros...

"Uunh". Uma sombra se mexia e caiu perto de uma pilha de rochas fumegando.

"Rebecca!" Ele cambaleou em sua direção, esperando que ela estivesse bem. Ela parecia em pânico quando o chamou pelo rádio, quando ele não tinha respondido, mas ele estava socando botões, ocupado demais para falar. Agora estava arrependido, afinal de contas, ela era apenas uma garota, e estava assustada.

Eu deveria tê-la tranquilizado, ou algo assim — Ele chegou ao amassado e agredido corpo, e começou a se ajoelhar ao lado dela. Estava de bruços, sua roupa rasgada.

"Billy?"

Billy se virou, viu Rebecca andando até ele, com sua nove milímetros na mão. Ela tinha um filete de sangue escorrendo pela a linha dos cabelos, mas de qualquer maneira, parecia estar bem — e a pessoa que estava à sua frente capotou, gemendo novamente, levando uma mão sangrenta até agarrar seu rosto. Dedos podres passaram por toda a sua bochecha.

"Gah!" Com um grito de desprezo sem palavras, ele cambaleou para trás e caiu no chão. Não poderia dizer se a lenta criatura era homem ou mulher pelo tanto que seu rosto e corpo estavam arrebentados, pela doença ou pelo acidente. Aquilo se arrastou de joelhos, virando sua face desfigurada para Billy. Sua boca estava aberta, uma baba com cor de sangue pingava por entre os seus dentes quebrados enquanto se aproximava dele novamente.

"Saia da frente”, gritou Rebecca, e ele estava ocupado demais para obedecer na hora, arrastando-se para trás com as mãos, a algema solta dolorosamente penetrando na carne de seu pulso esquerdo, empurrando-se com os pés. Ela mirou e disparou duas vezes, as duas balas acertaram em cheio aquilo que um dia foi humano e agora se encontrava com o crânio fraturado, terminando com o que restava da sua vida. Aquilo deitou no concreto com um som parecido com um suspiro.

Billy se levantou, e passaram ambos alguns segundos tensos procurando nos destroços quaisquer outros corpos. Se houvesse mais, eles estavam escondidos.

"Obrigado”, ele disse, olhando para a criatura patética. Ao menos ela o poupou de sofrer ainda mais — e com dois tiros de misericórdia na cabeça. Ele ficou surpreso e nem um pouco impressionado com o nível de habilidade dela. "Você está bem?”

"Sim. Fiquei com uma terrível dor de cabeça, mas só isso. Esse foi meu segundo acidente do dia, também.”

"Sério?” Billy perguntou. "Qual foi o primeiro?”

Ela sorriu, começou a falar — parando abruptamente em seguida, sua expressão ficou fria, e Billy sentiu uma pontada de tristeza, ela obviamente lembrou com quem estava falando. Apesar de tudo, ela ainda pensava que ele era um assassino em massa.

"Isso não é importante”, ela disse. "Vamos lá. Temos que sair daqui antes que a fumaça piore.”

Ambos ainda tinham seus rádios, e ele passou um momento procurando sua arma, a encontrando meio escondida por um bloco de concreto esmagado não muito longe de onde ele tinha acordado. A espingarda já era. Nenhum deles sugeriu procurar por ela no trem, os pequenos incêndios estavam morrendo, mas a espessa

camada de fumaça preta que pairava no teto estava aumentando a cada minuto.

Eles percorreram a vasta área, encontrando apenas uma única porta, cerca de vinte metros, ou mais, da máquina destruída. Billy esperava que ela os levasse para o ar livre, para sua liberdade segurança para a garota. Parado na porta, ele olhou para as brasas do acidente, sentiu um canto de sua boca curvar para cima.

"Bem, pelo menos conseguimos parar o trem", disse.

Rebecca acenou com a cabeça, com um sorriso fraco, mas valente.

"Conseguimos", ela respondeu.

Eles voltaram para a porta. Respirando fundo, Billy estendeu a mão e girou a maçaneta, empurrando para abri-la.

Foi surreal, observando o trem tombar no subsolo do centro de pesquisas em uma tela, e ouvir o fraco trovão do acidente um tempinho depois. Eles também sentiram, um pequeno tremor nas paredes ao redor. Em segundos, a lente da câmera foi obscurecida pela fumaça.

"Nós devemos sair daqui. Agora," disse Birkin, andando por trás da cadeira de Wesker. Ele não estava preocupado com o fogo, o antigo terminal era praticamente feito de cimento — mas era difícil um acidente de trem passar despercebido, e nem todos os policiais e bombeiros das proximidades estavam na folha de pagamento da Umbrella. A instalação era isolada, mas bastava um telefonema de um cidadão preocupado para a produção de armas biológicas da Umbrella ser exposta.

Wesker nem parecia estar escutando. Ele batia nos controles dos monitores, trocando a perspectiva das câmera de outras partes

da instalação, procurando por alguma coisa. Ele mal disse uma palavra depois da transmissão final da equipe de limpeza.

"Você está me ouvindo?" Birkin perguntou, não pela primeira vez nos últimos minutos. Ele estava tenso, e a atitude sem cerimônia de Wesker não estava ajudando.

"Eu ouço você, William", Wesker disse, ainda olhando para as telas.

"Se você quiser ir embora, vá."

"Bem? Você não vem?"

"Oh, em breve", ele respondeu, seu tom calmo e uniforme. "Eu só quero verificar algumas coisas."

"Como o quê? Eu diria que o trem está bastante limpo. É por isso que nós viemos, não é?"

Wesker não respondeu, apenas ficava observando as telas. Birkin cerrou os punhos. Deus, o homem poderia ser insuportável! Esse era o problema com sociopatas. A incapacidade de empatia tende a torná-los completamente auto- centrados.

Eu tenho trabalho a fazer, Birkin pensou, olhando para a porta.

Trabalho, família ... Ele não ia esperar pelo Bombeiro Joe chegar derrubando a porta, procurando uma explicação porque estava cheio de zumbis vagando ao redor do local do acidente ...

"Ah, lá está", disse Wesker, manuseando uma chave sob um das telas. Era o lobby principal da instalação, construído para receber executivos e operários para dentro do menos-que-legal universo da White Umbrella.

E enquanto eles assistiam, uma mão surgiu através do chão, afastando uma tampa quadrada.

Esse é o antigo acesso pelo túnel, que leva ao terminal.

Birkin se inclinou para frente, curioso e se odiando por aquilo. Um homem com uma complicada tatuagem em um braço se arrastou para fora do quadrado escuro no canto noroeste da sala, seguido por uma mulher baixa vestindo um uniforme do S.T.A.R.S., na verdade, uma garota. Ambos carregavam pistolas, e olhavam ao redor do finamente decorado lobby com expressões que Birkin não pôde naquele pequeno monitor.

"Quem na Terra são essas pessoas?" ele perguntou.

"A menina é uma novata da equipe B do S.T.A.R.S.", Wesker afirmou. "ninguém com quem se importar. O homem eu não reconheço".

"Você acha que — eram eles no trem?"

"Tem que ter sido", disse Wesker.

Birkin sentiu uma nova onda de pânico. "O que vamos fazer?"

Wesker olhou para ele com uma sobrancelha arqueada. "O que você quer dizer?"

"Eles — ela é do S.T.A.R.S., e quem sabe para quem ele está trabalhando. E se eles escaparem?"

"Não seja estúpido, William. Eles não vão fugir. Mesmo que a instalação não estivesse bloqueada, o lugar está infestado de infectados. Tudo o que eles têm de fazer é abrir uma porta ou duas, e deixarão de ser qualquer preocupação." O tom brando de Wesker estava ficando frio, mas ele tinha razão. As chances de alguém sair da instalação eram de remotas para nenhuma.

Enquanto observavam, os dois intrusos se moviam cuidadosamente em torno do grande saguão, uma das únicas salas

da instalação livre de infectados, ambos varriam suas armas de um lado para o outro. Depois de uma averiguação completa, a garota caminhou até a grande escadaria, parando no pequeno patamar que ficava no centro. Havia lá um enorme retrato do Dr. Marcus — e a menina parecia surpresa com aquilo, como se ela o reconhecesse. O homem tatuado se juntou a ela, e Birkin podia vê-los ler em voz alta a pequena placa abaixo do retrato — DOUTOR JAMES MARCUS, PRIMEIRO GERENTE GERAL.

Birkin se mexeu desconfortavelmente. Ele odiava aquela fotografia. Fazia ele se lembrar de como foi seu começo na Umbrella, não era algo que ele gostava de pensar — “Atenção. Aqui é o Doutor Marcus".

Birkin saltou, olhando ao redor com os olhos arregalados e o coração batendo forte. Wesker não se abalou, e aumentou o som no console do antigo intercomunicador enquanto a voz de um homem morto há dez anos ressonava pelos espaços vazios e corredores de todo o complexo.

"Por favor, fiquem em silêncio para refletimos sobre o lema da nossa empresa. Obediência gera disciplina. Disciplina gera união. União gera poder. Poder é vida.”

O homem e a mulher na tela estavam olhando ao redor também, mas Birkin mal olhava na direção deles. Agarrou nervoso o ombro de Wesker. Aquilo era uma gravação, que ele não ouvia desde que ele e Wesker ainda eram estudantes na instalação.

Onde? — Quem? — Wesker afastou sua mão dele, balançando a cabeça em direção à tela, onde a imagem foi desaparecendo. Parecia piscar e — em seguida, eles estavam olhando para um jovem em outro local. Birkin não reconheceu a sala, mas o jovem que olhava fixamente de volta para eles parecia quase familiar. Ele tinha cabelos longos e olhos escuros, estava provavelmente em seus vinte e poucos anos — e ele

tinha um sorriso afiado, cruel, mais fino e cortante que uma lâmina de aço.

"Quem é você?" Wesker perguntou, certamente sem esperar uma resposta, não havia áudio configurado — O jovem riu, o som saindo do intercomunicador era sombrio e sedoso. Não era possível — ele não usava um fone de ouvido, não estava perto de qualquer parte do sistema de comunicação — mas eles podiam mesmo assim ouvi-lo claramente.

"Fui eu quem disseminou o T-vírus na mansão", ele disse, com sua voz fria. Seu sorriso afiado. "Desnecessário dizer que eu contaminei o trem, também."

"O quê?" Birkin deixou escapar. "Por que?"

A voz fria do jovem parecia se aprofundar. *"Vingança. Da Umbrella".*

Ele se afastou da câmera, erguendo os braços para as sombras. Birkin e Wesker se inclinaram, tentando ver o que ele estava fazendo, mas só podiam ver movimentos no escuro e ouvir algo como água — O rapaz voltou a olhar para eles, seu sorriso mais afiado ainda — e das sombras de trás dele saiu um alto, distinto homem vestindo terno e gravata, seu cabelo branco penteado para trás, suas características delineadas pela idade, mas poderoso, dominante. Era o mesmo cara que enfeitava o retrato no hall de entrada.

"Dr. Marcus?" Birkin arfou.

"Dez anos atrás, o Dr. Marcus foi assassinado pela Umbrella", disse o jovem, sua voz quase um rosnado. "E vocês ajudaram. Não ajudaram?"

Ele riu de novo, aquele riso sombrio e sedoso, um riso que

prometia nenhuma piedade enquanto Birkin e Wesker olhavam, assombrados em silêncio pela visível presença viva de um homem que tinham visto morrer a uma década atrás.

O jovem começou a cantar e suas milhares de crianças viraram a câmera para longe, manipulando os controles que permitiram que sua voz viajasse. Ele disse tudo o que pretendia, pelo menos para o momento, havia muito o que fazer, muitas opções a considerar. As coisas foram se desenrolando, sempre se desdobrando em novas direções. Ele cantou uma música mais lenta, e a imagem do corpo de Marcus desabou, revertendo-se novamente às suas crianças. Elas se reuniram aos seus pés, subindo pelo seu corpo, o acariciando, o adorando. Esperando ele decidisse o que fazer depois.

Não havia um plano além da destruição da Umbrella. Ele tinha e iria continuar a empregar todos os métodos a seu alcance — o vírus, os milhares*(Nota 15)*, as falsas imagens que os milhares eram capazes de criar, como Marcus, ele tinha vantagem sobre Albert e William, tinha sem dúvida os deixado com medo e confusos.

O rapaz sorriu. Que agradável seria se todas as pessoas pudessem ser testemunhas da queda. Com sorte, ele teria a oportunidade de vê-los perecer, estar como eles uma vez estiveram, observando impiedosamente seu mentor agonizando em seus últimos momentos de vida ... Embora suas mortes fossem tentadoras. O que importava era que a Umbrella breve deixará de existir.

Ele considerava o homem e a mulher do trem, como ele poderia usá-los agora que entraram no complexo. Sua primeira intenção era de matá-los, para que eles não interferissem, mas seria um desperdício, afinal, agora a Umbrella não era inimiga deles também? Eles lutam por suas vidas, lutam para serem livres — e se eles conseguirem, iriam chamar atenção imediata para o desastre, o

que ele sempre viu como a cruz no topo do túmulo da Umbrella. Destruir seus laboratórios, matar seus empregados — eles sempre poderiam construir novos laboratórios, contratar novas pessoas. Mas uma vez que os holofotes da imprensa internacional voltar-se para a Umbrella, sua ruína estaria decretada ... E o mundo finalmente de saberia seu nome.

A instalação tinha sido bloqueada, é claro. Ela foi projetada com quase tantas portas com enigmas e passagens secretas quanto a mansão de Trevor, construída na década anterior. Oswell Spencer, um dos cofundadores da Umbrella, era obcecado por livros e filmes de espionagem, e tão paranoico quanto megalomaníaco, que fez um sistema de bloqueios extremamente seguros. Haviam chaves escondidas, portas que não iria abrir sem peças perdidas, mesmo em uma sala ou duas projetadas para interceptar intrusos ingênuos. Não seria fácil para qualquer pessoa escapar.

Mas haviam outros homens falsos plantados por todo o complexo, homens criados pelos milhares, todos preparados para infectar toda e qualquer pessoa que chegasse perto, eles tinham ajudado a espalhar o vírus na primeira vez. Ele podia usá-los agora para abrir o centro de pesquisas, para encontrar as chaves e destrancar as portas, garantindo que o homem e a mulher tenham ao menos uma chance de sobreviver. Era uma chance pequena — afinal os homens falsos não eram os únicos portadores do vírus vagando pelos corredores — mas eles já tinham provado serem mais resistentes do que a maioria.

O jovem riu, pensando em Albert e William, se perguntando o que eles estavam pensando; os mais brilhantes alunos de James Marcus trabalhando no controle de danos da Umbrella. Depois de todos esses anos. Era uma ironia acima da medida.

As crianças arrulhavam, cobriram-no, encantadas com o riso e

cantaram sua própria canção doce, a canção do caos e da interdependência assim que seus gelados e escorregadios corpos, cheios do sangue de seus inimigos, fundiam-se e o envolviam.

“ ... gera poder. Poder é vida."

A poderosa voz foi sumindo, o grande salão ficou em silêncio outra vez. Tinha de ser uma gravação ou algo assim, não era um som ao vivo, alguém o ligou — e ela desconfiava ter uma ideia de quem foi. Ela voltou sua atenção para o retrato do Dr. Marcus e sentiu um arrepio na espinha.

"Olha, *aquilo* foi assustador”, disse Billy.

"Não tão assustador quanto vê-lo no trem”, disse Rebecca, acenando para o retrato. "Feito de insetos gosmentos.”

"Talvez seja outro estágio da doença ou coisa parecida,” disse Billy.

Rebecca concordou acenando com a cabeça, embora duvidasse. As pessoas zumbis que eles tinham visto no trem e o homem no vagão-restaurante, que parecia ser James Marcus — não tinham os mesmos sintomas.

"Ou talvez as sanguessugas infectaram algumas pessoas, e ... eu não sei, assumiram o controle de outras pessoas”, ela disse.

"Pode ser”, disse Billy. Ele correu uma mão pelo cabelo e sorriu, um sorriso surpreendentemente agradável. "De qualquer forma. Você provavelmente deve encontrar aqui um telefone ou algo assim, para chamar seus amigos para cá”

Seu tom era de desdém. Rebecca apertou a mão que segurava a nove-milímetros. "O que você pretende fazer?”

Billy se virou e começou a descer as escadas a passos leves.

"Pensei que poderia dar um passeio", respondeu.

Ela o seguiu até a porta da frente, sem saber o que fazer, o que dizer. Ela tinha sérias dúvidas se deveria atirar nele, não depois que ele salvou a vida dela, mas também não podia simplesmente deixá-lo ir. "Eu não acho que isso é uma boa ideia", disse ela.

Ele puxou a maçaneta da porta. O fresco e úmido ar da noite adentrou, a chuva havia se transformado em um chuvisco. "Por mais que eu aprecie a preocupação, eu acho que eu ganhei um ponto de partida, não é? Então, vamos apenas — "

Ele parou no meio do caminho, no meio da frase, olhando através da paisagem chuvosa na frente deles. A instalação, parecia ter sido construída na encosta de uma colina. Na frente deles havia uma passagem pavimentada, grande o suficiente para ser uma estrada, que se estendia cerca de dez metros à frente — e em seguida, terminava de forma abrupta, caindo no vazio.

Juntos, eles caminharam até a beira da estrada. Haviam postes de iluminação em cada lado da porta da frente e apenas um deles estava funcionando, mas foi o suficiente para verem que, sem uma corda, nenhum deles iria a lugar algum. O caminho terminava numa linha irregular de entulhos, no topo de uma encosta íngreme, que tinha pelo menos cinco metros, provavelmente mais. Estava escuro demais para ter certeza.

"Você estava dizendo?" debochou Rebecca.

"Então, eu vou encontrar uma outra porta," disse Billy, voltando a olhar para o casarão. Parecia uma fazenda, certamente foi decorado como refúgio de finais de semana de algum bilionário conservador, mas tinham visto um logotipo dizendo INSTALAÇÃO DE PESQUISAS UMBRELLA estampado no piso de mármore polido. Rebecca percebeu que era como um retiro executivo ou algo assim.

Tinha um ar de abandono, mas o lugar tinha energia, luzes ... Claro, tudo o que tinham visto desde o acidente com o trem foi um lobby extravagante e um túnel semi-submerso que conectava os dois. Não tinham ido mais além.

"Vi pelo menos duas lá dentro, sem contar as que tiverem subindo as escadas", ele continuou. "E se tudo isso não der certo, talvez eu possa rastejar de volta para fora através do trem."

"Presumindo que meus amigos não apareçam primeiro," disse Rebecca. Ela deu um passo para trás, pegou seu rádio e apertou para transmitir um sinal. O rádio de Billy bipou em resposta, mas essa foi a única resposta.

Depois de um longo momento de rádios em silêncio, o único som era o da chuva pingando em árvores distantes, Billy sorriu.

"Presumindo que *você* encontre um telefone."

Deus, ele era irritante.

Ela se virou e começou a voltar para o casarão, um pouco espantada, mas assim que chegou à porta, se sentia segura o suficiente para virar as costas pra ele ... Embora se ele realmente a quisesse morta, já teve uma grande oportunidade. Apesar de sua intuição dizer o contrário, ela estava tendo dificuldade de pensar nele como perigoso. Seus instintos é que diziam o contrário, e essa foi uma das primeiras lições que o S.T.A.R.S. a ensinou — você pode até interpretar mal sua intuição, mas ela nunca erra.

Ele a alcançou assim que ela voltou para dentro — e ambos pararam, olhando ao redor. A pintura de Marcus tinha sumido. Agora havia uma porta lá, uma abertura escura na parede, e do ângulo deles até o fundo das escadas, não havia maneira de saber o que passou pela abertura.

Ela estava prestes a dizer para Billy ficar atrás quando ele passou na frente dela, com sua arma na mão. Enquanto ele varria o lugar, com sua postura e seu olhar em alerta máximo, ela foi novamente golpeada pela forte sensação de que ele não era o que inicialmente parecia ser.

Não é que eu precise ser protegida.

Ela foi para seu lado, examinando o saguão como tinha sido treinada, e juntos eles se dirigiram até as escadas, parando próximos ao patamar. A nova passagem aberta sobre o patamar das escadas levava para um corredor vazio e mal iluminado na parte inferior.

"Dúvidas, comentários? Billy perguntou, olhando para baixo.

"Alguém quer que desçamos", disse ela.

"Era o que eu estava pensando. E eu também acho que poderia não ser uma boa ideia."

Rebecca concordou. Ela se afastou da abertura, olhando suas alternativa redor. Havia duas portas descendo as escadas, uma na parede esquerda, uma à direita. No segundo andar ela podia ver mais quatro de onde estava — quando olhou ao redor, um alto *ffump* veio de algum lugar atrás deles, de algum lugar no vazio corredor escuro. Parecia algo muito macio e muito pesado, caindo no chão. Sem falar nada, os dois se afastaram da abertura.

"Então, o que me diz de estendermos nossa trégua um pouco mais?" perguntou Billy, e embora a sua voz fosse tranquila, ele não estava sorrindo.

Rebecca acenou com a cabeça novamente. "Sim", se perguntando onde eles foram se meter, e o que seria necessário para saírem.

Capítulo 7

Eles caminharam de volta para o chão do lobby, Billy contente por ela ter concordado em continuarem cooperando um com o outro. Este lugar, o que quer que fosse, era definitivamente inseguro. Ela era inexperiente, mas ao menos não era maluca.

"Devemos nos separar', disse Rebecca.

Billy soltou uma risada, totalmente desprovida de humor. "Você está maluca? Você nunca viu um filme de terror? Além disso, olhe o que aconteceu da última vez."

"Nós encontramos a chave para aquela maleta, se me lembro corretamente. E o que precisamos agora é encontrar uma forma de sair daqui."

"Claro, mas vivos", disse Billy. "Este lugar tem território hostil escrito sobre ele. Sugeri uma trégua, em primeiro lugar, porque não quero morrer, entendeu?"

"Você tomou conta de si muito bem até agora", rebateu ela. "Não estou dizendo que vamos ter problemas. Basta abrir algumas portas, só isso. E nós temos rádios agora."

Billy suspirou. "O S.T.A.R.S. não lhe ensinou sobre trabalho em equipe?"

"Na verdade, esta era minha primeira missão", disse Rebecca. "Olha, nós damos uma olhada em volta, ligue se encontrar algo. Vou checar o andar de cima, você verifica aqui em baixo. Se os rádios não funcionarem, nos encontramos novamente aqui em vinte minutos."

"Eu não gosto disso."

"Você não precisa gostar. Apenas faça".

"Senhor, sim *senhor,"* Billy disparou. Ela não estava pretendendo bancar a líder, ele que estava permitindo — embora talvez não fosse tão difícil dar ordens a um criminoso condenado por perto quando se trabalha para a lei.

"Quantos anos você tem, afinal? Eu gostaria de saber se estou recebendo ordens de alguém mais madura do que uma Escoteira".

Rebecca fez uma cara furiosa, então virou-se e voltou às escadas. Poucos segundos depois, ele ouviu uma porta abrir e fechar.

Bem, Billy olhou ao redor do lobby. *Uni, duni, tê ...*

"O escolhido foi você", disse, virando-se para a parede à esquerda. Ele não queria ir sozinho, preferia ter cobertura, mas provavelmente era melhor dessa maneira, afinal, se ele encontrar uma saída, poderia tomar seu rumo, ligar para ela e dizer adeus enquanto estiver se mandando. Deixar ela para trás não faria ele se sentir muito bem, mas ela poderia encontrar abrigo e esperar um resgate, ela ficaria bem. Ele tinha que pensar um pouco nele mesmo, se qualquer outro S.T.A.R.S. aparecer, ou a RCPD, ou os Militares, ele estará voltando para Ragithon em um piscar de olhos.

Ele afastou o pensamento quando se aproximou da porta. Ele tem estado muito agitado desde que foi sentenciado, cheio de raiva e angústia em partes iguais.

Desde o acidente com o jipe ele conseguiu tirar da cabeça a data de sua pena de morte, era uma necessidade, se ele quisesse ser capaz de pensar com clareza. Ele tinha que se manter firme.

"Vamos ver o que está por trás da porta número um", ele

murmurou, empurrando a porta destrancada sem identificação — tenso, levantando sua arma, preparando para mirar. Era uma sala de jantar, que algum dia deve ter sido bastante elegante. Agora, havia dois, três homens infectados vagando ao redor da imunda mesa de jantar no centro da sala, e todos os três estavam se virando na direção dele. Todos se pareciam como zumbis, suas peles cinza e rasgadas, os olhos brancos. Um deles tinha um garfo cravado em um dos ombros.

Billy rapidamente fechou a porta e deu um passo para trás, esperando para ver se qualquer uma das criaturas poderia manejar uma maçaneta, o vazio do lobby pesava sobre suas costas como um olhar frio. Depois de alguns instantes, ele ouviu um arrastar de pés diante da madeira e depois uma baixo e frustrado choro, um som tão insano quanto os zumbis pareciam estar.

Bem. O casarão, centro de pesquisas, seja lá o que fosse, tinha sido infectada assim como o trem, aquilo respondia *aquela* pergunta. Ele pegou o rádio, pressionando o botão de transmissão.

"Rebecca, responda. Temos zumbis aqui. *Desligo".* Ele pensou sobre o escorpião gigante e estremeceu, esperando que zumbis fosse tudo o que houvesse lá.

Houve uma pausa, em seguida, a voz jovem dela crepitava. *"Entendido. Precisa de ajuda?* Desligo".

"Não", Billy disse incomodando. "Mas você não acha que deveríamos reconsiderar nosso plano? *Desligo."*

"Isso não muda nada", disse ela. "Nós ainda temos que encontrar uma saída. Continue procurando e me mantenha informada do que mais você encontrar. Desligo".

Ótimo. A Wonder Girl*(Nota 16)* estava mantendo o plano. Então, porta número dois, a menos que ele queria se arriscar com três

daquelas coisas. Ele se virou e atravessou o saguão, dizendo a si mesmo que seria um desperdício de munição, o que era verdade. Era verdade também que ele não queria atirar em pessoas doentes, não importa o quão insano estivessem ... E como os zumbis eram realmente loucos, se ele pudesse evitá-los, ele os evitaria.

Ele empurrou a segunda porta e a segurou, com os seus sentidos em alta. Ela dava em um corredor encapetado que ia para sua direita, com uma curva não muito à frente. Não havia nenhum som, nenhum movimento, somente o cheiro de poeira, nada mais ameaçador. Ele esperou um momento, depois entrou, fechando a porta atrás dele.

Ele andou devagar pelo corredor, seus passos abafados pelo grosso tapete, virando com sua arma, deixando escapar um suspiro quando viu que após a curva também estava limpo. Até agora, tudo bem. O corredor continuava, virando novamente, mas havia uma porta à esquerda, ele poderia tentá-la.

Billy empurrou a porta — e sorriu diante de um banheiro vazio, perto de uma fila de pias que podia ver da porta.

"Isso me lembra que", disse, dando um passo para dentro. Ele verificou o lugar rapidamente, pias alinhadas em duas paredes da peça em forma de U, quatro boxes de toaletes ocupando um terço dela, discretamente longe da vista da porta. Por mais conservada que a casa estivesse, parecia ter sido abandonada, talvez recentemente, uma das portas de um box estava pendurada fora de suas dobradiças, o assento quebrado, e havia algumas coisas estranhas espalhadas pelo chão, como garrafas vazias, vasos de plantas, coisas improváveis de se encontrar em um banheiro. Havia até mesmo um galão de gasolina em um dos boxes. Por outro lado, não havia água relativamente limpa na privada ... considerando a urgência da sua visita, estava suficientemente bom para ele.

Um minuto mais tarde, ele já estava fechando o zíper quando ouviu passos de alguém no banheiro. Um único passo, depois de uma longa pausa ... um segundo passo.

Ele não havia fechado a porta? Não conseguia se lembrar, e silenciosamente amaldiçoou-se pelo o deslize. Ele puxou sua arma e girou sobre os calcanhares, movendo-se silenciosamente, passando pela porta aberta do box. Ele não podia ver a porta de onde estava, mas podia ver a outra parte da peça refletida em um espelho acima das pias. Ele manteve o nível de arma e esperou.

Um terceiro passo, e novamente o silêncio. Quem quer que fosse, tinha os pés molhados, ele podia ouvir as solas de seus sapatos saindo do chão com um som de respingos — e no quarto passo, ele viu um perfil no espelho, e saiu do box, sentindo uma estranha mistura de horror e alívio quando se preparava para atirar. Era um zumbi, um homem, seu rosto liso e branco, os olhos encaravam o nada enquanto cambaleava, se equilibrando para se manter em pé. Eles eram terríveis — mas pelo menos eram relativamente lentos. E por mais que ele não gostasse do que tinha de fazer, matá-los era seguramente uma misericórdia.

O zumbi deu mais um passo, movendo-se para a linha de fogo de Billy. Billy mirou bem, apontando um pouco acima da orelha direita da coisa, ele não queria desperdiçar uma bala — e o zumbi se virou de repente, rapidamente, o mais rápido que ele poderia se mover. Ele deu uma cambaleada, olhando para Billy com um olho vazado de sangue, e o outro olhando para a parede, e partiu em sua direção, ainda a dois metros de distância — mas seu braço estava esticando, alongando enquanto ia em direção a ele como um elástico, o tecido da sua camisa, úmida e incolor, alongava junto com ele.

Billy se esquivou. A mão da coisa passou por cima de sua

cabeça e deu um tapa contra a porta do box, como um *beijo* molhado, depois recuou, puxado de volta ao corpo desumano, que de alguma forma parecia um zumbi.

No trem, como Marcus — Estava perto o suficiente para que ele pudesse ver o movimento da roupa da criatura, o estranho efeito ondulante assim que seu braço bateu de volta no lugar. Sanguessugas, aquela coisa era feita de sanguessugas, e assim que ele deu um passo mais perto, Billy cambaleou para trás entrando no box, atirando na carne molhada do rosto daquela coisa.

A criatura parou, uma gosma preta deslizou da ferida que surgiu pouco abaixo de seu olho esquerdo — e em seguida, a ferida desapareceu, uma falsa pele deslizou sobre ela, as sanguessugas ressuscitavam.

Elas se curavam.

Quando aquilo deu mais um passo à frente e Billy fechou a porta do box com um chute, a fazendo bater e a segurando com a bota, tentando pensar rapidamente no que fazer em seguida e descartando as ideias tão rápido quanto pensava.

Ligar para Rebecca, não há tempo, continuar atirando, não tenho balas suficientes, correr, essa coisa está bloqueando o caminho — Billy esbravejou de frustração — e seu olhar franzido caiu sobre o galão de gasolina que estava no chão. Ele se jogou para frente, bloqueando a porta do box com um ombro enquanto enfiava a mão em seu bolso direito. Lá era onde estava guardado o último cartucho de espingarda — Ele puxou o isqueiro que encontrou no trem, agradecendo a Deus por estar com ele, se abaixou e pegou o galão de gasolina, sua algema solta batia contra o galão de plástico. Tinha menos do que a metade.

Jesus, eu espero que seja gasolina — A porta do box foi atingida como que por um aríete. Billy ricocheteou, em seguida, atirou-se para

frente novamente, desatarraxando a tampa do recipiente com uma mão trêmula e o ombro dolorido. A criatura era estranha, terrivelmente silenciosa enquanto acertava novamente a porta, batendo nela com força suficiente para amassar o metal.

O cheiro estonteante de gasolina tomou conta do minúsculo box. Billy apanhou o rolo de papel higiênico na parede e puxou um pedaço com força — e a porta arrebentou, sendo arrancada de suas dobradiças por outro poderoso e desumano golpe. Lá estava a criatura, balançando o seu olho esquisito para encontrar Billy, mirando nele.

Billy segurou o galão virado para cima assim que conseguiu se equilibrar, espirrando gasolina nele mesmo. Ele empurrou o galão para frente, o derramando no peito criatura.

A reação foi imediata e repulsiva. O corpo dela começou a se contorcer, a tremer, e um grito estridente irrompeu no banheiro, não uma só voz, mas mil pequenas criaturas gritando como uma só. Um escuro e espesso líquido começou a escorrer, aparentemente de todos os poros do seu rosto e corpo.

Billy lhe deu um sólido pontapé, e aquilo cambaleou para trás, ainda coesa, ainda gritando, o som ecoava pelo pequeno box. Ele não sabia se apenas a gasolina era o suficiente, e não ia esperar para ver. Então abriu a tampa do isqueiro e girou a roda, segurando o rolo de papel higiênico em cima da chama recém acesa. Um segundo depois, o papel estava em chamas.

Billy pulou para fora do box e desviou do histérico monstro. Assim que ele passou, virou-se e jogou o flamejante rolo de papel, acertando o homem sanguessuga logo abaixo do peito — e o grito estridente se intensificou em um grito de horror, ensurdecedor. Segundos depois das chamas rugirem em cima dele, o envolvendo totalmente, antes dele desabar em mil pedaços em chamas, uma

negra poça queimando tomou forma no chão de ladrilhos, e os pequenos choros terminaram em uma questão de segundos.

Algumas poucas sanguessugas rastejaram para longe do fogo, mas elas estavam desorganizadas, aleatoriamente deslizando pelas paredes e pelo chão, passando pelos seus pés. Billy se afastou delas, do borbulhante fogo se extinguindo, enfiando o isqueiro no bolso enquanto ia em direção à porta.

De volta ao corredor, ele respirou fundo, soltou o ar devagar, e pegou o rádio. Já não se importava mais o com o plano de Rebecca, pois eles iriam se reagrupar já, e dar o fora daquele lugar infernal mesmo que tenham de cavar através das paredes com suas malditas mãos.

Esta noite nós celebramos. Finalmente conseguimos depois de todo esse tempo. Nós estamos chamando o novo vírus de Progenitor, ideia de Ashford, mas eu gostei. Melhor começar os testes imediatamente.

23 de março

Spencer diz que vai começar uma empresa especializada em pesquisas farmacêuticas, talvez uma franquia de manufatura na dmg(Nota 17). Como sempre, ele é o empresário do nosso grupo. Ao que parece, seu interesse no Progenitor é essencialmente financeiro, mas não vou reclamar. Ele quer nos ver prosperando, o que significa que irá nos manter bem financiados; enquanto estiver preenchendo os cheques, ele pode fazer o que preferir.

19 de agosto

O Progenitor é uma maravilha, mas suas aplicações ainda são um tanto inseguras. Justamente quando pensamos ter a taxa de amplificação documentada, quando temos uma meia dúzia de testes

mostrando os mesmos resultados em todos, tudo se desmorona. Ashford continua investindo em trabalhar nos números de citosinas, chegando ao oposto disso, ele só pode estar sonhando. Precisamos continuar observando.

04 de dezembro

Quando começamos, eu tinha minhas dúvidas — mas Spencer continuou me pedindo para ser o gerente de sua nova unidade de pesquisas. Talvez por causa dos negócios, mas ele está se tornando insuportavelmente insistente. Em todo caso, estou considerando sua proposta. Preciso de um lugar propício para explorar novas possibilidades para esse vírus, um lugar onde não serei perturbado.

30 de novembro

Maldito. "Vamos almoçar, James", diz ele, os antigos companheiros e as boas lembranças. Tudo besteira. Ele quer o Progenitor pronto, já. Seus "amigos" do clubinho White Umbrella, com seus ridículos jogos de espionagem — eles querem algo emocionante para brincar, para leiloar, e eles não querem esperar por isso. Tolos. Spencer pensa que tudo isso se resume a dinheiro, mas ele está errado. Já não se trata mais disso, não mais, eu nem sei o que sempre foi. Eu tenho que fortalecer minha posição, proteger minha rainha, por assim dizer, ou eu posso ser esmagado.

19 de setembro

Enfim, enfim produzi um plasmódio com o DNA de sanguessugas e após recombinei com o Progenitor — e é estável! Este era a realização que eu estive contando. Spencer vai ficar feliz, maldito, embora eu só deixe transparecer que alguns progressos foram feitos, e não tantos, não tantos. Eu o nomeei depois dele, a minha piada particular. Eu estou o chamando de T, de Tyrant(Nota 18).

23 de outubro

Eu não posso pensar neles como seres humanos. Eles são cobaias, isso é tudo, isso é tudo. Eu sabia que um dia as pesquisas teriam que chegar a esse ponto, eu sabia e — eu só não sabia que seria desse jeito.

Devo manter meu foco. O T-vírus é magnífico; eles, essas cobaias deveriam estar honradas em experimentar tal perfeição. Suas vidas irão pavimentar uma estrada para uma consciência mais elevada.

Cobaias. Isso é tudo. Peões. Às vezes, os peões devem ser sacrificados para o bem maior.

13 de janeiro

Meus bichinhos estão progredindo. Com o seu próprio DNA no vírus recombinante, eu pensei que poderia prever como a infecção os mudaria, mas eu estava errado. Eles começaram a colonizar, como formigas ou abelhas. Nenhum indivíduo é melhor do que qualquer outro, pois eles trabalham em conjunto, uma mente centra se une para um propósito maior. Meu propósito. Eu não tinha enxergado no começo, eu estava cego, mas isto é muito mais gratificante do que o trabalho com seres humanos. Devo continuar os testes, no entanto — não posso deixar transparecer que eu descobri o verdadeiro significado, o valor do T e o que ele representa. Spencer tentaria pôr suas mãos nele, eu sei que tentaria. Meu rei está sob ameaça.

11 de fevereiro

Eles estavam me observando. Eu vou para o laboratório, eu vejo aquelas coisas se movendo. Eles tentam escondê-las, fazem tudo parecer como era, mas eu vejo. É o maldito Spencer, ele sabe sobre minhas sanguessugas, minha linda colônia — esta perseguição, isso não vai acabar até que um de nós esteja morto. Eu não posso confiar em ninguém ... talvez em Albert e William, minhas fortalezas, eles acreditam no trabalho, mas eu tenho que eliminar alguns dos outros. O

jogo chega ao final. Ele vai tentar a minha rainha, mas a vitória será minha. Xeque-Mate, Oswell.

Era a última anotação. Rebecca fechou o diário e o colocou ao lado de um tabuleiro de xadrez que ficava no centro da mesa. Quando ela o descobriu naquele esconderijo, pensou que os rudimentares mapas eram tudo que tinha nele. Havia dois, um que mostrava o que parecia ser três pisos no subsolo do prédio, incluindo algumas áreas não marcadas que talvez levassem para o lado de fora. O outro parecia ser de cima, uma sala rotulada OBSERVATÓRIO próximo a uma área aberta marcada como PISCINA DE CRIAÇÃO. Mas o pequeno diário com capa de couro, empoeirado, enrugado e antigo — ela não sabia dizer quantos anos tinha exatamente, mas uma das anotações sobre pesquisas com sanguessugas tinham "1988" marcado em um canto superior — foi uma verdadeira descoberta. Escrito por James Marcus, aparentemente, o criador do T-vírus, o mesmo vírus que transformou homens em zumbis, que infectou o trem, e provavelmente metade da floresta de Raccoon, se os recentes assassinatos forem alguma pista.

Rebecca olhou fixamente a estranha decoração do cômodo, o gigante tabuleiro que dominava o chão, sua mente matutava. Ele era obviamente um maluco, suas divagações sobre xadrez, sobre o "verdadeiro sentido" do vírus. Talvez fazer experiências com pessoas o deixaram fora de si.

Seu rádio sinalizou. Ela mal pressionou o botão para receber a chamada e já pôde ouvir a voz ofegante de Billy bradando em seu ouvido.

"Onde você está? Precisamos nos reagrupar, agora... Olá? Ah, desligo."

"O que aconteceu? Desligo".

"O que aconteceu é que eu topei com mais uma daquelas pessoas-sanguessugas, e quase fui morto por ela. Podemos lidar com zumbis, mas essas coisas — eles comem balas, Rebecca. Nós não temos munição suficiente para enfrentar mais deles. Desligo".

"Eles começaram a colonizar, como formigas ou abelhas"

Quem estava os controlando? Marcus? Ou eles tinham criado seu próprio líder, uma rainha?

"Tudo bem", disse Rebecca. Ela pegou os rascunhos do subsolo e do observatório que tinha encontrado e os colocou em seu colete enquanto se levantava. Depois de um segundo, ela pegou o diário, o colocando em um bolso também. "Uh, me encontre no patamar, onde tinha aquela imagem do Marcus. Talvez eu tenha encontrado uma saída, *desligo."*

"Estou indo. Cuide-se, desligo."

Ela se apressou para fora da sala e pelo corredor, movendo-se rapidamente. Não havia ido longe em sua exploração, apenas uma sala de reuniões vazia e o escritório com os jogos de xadrez; felizmente não teve de enfrentar alguma coisa hostil. Billy estava certo sobre os homens-sanguessugas, não tinha nenhuma maneira de encarar mais deles. De fato, parecia provável que a única razão da coleção de sanguessugas no trem ter parado de atacá-los, era porque eles foram chamados de volta. Ela tinha vagas esperanças de permanecer na boa e segura instalação até que a ajuda chegasse, mas depois de ler o diário de Marcus, ouvir que o centro de pesquisas foi infectado — eles precisava sair de lá.

Afinal, ela já atravessava uma noite cheia — a forçada aterrissagem do helicóptero, o trem, Billy, o acidente, e agora isso — ela ainda esperava a cavalaria chegar, que alguma outra pessoa assumisse tudo, que a enviasse para sua casa, com um jantar quente

e uma cama para que ela pudesse acordar amanhã e retomar novamente sua vida normal. Mas em vez disso, parecia que ela estava sendo atraída ainda mais fundo pelo mistério de Marcus e suas criações, pela Umbrella e seus experimentos malignos.

O jovem se mudou para um lugar onde as colmeias poderiam se reunir confortavelmente, um espaço grande, quente, úmido e longe da possibilidade da luz do dia. Os milhares o cercavam agora, cantando sua descompassada canção de água e trevas, mas ele não estava tranquilo. Ele observava com uma fria fúria assim que a garota — Rebecca, era assim que o assassino a tinha chamado, e seu maldito nome era Billy — roubou o diário de Marcus, o enfiando no bolso antes de sair do escritório. Afinal, não foi por isso que ele tinha aberto a mesa para ela. O mapa do observatório, ela deveria pegar apenas o mapa.

Os dois se reuniram agora em frente à porta do retrato, ambos falando ao mesmo tempo, certamente relatando suas descobertas, suas façanhas assassinas. Ele podia ver a ladra e o assassino em uma tela de vídeo de um lado de seu novo refúgio — um nível abaixo da estação de tratamento — mas podia vê-los melhor através de uma dúzia de pares de olhos rudimentares os observando, suas crianças os espreitavam pelas sombras. As mentes dos milhares eram poderosas, capazes de enviar imagens de um para outro, para ele; era assim que eles podiam trabalhar juntos de forma eficaz. Rebecca e Billy não sabiam o quanto eram vulneráveis, de quão facilmente ele poderia encontrá-los e tirar suas vidas. Eles sobreviveram até agora somente pela sua graça.

Uma ladra e seu amigo assassino; Billy matou um coletivo. Ele o queimou. Os poucos sobreviventes ainda rastejavam de volta a seu mestre, seus pobres corpos queimados, mostrando a morte de todos por terem perdido a aderência. Como ele se *atreveu,* esse

homem insignificante, esse inseto?

Rebecca estendeu os mapas e ambos os estudaram, estúpido demais, sem dúvida, sabendo o que esperava por eles. O observatório era a chave para sua fuga, mas eles sem dúvida irão tentar o subsolo primeiro. Seja como for. Ele já não estava tão certo se queria os ver livres.

Eles começaram a descer as escadas, sumindo da tela, e da visão dos milhares, mas por poucos segundos. Assim que o casal tornou a serem vistos por uma outra câmera, eles pararam, olhando para o amontoado de corpos aracnídeo, mortos e contorcidos no chão. Havia quatro das aranhas gigantes, todas mortas meros momentos antes, eliminadas para que Rebecca e seu amigo escapem de suas mordidas venenosas. As aranhas foram outro experimento, condenado ao fracasso, muito lento, muito difícil de lidar, mas letais o bastante para o jovem se preocupar com elas. Uma pena, agora, assistir a ladra e o assassino morrerem seria um enorme prazer, apesar dele se guardar para seus planos com a Umbrella.

O casal seguiu em frente, sem saber que estavam sendo observados pelas criaturas que mataram as aranhas, que estavam aninhadas nos inchados corpos naquele mesmo instante.

O que fazer? Matá-los seria atender uma necessidade sua, uma necessidade de vingar as vidas de suas crianças, a necessidade de afirmar o seu controle.

Mas expor a Umbrella era sua prioridade, levar a empresa à ruína após abrir o coração podre dela ... o que Billy e Rebecca certamente farão, caso sobrevivam.

A dupla seguiu pelo corredor até seu final, em seguida passaram pela porta de um escritório há muito abandonado. Após uma breve consulta em seu mapa, eles continuaram em uma sala

sem saída, onde uma vez eram mantidas espécimes. As gaiolas foram retiradas, o lugar estava vazio agora. O jovem não estava certo por que eles tinham escolhido um beco sem saída — até os ver indo em direção ao canto nordeste, ambos olhando para o retângulo escuro, perto do teto.

O duto de ventilação. Isso não constava no mapa; talvez eles acreditem que fosse uma saída. Na verdade, isso leva para — O jovem balançou a cabeça. A câmara privada do Dr. Marcus, a sala onde ele uma vez se "entreteu" com uma certa cobaia atraente. Por que eles simplesmente não vão embora? Eles não encontrarão nada na sala privada, nada — A menos que...

O duto de ventilação está conectado a uma outra área de espécimes vivos, que não está vazia. E as criaturas não vêm sendo alimentadas há dias. Eles devem estar muito, muito famintos agora. Tudo o que ele precisava fazer seria ordenar aos milhares abrir uma jaula ou duas...

Em vez de considerá-los parte integrante do seu plano, talvez ele devesse pensar em Billy e Rebecca como cobaias. Eles podem morrer — o que, na verdade, provavelmente só atrasaria um pouco a exposição da Umbrella; ele estava impaciente, mas tinha de considerar o valor do entretenimento. Ou, eles podem sobreviver. Neste caso, terão uma história ainda maior para contar.

O jovem abriu seu sorriso afiado assim que Billy deu um impulso para Rebecca, levantando-a para o duto de ventilação. Ela rastejou para dentro, sumindo de vista. Será que ficarão surpresos se alguns dos remanescentes da série de primatas aparecer para brincar?

Ao seu redor, as crianças arrulhavam, as paredes e o teto pingavam seus fluidos escorregadios. Cercada pelos milhares, o destino da Umbrella está em suas mãos — e agora com dois

soldadinhos para ele testar, para ver se eles terão habilidade de esburacar as remanescentes armas biológicas da Umbrella — ele estava feliz. Será que eles irão viver ou morrer? De qualquer maneira, ele ficaria satisfeito.

"Abram as gaiolas, minhas queridas", ele murmurou, e começou a cantar.

Capítulo 8

REBECCA rastejou através do duto de ar, ignorando as camadas de poeira e teias de aranha que foram grudando em seus cabelos e roupas, ignorando as sufocantes e estreitas paredes de metal fino. O mapa só mostrava o duto que ligava duas salas no primeiro piso do subsolo, mas havia espaços no segundo subsolo que também parecia ser parte do sistema. Parecia que, provavelmente, um dos dutos levava para fora. Billy não estava muito entusiasmado — *provavelmente* não era o mesmo que *certamente,* ele disse — mas ambos concordaram que valia a pena verificar.

Pelo menos não é muito longo, ela pensou, indo em direção ao quadrado de luz, não muito distante à sua frente. Havia uma fina grade de metal cobrindo a saída, mas ela se soltou com algumas pancadas, fazendo um enorme barulho quando bateu no chão.

Ela deu uma rápida olhada em uma grande sala de pedra, úmida, fria, vazia e com o fraco brilho de uma lâmpada, em seguida, projetou-se para fora, agarrando a borda do duto e dando uma cambalhota até cair agachada. Ao se levantar, espanou-se já na nova sala.

Minha nossa.

Era como um calabouço medieval, grande, sombrio, uma caverna feita de pedra. Nas paredes rochosas foram fixadas correntes, e nas correntes, algemas. Havia uma série de instrumentos espalhados ao redor que ela não conhecia, mas deveriam ter sido feitos para causar dor. Haviam tábuas com pregos enferrujados nelas, cordas cheias de nós, e próximo a uma fonte na parede coberta de limo havia

uma grande cápsula de ferro que parecia uma Dama de Ferro*(Nota 19)*. Ela não tinha nenhuma dúvida de que as escuras e desbotadas manchas na parede rochosa eram de sangue.

"Está *tudo bem?* Desligo."

Ela pegou o rádio. "Eu não acho que 'tudo bem' é a palavra certa", respondeu. "Mas eu estou bem, *desligo."*

"Existe algum outro duto de ar? Desligo"

Ela se virou, procurando nas paredes uma passagem de ar — e viu uma, vinte metros acima.

"Sim, mas é no teto", disse ela, e suspirou. Mesmo que eles tivessem uma escada para chegar ao duto, eles não poderiam escalar até lá.

Ela olhou para a única porta do lugar, no canto sudoeste.

"Onde é que a porta daqui vai dar? *Desligo"*

Uma pausa. "Parece que se abre para uma pequena sala que leva de volta para o corredor em que viemos." ele disse. "Devo te encontrar de volta no corredor? Desligo."

Rebecca começou a ir em direção à porta. "Isso faz o maior sentido. Talvez possamos tentar — "

Antes que ela pudesse completar a frase, um som terrível tomou conta da câmara, como nada que ela já tivesse ouvido antes, mas também estranhamente familiar.

Foi um grito alto parecido com um de macaco — isso. A casa de primatas, no jardim zoológico. Aquilo estava ecoando, uivando através do espaço cavernoso, vindo do nada e de toda parte ao mesmo tempo. Rebecca olhou para acima assim que uma criatura pálida, de pernas compridas a encarava da saída de ventilação. Ele

arreganhou os dentes, espessos e afiados, segurando o ar na frente de seu peito musculoso com dedos flexíveis, gritando horrivelmente.

Antes que ela pudesse dar um passo, a criatura saltou do duto de ventilação e pulou contra uma parede de rocha antes de aterrissar agachado no chão, sobre o piso de finas placas no meio da câmara. Ele olhava para ela, seus lábios puxados para trás sobre seus dentes amarelados. Parecia um babuíno com um ralo pelo branco, exceto por haver grandes rasgos na pele, densas manchas vermelhas de músculos à mostra brilhavam. Não parecia que ele tivesse sido atacado, mas sim que seus músculos haviam crescido tanto que sua pele não podia suportar e estava se rompendo completamente. Suas mãos eram grandes, suas unhas excessivamente longas, e elas arrastavam e batiam pelo chão enquanto ele ia em direção a ela, saindo de cima das placas de pedra que formavam o piso, sorrindo maliciosamente.

Lento...

Rebecca sacou a arma de seu quadril, tão assustada quanto ela esteve a noite toda. Babuínos normais eram capazes de rasgar uma pessoa ao meio, e este parecia que tinha sido infectado.

O babuíno chegava mais perto — e de cima ela pôde ouvir mais um, e pelo menos duas outras vozes começaram a gritar, o ruído estava ficando mais alto, mais dos animais doentes estavam se aproximando. Ele estava perto o suficiente para ela sentir seu fedor, um cheiro quente e almiscarado de urina, fezes e a selvageria da avassaladora infecção.

"Rebecca! O que está acontecendo?"

Ela ainda segurava o rádio em sua mão esquerda. Ela pressionou o botão, com medo de falar, mas com mais medo que os gritos de Billy incitassem a criatura, fazendo com que ataque.

"Sshhh", ela disse, com voz suave, tanto para acalmar o animal quanto para Billy se calar. Ela deu um passo para trás, prendendo o rádio na gola de sua camisa, levantando a nove-milímetros. O babuíno se agachou, tencionando as pernas — e saltou, ela disparou no mesmo instante, e mais duas figuras ágeis pularam gritando do duto de ar para dentro da câmara, um deles acertando a cabeça dela, suas esfarrapadas unhas puxaram seu cabelo. O golpe a empurrou para fora do alcance do que a atacava, mas também tirou seu equilíbrio, fazendo seus disparos acertaram nada além das paredes, todos eles pularam sobre a pilha de placas — e o chão desabou.

Não tinham acontecido novos avanços. O estranho jovem, quem quer que ele fosse — e Wesker tinha suas suspeitas, que ele mantinha para si mesmo — não tinha aparecido novamente, nem tinha a imagem de James Marcus. As câmeras pareciam não estar funcionando corretamente, fazendo vigilância somente de pontos irrelevantes. Muitas tinham simplesmente ficado pretas, não os permitindo ver nada considerável.

Depois de um longo e chato período ouvindo Birkin falar sobre seu novo vírus, Wesker empurrou-se para trás, saindo da frente do console de vídeo e se espreguiçando. Foi engraçado — há alguns anos atrás, ele poderia ter se interessado no trabalho de seu velho amigo. Agora com seu plano de fuga da Umbrella se aproximando, ele não se encontrava capaz nem mesmo de fingir.

"Bem, este foi um dia e tanto", disse Wesker, interrompendo o monólogo obsessivo de William quando ele respirava fundo. "Estou me mandando."

Birkin olhou para ele com seu magro rosto pálido iluminado fantasmagoricamente pela luz branca dos monitores. "O quê? Aonde você vai?"

"Pra casa. Não há mais nada que possamos fazer aqui."

"Mas — você disse — e sobre a limpeza?"

Wesker deu de ombros. "A Umbrella enviará outra equipe, tenho certeza."

"Eu pensei que manter os vazamentos estáveis era a coisa mais importante. Você não disse que era vital?”

"Disse?" "Sim!" Birkin estava visivelmente irritado. "Eu não quero mais ninguém da Umbrella aqui. Eles podem começar a fazer perguntas sobre o meu trabalho. Eu preciso de mais tempo."

Wesker deu de ombros novamente. "Então, acione a autodestruição você mesmo, e diga ao nosso contato que tudo está sendo cuidado."

Birkin assentiu, embora Wesker pudesse ver a inquietação que passava pelo seu semblante. Wesker evitou um sorriso. Birkin estava com medo de seu mais novo contato com os grandões no QG, evitando interações o quanto podia. Wesker não podia culpá-lo. Havia alguma coisa sobre Trent, sua natureza estranhamente segura de si — "E quando a — ele?" Birkin acenou para as telas. Wesker sentiu um rastro de desconforto nele mesmo, mas manteve sua expressão imperturbável.

"Um fanático cheio de rancor. Ele é ótimo com truques de vídeo, mas eu imagino que ele vai cair, assim como qualquer outro." Wesker não acreditava no que ele mesmo disse, mas não estava interessado em desvendar o mistério. Ele não era um detetive em um romance de conspiração barata, impulsionado por uma necessidade de ir a fundo nas coisas. Em sua experiência, as anomalias tendem a se resolverem sozinhas, de uma forma ou de outra.

"Se uma palavra sobre o que realmente aconteceu com o Dr. Marcus estiver para ser revelada — "

"Não será", disse Wesker.

Birkin recusava-se a se acalmar. "Mas e sobre a propriedade de Spencer, as instalações de lá?"

Wesker começou a andar em direção à porta, suas botas tilintavam através da malha de metal. Birkin o seguia como um cachorrinho teimoso.

"Deixe isso para mim", disse Wesker. "A Umbrella quer dados de combate, eu darei isso a eles. Vou levar o S.T.A.R.S., para ver o quanto treinamentos reais aguentam contra as B.O.W.s". *(Nota 20)*

Ele sorriu, pensando no talento da equipe Alpha. Barry, o homem forte, Chris, o atirador de precisão, Jill e sua educação eclética, filha de um ladrão incomparável ... seria um combate interessante. Depois de ver a pequena Rebecca Chambers na instalação, era óbvio que alguma coisa inoportuna tinha acontecido com a equipe de Enrico; Wesker poderia usar isso, levar os Alphas para "encontrar" os homens perdidos.

Mesmo que os Bravos consigam voltar para civilização, restará a desaparecida Rebecca para sairmos em busca.

A menina era brilhante, mas cérebro não era sinônimo de experiência em combate. Na verdade, ela provavelmente já deve estar morta.

Eles deixaram a sala de controle, Wesker caminhava pelo corredor e Birkin andava depressa para acompanhá-lo. Eles chegaram ao elevador, ainda aberto desde a chegada de Wesker, e Wesker entrou. Birkin estava diante dele, e na brilhante luz do corredor, Wesker podia ver a mancha de insanidade no rosto do

cientista. Seus

olhos estavam cercados por olheiras, e ele tinha desenvolvido um tique facial em um canto da boca. Wesker se perguntou vagamente se Annette tinha notado a queda do marido nos poços mais profundos da paranoia, em seguida, chegou à conclusão que ela provavelmente não tinha. Aquela mulher era cega para tudo, exceto para a "grandeza" do trabalho de seu marido. Lamentável para sua filha, por ter pais assim.

"Vou acionar a sequencia de destruição", disse Birkin.

"Programe para de manhã", disse Wesker, mostrando um sorriso. "O amanhecer de um novo dia."

As portas fecharam diante da determinada expressão de Birkin, um olhar de determinação sobre a face de uma ovelha, e o sorriso de Wesker se alargou, seu coração se iluminou com pensamentos do que estava por vir. Tudo estava prestes a mudar, para todos eles.

"Billy, socorro!"

Billy já estava correndo logo que ouviu os gritos dos animais, o estrondo, e já se encontrava no corredor quando o grito desesperado de Rebecca crepitou no rádio. Ele corria rápido, enfiando os mapas em seu bolso de trás, e com sua arma em punho, amaldiçoando-se por permitido que ela atravessasse o duto de ar.

Lá, logo à frente, estava a porta, não muito longe de um dos gigantes corpos de aranha. Ele bateu contra ela com um ombro assim que agarrou o trinco e tentou abrir. A porta se arrebentou e ele estava do lado de dentro. As lâmpadas fluorescentes danificadas davam ao lugar um ar irreal, talvez algum tipo de laboratório, embora houvesse uma maca mofada em um canto.

Não interessa, anda logo!

Ele atravessou a sala em direção à próxima porta, Rebecca gritou novamente, avisando para ele tomar cuidado, e para se apressar. Assim que empurrou a trava, ele notou um movimento de um lado, se virou e viu um decrépito zumbi de pé em um canto. As luzes zumbiam e piscavam, o moribundo o observava em silêncio, sua aparência devastada desaparecia na escuridão a cada oscilação. Ele começou a se arrastar em sua direção.

Mais tarde, camarada.

Billy se lançou na direção da segunda porta, a abriu e correu para dentro.

Quase que imediatamente, algo gritando voou na direção dele. Ele esquivou-se vendo de relance um confuso vulto vermelho e branco, fedendo como um animal, e em seguida, a criatura — era um macaco, uma espécie de macaco — passou por ele, ainda gritando. Ele foi seguido por dois outros, os três rapidamente formaram um circulo ao redor de Billy, seus magros e musculosos braços e pernas em movimento constante, balançando ao seu redor, seus corpos de aparência doente dançando cada vez mais perto dele, depois se afastando. Ele recuou, firmado-se no canto onde a porta encontrava com uma parede de rocha, sem querer ser encurralado, mas mais preocupado em ter as costas expostas. Os macacos continuaram a dança para dentro e para fora, gritando.

"Rebecca!" ele gritou.

"Aqui embaixo!"

Ela parecia distante. Em seguida ele viu o buraco, a poucos metros de distância. Pedaços de madeira lascada cobriam o chão ao seu redor. Ele não podia vê-la ainda.

"Aguenta firme," ele gritou, e voltou toda sua atenção aos macacos logo que um deles se aproximou o suficiente para atacar.

A criatura o golpeou com sua enorme pata, suas garras varreram a parte de cima de sua coxa. Elas não acertaram sua pele, mas a próxima certamente acertaria.

Billy não teve tempo de mirar, apenas apontou e atirou — e o macaco recuou, uivando, uma gota de sangue escuro jorrou de seu peito, mas ele não estava morto, ele balançou a cabeça, adiantou-se novamente, e Billy pensou que ele estava provavelmente enrascado, eles eram muito fortes, muito organizado. Ele não conseguiria pegar qualquer um deles sem se expor de alguma forma para atacar — exceto quando os dois outros pularam no terceiro ferido, o dilacerando com suas gananciosas mãos. O animal ferido gritava, se debatia, mas o seu sangue havia causado um frenesi, os outros dois o rasgaram em pedaços em segundos, enchendo suas bocas com grandes pedaços molhados.

Billy teve tempo para mirar, e disparou. Um, dois, três tiros, e os macacos foram para chão, mortos ou moribundos. Ele correu para o buraco, caiu de joelhos e foi até a borda irregular, o seu coração esmagando — e depois desmoronando assim que viu o quanto abaixo ela se encontrava. Ela estava pendurada em um pedaço de cano de ferro com as duas mãos, um andar *abaixo* de onde ele estava. E mais abaixo dela, apenas escuridão. Era impossível saber até que ponto ela poderia cair.

"Billy", ela arfou, olhando para ele com olhos assustados.

"Aguenta firme", ele disse, e puxou os mapas de bolso, verificando de sua posição, o caminho mais rápido para chegar até ela. Não havia um acesso rápido ao segundo andar do subsolo, não do primeiro andar. Ele teria de voltar ao lobby, provavelmente teria de atravessar aquela porta da sala de jantar, onde ele viu os zumbis. As escadas para o subsolo estavam no lado leste da casa.

"Eu não sei quanto tempo eu posso aguentar", ela ofegou. Seu

sussurro foi ampliado através do rádio dela, chegando ao dele. Ela ativou um canal aberto em algum ponto.

"Não se *atreva* a desistir", ele disse. "Isso é uma *maldita* ordem, garotinha, você entendeu?"

Ela não respondeu, mas ele viu sua mandíbula apertar. *Ótimo,* talvez ser duro com ela seria uma forma de mantê-la forte. Ele já estava de pé novamente.

"Estou chegando", ele disse, se virou e correu de volta através da porta do laboratório de luz estroboscópica. O zumbi havia saído do lugar, agora ele estava em pé entre ele e a saída da sala para o caminho de volta ao corredor, mas Billy não se preocupou em sacar sua arma, temendo por Rebecca e sem poder perder tempo. Ele estendeu um braço como um quarterback*(Nota 21)* em seu grande jogo e

atropelou a criatura, a empurrando tão forte quanto ele poderia, ainda corria quando o zumbi cambaleou para trás e caiu no chão. Billy já estava longe quando seu frustrado grito de fome poderia ser ouvido.

No final do corredor, passando as monstruosas aranhas, subindo as escadas. Ele ejetou o pente da nove milímetros e guardou no bolso, deixando de lado o sobressalente e colocando um novo enquanto atravessava o saguão.

Aguenta firme, aguenta firme ...

Ele não hesitou diante da porta da sala de jantar, a abriu com violência, correndo para dentro. Ele viu dois dos zumbis que seguramente estavam longe de seu caminho, bloqueados pela mesa de jantar. O terceiro estava de pé perto da porta que deveria levá-lo até Rebecca, era o soldado com o garfo no ombro, e Billy parou apenas tempo suficiente para mirar e disparar duas balas em sua já

vazada cabeça. A primeira passou longe, mas o segundo tiro explodiu uma grande quantidade de pedaços de osso na parte de trás do crânio, pintando a parede atrás dele com uma substância podre e cinzenta. O zumbi balançou por um momento, Billy já tinha passado por ele na hora em que seu corpo bateu no chão.

Passando a porta, que deu em um pequeno corredor.

Esquerda ou direita?

Sem um mapa do primeiro andar, ele não poderia saber, mas a posição da escada no mapa do subsolo sugeria esquerda. Sem tempo para raciocinar, ele apressou-se, com sua arma na dianteira, descendo alguns passos e em torno de uma enorme e sibilante caldeira.

Um vapor nublava a sala de manutenção, mas ele encontrou o seu caminho por um conjunto de escadas de metal enferrujado.

No fundo tinha uma porta. Ele empurrou e entrou, lembrando que de acordo com o mapa ele iria entrar em uma sala grande com algum tipo de fonte no meio, algo grande e redondo. Havia duas salas menores a oeste, divididas por outro corredor curto, e uma delas deveria ser onde Rebecca estava, *aquela mais ao final, talvez* — O grande salão estava frio e úmido, as paredes e o piso feitos de pedra. Ele correu, olhando para um grande monumento à sua esquerda, o que ele achava ser uma fonte no mapa. Era algum tipo de estatuário. Olhos cegos dos rostos de animais esculpidos olhavam para ele, o observando correr pelo — e um grito partiu do corredor logo à frente, de uma curva escura, ele conhecia aquele som de apenas um minuto atrás: Havia algum outro macaco por ali. Merda! Ele teria que eliminá-lo, não poderia arriscar virar as costas para ele — "Billy — por favor — "

A voz no rádio era desesperada, e Billy se apressou, ignorando

a parte dele que o mandava parar, para aguardar animal mostrar-se para que pudesse despachá-lo de uma distância segura. Ele correu adiante, virando no corredor, lá estava o terrível macaco, de aparência retalhada, uivando — e Billy, que corria na pista de atletismo com barreira no colegial, saltou. Ele pulou sobre o macaco e voltou ao chão a apenas dois passos de uma porta, *a porta,* o macaco gritava com raiva atrás dele. Se a porta estiver trancada, ele estaria em apuros, mas ela não estava. Ele escapou por ela, batendo-a atrás dele, caindo e deslizando de joelhos para o grande buraco no chão.

Ela estava lá, ainda estava lá, agora pendurada com uma só mão, e ele podia ver que ela estava escorregando. Ele largou a arma e atirou o braço, agarrando seu pulso assim que as pálidas pontas de seus dedos escaparam.

"Te peguei", ele ofegou. "Peguei você."

Rebecca começou a chorar assim que ele se inclinou para trás sobre seus calcanhares, a levantando para fora do buraco, sentindo uma satisfação que ele quase havia esquecido que existia depois de todos esses meses na prisão — a certeza, o simples conhecimento de que ele tinha feito a coisa certa, e fez bem.

Billy a puxou para fora do buraco, usando seu corpo como uma alavanca, puxando-a praticamente para cima dele em um abraço rude. Em vez de afastá-lo, ela o deixou segurá-la um momento, agarrando-se a ele, incapaz de parar as lágrimas de gratidão, de alívio. Ele parecia entender o que ela precisava, e a segurou firmemente. Ela estava tão certa de que iria cair, morrer, perdida e esquecida em algum porão fedorento, com seu cadáver sendo arrastado por animais doentes...

Depois de um momento ela saiu de cima dele, enxugando o rosto com uma das mãos. Os dois sentaram no chão, Billy olhava ao

redor as sombrias paredes de rocha daquela estranha câmara no subsolo, e Rebecca olhava para Billy. Quando o silêncio se prolongou muito tempo, ela estendeu a mão, e pôs em seu braço.

"Obrigado", disse ela. "Você salvou minha vida. Mais uma vez".

Ele olhou para ela, desviou o olhar. "É, bem. Nós temos aquela trégua, né?"

"É, eu sei", ela disse. "E eu também sei que você não é um assassino, Billy. Por que você estava sendo levado para Ragithon? Foi você — onde você realmente está envolvido naqueles assassinatos?"

Ele encontrou o olhar dela brevemente. "Você poderia dizer aquilo", disse ele. "Eu estava lá, de qualquer maneira."

Eu estava lá ... Aquilo não era a mesma coisa que efetivamente matar alguém.

"Eu não acho que você matou sua escolta na noite passada, acho que foi uma dessas criaturas, e você apenas fugiu", ela disse. "E eu sei que eu não te conheço há muito tempo, mas eu não acredito que você matou 23 pessoas, também."

"Isso não importa", Billy disse, olhando para suas botas. "As pessoas acreditam no que querem acreditar."

"Importa para mim", disse Rebecca, com sua voz gentil. "Não irei julgá-lo. Eu só quero saber. O que aconteceu?"

Ele ainda estava olhando para as botas, mas seu olhar estava distante, como se estivesse vendo um outro tempo, outro lugar. "No ano passado, a minha unidade foi enviada para África, para intervir em uma guerra civil", disse. "Ultra secreto, sem envolvimento dos EUA, se é que você me entende. Devíamos fazer uma incursão em um esconderijo da guerrilha. Era verão, a parte mais quente do

verão, e nós fomos deixados bem longe da zona de ataque, no meio de uma selva densa. Tivemos que caminhar por umas trilhas... "

Ele parou um momento, procurando por suas dog tags, segurando-as firmemente. Quando ele falou novamente, sua voz estava ainda mais suave.

"O calor acabou com metade de nós. O inimigo pegou a maioria dos restantes, nos escolhendo, um de cada vez. No momento em que chegamos ao ponto onde o esconderijo supostamente deveria estar, havia apenas quatro de nós sobrando. Estávamos exaustos, meio loucos, fartos com o calor, fartos com — com nossa impotência, eu acho, vendo os nossos amigos morrer.

"Então, quando chegamos às coordenadas do esconderijo, estávamos prontos para explodir todos eles. Fazer alguém pagar, sabe? Por toda aquela dor. Só que não havia esconderijo. A informação que nos passaram não era válida. Aquilo tinha se transformado em um pequeno e triste vilarejo, com apenas um punhado de agricultores. Famílias. Velhos homens e mulheres. Crianças".

Rebecca assentiu, o encorajando a continuar, mas seu estômago estava começando a dar um nó. Havia algo inevitável na história, ela podia ver o que ia acontecer, e não era bonito.

"Nosso líder de equipe nos disse para cercá-los, e nós fizemos", Billy afirmou.

"E então ele nos disse — " Sua voz quebrou. Ele estendeu a mão e pegou sua arma caída, a enfiando em seu cinto furiosamente enquanto se levantava, virando- se. Rebecca levantou-se, também.

"Você?" , perguntou ela. "Você matou eles?"

Billy virou para ela, seus lábios se curvaram. "E se eu lhe disser

o que fiz? Será que você irá me julgar, então?"

"Você os matou?" ela perguntou de novo, estudando o seu rosto, seus olhos, determinada a pelo menos tentar compreender. E era como se ele pudesse ver isso dentro dela, podia ver que ela estava se esforçando para ser aberta à verdade. Ele a olhou por um momento, depois balançou a cabeça.

"Eu tentei impedi-los", ele disse tristemente. "Eu tentei, mas eles me derrubaram. Eu estava quase inconsciente, mas eu vi, vi tudo ... e eu não podia fazer nada." Ele olhou para o lado antes de continuar." Quando tudo estava acabado, quando fomos apanhados, era a palavra deles contra a minha. Houve um julgamento, sentença e — bem, então aconteceu isso."

Ele abriu os braços, encerrando seu relato. "Então, se nós dermos o fora daqui, estarei morto de qualquer maneira. É isso ou eu fujo, e continuarei fugindo."

Tudo era convincente. Se ele estivesse mentindo, merecia um Oscar ... E ela não achava que ele estivesse. Ela tentou pensar em algo a dizer, algo reconfortante, que tornaria as coisas melhores de alguma forma, mas nada veio. Ele estava certo sobre suas alternativas.

"Ei", ele disse, olhando sobre o ombro dela para alguma coisa. "veja isso."

Ela se virou assim que ele foi até lá, vendo uma pilha de sucatas encostadas na parede — e meio escondida entre elas, o que parecia ser uma espingarda.

"Isso é o que eu acho que é?", ela perguntou.

Billy pegou a arma, sorrindo assim que a bombeou, verificando o movimento. "Sim, madame, certamente é."

"Está carregada?"

"Não, mas eu tenho um par de cartuchos que encontrei no trem. É uma calibre doze." Ele sorriu de novo. "As coisas estão melhorando. Nós não deveríamos, mas há um macaco no corredor que está simplesmente implorando para experimentar essa gracinha."

"Na verdade, eu acho que é um babuíno", disse ela, surpresa por se encontrar sorrindo de volta. Em seguida, os dois estavam rindo juntos, atingidos pela absoluta inutilidade da correção dela. Eles estavam presos em uma mansão isolada, perseguidos por Deus sabe quantos tipos de monstros, mas ao menos sabiam que a criatura no corredor provavelmente era um babuíno. Suas risadas se tornaram gargalhadas.

Ela o observou gargalhar, qualquer pretensão de arrogância, de cara durão e de machismo foi deixada de lado, e sentiu que estava o vendo sinceramente pela primeira vez, o verdadeiro Billy Coen. Ela percebeu naquele momento que havia falhado completamente em sua primeira tarefa. Ele não era mais seu prisioneiro, ela que era a dele. Assumindo que se sobreviverem, se ele fugir, ela não seria capaz de impedi-lo.

Demais para uma carreira na aplicação da lei.

O pensamento a fez rir ainda mais.

Capítulo 9

O babuíno correu em direção a eles assim que voltaram a o corredor — e morreu de forma espetacular, a espingarda de cano duplo o explodiu em pedaços com um rugido ensurdecedor. Billy a abriu e recarregou com seu único cartucho remanescente. Ele pensou que tivesse mais, mas pelo visto tinha perdido em algum lugar ao longo do caminho. De qualquer maneira, nada mais veio em direção a eles, então se dirigiram de volta para o saguão, Billy estava se sentindo muito mais leve, como não se sentia a um longo tempo. Além das tão necessárias gargalhadas, uma quebra naquele caos sem fim que eles estavam aturando, foi a primeira vez que contou sua história a alguém que realmente estava ouvindo, que estava disposto a considerar que ele poderia estar dizendo a verdade.

Eles pararam no círculo composto de enormes estátuas de pedra no meio da grande câmara, olhando para elas. Haviam seis animais esculpidos, espaçados uniformemente ao redor do círculo, voltados para fora. Em frente a cada um havia uma pequena placa, e uma pequena lâmpada a óleo posicionada ao lado de cada placa. Os animais foram habilmente esculpidos, mas o conjunto deles era algo assustador, uma verdadeira monstruosidade.

O animal em frente a Billy era uma águia em pleno voo, uma cobra estava presa em suas garras. Ele leu sua placa em voz alta: "EU DANÇO LIVREMENTE ATRAVÉS DO AR, CAPTURANDO PRESAS SEM PERNAS... "

Ele franziu a testa, foi até o animal mais próximo, um cervo, lendo sua placa, "EU ME ERGO SOBRE A TERRA EXIBINDO

ORGULHOSAMENTE MEUS CHIFRES."

Rebecca estava andando em torno da infeliz obra de arte, parando diante de um portão de aço, localizado na parede atrás dela. O portão trancado dava em um curto corredor, onde havia duas portas em suas paredes. "Há uma placa aqui, ela disse" — e se virou para estudar os animais — "basicamente, devemos ir do mais fraco para o mais forte, utilizando as lâmpadas. É algum tipo de quebra-cabeças".

Ela agarrou uma das barras de metal da grade e sacudiu. "Deve ser como poderemos abrir o portão."

"Então você tem que acender as lâmpadas em ordem, começando com o animal mais fraco", disse Billy.

Ridículo. Por que alguém iria passar por todos esses problemas ... Ele tirou o mapa de bolso de trás, o estudando. "Parece que há apenas um par de salas do lado de lá. Eu não vejo uma saída."

Rebecca deu de ombros. "É, mas talvez haja algo lá que poderemos usar. Vai doer?"

"Não sei", disse ele com sinceridade. "Talvez."

Ela sorriu, virando-se para o animal de pedra mais próximo a ela, um tigre, lendo a placa abaixo dele. "EU SOU O REI DE TODOS QUE ENXERGO: NENHUMA CRIATURA PODE ESCAPAR DO MEU ALCANCE".

Billy foi para sua esquerda, para a escultura de uma cobra enrolada em torno de um galho de árvore. "Esta diz, EU RASTEJO SOBRE MINHAS VÍTIMAS EM UM SILÊNCIO SEM PERNAS E DOMINO ATÉ MESMO O MAIS PODEROSO DOS REIS COM MEU VENENO."

Rebecca leu os dois últimos em voz alta — as palavras abaixo

da escultura de um lobo diziam, MINHA SAGACIDADE AFIADA ME PERMITE DERRUBAR ATÉ MESMO AS MAIORES BESTAS COM CHIFRES.

O sexto animal era um cavalo, erguido sobre suas patas traseiras. A legenda abaixo era, NENHUM MONTANTE DE ASTÚCIA PODE DESAFIAR A VELOCIDADE DE MINHAS ÁGEIS PATAS.

Besta com chifres. Billy voltou para o cervo e leu a parte sobre "chifres orgulhosamente exibidos."

"Então, o lobo é mais forte do que o cervo", ele disse.

"E se astúcia não pode vencer um cavalo, o cavalo é mais forte do que o lobo", disse ela. "O que é mais forte do que a cobra?"

"Tem que ser a águia, que está carregando uma cobra", disse Billy.

Cada um circulou em torno da estátua, fazendo observações, resolvendo o quebra- cabeças. Eles finalmente concordaram em uma sequencia, e Billy caminhava para cada animal, acendendo as lâmpadas a óleo adequadas na ordem apropriada — ordenando do mais fraco ao mais forte, ao menos de acordo com as estátuas, a ordem ficou: cervo, lobo, cavalo, tigre, cobra e águia.

Assim que ele acendeu a lâmpada da águia, houve um pesado som mecânico de algum lugar dentro do estatuário — e o portão atrás deles levantou suavemente, deslizando em um nicho da parte superior da arcada.

Juntos, eles foram até o corredor. A primeira sala, à direita deles, não parecia ter nada de valor à primeira vista. Havia uma pilha de caixotes vazios, algumas prateleiras desordenadas. Billy estava pronto para ir para a próxima quando Rebecca entrou, indo em direção às caixas. Uma delas estava virada longe da porta, e eles

não podiam ver o que tinha nela — e assim que eles a rodearam, ela soltou uma gargalhada entusiasmada, agachada ao lado do caixa, a empurrando para que ele pudesse ver. Billy correu para o lado dela, se sentindo como uma criança em noite de Natal.

Acho que aquele maldito quebra-cabeça valeu a pena, afinal.

Duas caixas e meia de munição para nove milímetros. Meia caixa de vinte e dois, que não lhes seriam úteis, nem o par de recarregadores de velocidade — Billy teve de explicar que o dispositivos de metal arredondados foram projetados para carregar rapidamente revólveres — com balas .50. Mas a caixa de cartuchos de espingarda, catorze ao todo, seria certamente de grande ajuda. Billy nem sequer cogitou se deparar com uma bazuca, pois levando tudo em consideração, eles não poderiam ter esperado por algo melhor.

Eles passaram alguns minutos carregando os pentes que ainda tinham. Rebecca encontrou uma pochete com o fecho quebrado sobre uma das prateleiras, e eles a encheram com a munição, assim como seu cinto de utilidades; eles concordaram que era melhor levar tudo, pois havia a possibilidade de encontrarem mais armas. Billy fechou o zíper com um pino de segurança que encontrou no chão e vestiu a pochete, confortado pelo peso de tanta munição.

"Eu poderia beijá-la", ele disse, levantando a espingarda — e pelo silêncio de Rebecca, ele se virou para olhar para ela, vendo que ela corou ligeiramente. Ela olhou para o lado, ajustando o seu cinto.

"Eu não quis dizer literalmente", disse ele. "Quer dizer, não que você não seja atraente, mas você é — eu sou — eu quis dizer"

"Não esquenta", ela disse friamente. "Eu entendi o que você quis dizer."

Billy acenou com a cabeça, aliviado. Eles tinham bastante o que

resolver sem esse negócio de homem/mulher. *Embora ela* seja *bem bonitinha —*

Ele sacudiu a cabeça, lembrando a si mesmo de que tinha acabado de passar um ano sem nenhuma mulher por perto — e agora *realmente* não era hora para falar nisso.

Eles se dirigiram para a segunda porta, que se encontrava destrancada. Era um quarto com beliches, bagunçado e sujo, os beliches amontoados com madeira compensada, os poucos cobertores espalhados em volta estavam puídos e encardidos. Considerando a pobre acomodação e o portão trancado ao fundo do corredor, Billy pensou que era seguramente de se presumir que os habitantes não haviam sido voluntários. Rebecca tinha dito a ele o que o diário falava sobre testes em seres humanos...

Toda a instalação lhe dava arrepios. Quanto mais cedo eles pudessem sair de lá, melhor.

"Vamos para baixo ou para cima?" Rebecca perguntou, enquanto eles voltavam para o corredor.

"Há um observatório no andar de cima, certo?" Billy perguntou. Rebecca assentiu. "Então, vamos observar. Talvez possamos sinalizar pedindo socorro ou coisa parecida."

Ele percebeu que tinha acabado de sugerir para que tentassem ser resgatados, mas ele não poderia voltar atrás, mesmo sabendo o que isso significava para ele.

Ele preferia morrer lutando por sua vida do que ser executado ... Mas tinha Rebecca para considerar. Ela foi uma boa pessoa, honesta e sincera, e ele faria o que pudesse para tirá-la de lá sã e salva.

Eles começaram a andar, Billy se perguntando onde sua

natureza criminosa tinha ido parar, decidindo rapidamente que ficaria melhor sem ela. Pela primeira vez, desde aquele terrível dia na aldeia da selva, se sentia ele mesmo novamente.

Ele observou estoque de munição deles, impressionado e desapontado com sua fortaleza. Após uma consulta aos seus mapas, eles começaram a subir as escadas, que presumivelmente levava para o observatório; embora as crianças pudessem ouvir as suas vozes, não podiam compreender suas palavras.

Ele ordenou que suas crianças a procurarem pelas placas que serão necessárias, que elas levem as placas que abrem as portas que conduzem ao observatório. A menos que Billy e Rebecca fossem inteiramente idiotas — o que já tinham provado não ser — eles calculariam como provocar a rotação da estrutura, os deixando mais perto de sua fuga. De lá, eles iriam passar pelo laboratório escondido atrás da capela ...

Ele se perguntava o que eles iriam encontrar lá, nos laboratórios de Marcus; mais para roubar, talvez. Ele queria que eles descobrissem o que podiam sobre a verdadeira natureza da Umbrella, mas não estava o agradando vê-los pegar os tristes espólios da brilhante carreira de Marcus.

Ele ainda pensava nos laboratórios como Marcus, apesar de Marcus já ter partido há uma década. O complexo inteiro havia sido desativado depois do "desaparecimento" do seu gerente, mas recentemente, a Umbrella tinha reaberto tudo aquilo — os laboratórios, a estação de tratamento, o centro de pesquisas.

Nada estava completamente funcional quando o vírus os atingiu, pois estavam sendo operados por homens de equipes de manutenção, vigiados por um punhado de medianos diretores esperançosos, no entanto, a companhia havia perdido um grande número de fiéis empregados.

Billy e Rebecca se deslocavam pelas salas do lado leste no primeiro andar, voltando para o lobby, em seguida, dirigiram-se ao segundo andar. Eles encontraram a porta que os levaria para o terceiro com bastante facilidade, entrando nas escadas com armas em punho, seus jovens rostos determinados, e aparentemente, sem medo. Ele observava enquanto eles começaram a subir as escadas, emocionalmente dividido. Ele queria vê-los triunfantes, *mas* também vê-los morrer. Haveria uma forma de ter as duas coisas? Eles passaram facilmente pela série de Eliminators, embora os primatas estivessem enfraquecidos pela fome e pela negligência. Como eles irão se sair diante dos Hunters? Ou do proto-Tyrant?

E se eles vierem para onde ele e as crianças aguardavam e os observavam? O que fariam?

O jovem rapaz franziu a testa, descontente com o pensamento. Sensitivos ao seu humor, alguns dos milhares deslizaram de suas pernas até seu peito, se reunindo em uma espécie de abraço. Ele os afagou, reafirmando com um toque que tudo estava bem. Se os dois aventureiros realmente chegarem ao ninho — ainda uma improvável hipótese — ele os deixaria passar, naturalmente, para que possam divulgar o histórico de pecados da Umbrella.

"Ou talvez eu os mate", disse ele, dando de ombros. Ele decidiria quando — se — isso ocorrer. Para garantir que estava indiferente sobre o destino deles ser incerto; enquanto esperava a morte da Umbrella se desenrolar, observar Billy e Rebecca se tornou algo agradável, e ele estava mais interessado em ver o que aconteceria com eles. Mas preferia vê-los mortos antes de deixar que machuquem suas crianças novamente.

Eles chegaram ao topo das escadas, foram cautelosamente juntos seguindo o corrimão, atentos a qualquer movimento. O jovem de repente lembrou-se do Centurion, que costuma se

esconder nas paredes do tanque, e imaginou se ele iria sair para ver quem havia invadido seu território. Billy e Rebecca mal podem esperar. Se os Eliminators eram apenas os peões neste jogo, o Centurion era um dos seus cavaleiros. O rapaz inclinou-se ansiosamente para assistir.

A ida até o terceiro andar foi tranquila, apesar deles terem de se apressar através da sala de jantar; os dois zumbis que percorriam ao redor das mesas eram lentos demais para se preocuparem em atirar, mas ela não se sentia particularmente à vontade passeando devagarzinho pelas criaturas moribundas. E mesmo Billy estando três passos à frente dela, ele obviamente sentia o mesmo.

Agora, no topo da escada, Rebecca pôde relaxar um pouco. No terceiro andar — pelo menos nesta parte dele — havia uma única, gigante área, sem recantos para se preocupar. As portas para o observatório estavam mais à direita. Logo a frente deles estava o tanque de produção, um fosso vazio que se estendia além do comprimento da sala, e à esquerda, uma porta que, de acordo com o mapa, conduzia a um pátio ao ar livre.

"O que você acha que eles produziam?" Billy perguntou, sua voz baixa, mas ainda assim, ecoando ligeiramente pelo vasto salão.

"Não sei. Sanguessugas, talvez", ela respondeu. Pensou naquela figura solitária que eles tinham visto do trem, cantando para as sanguessugas, e estremeceu. "Então, observatório, ou pátio?"

Billy olhou para trás e para frente, então deu de ombros. "Parece seguro. Cada um de nós poderia tentar uma porta — só abrir e dar uma olhada, porém, sem nos separarmos, ok?"

Rebecca concordou. Ela se sentia definitivamente mais segura com um suprimento maior de munição, mas sua queda naquele buraco despertou uma certa cautela dentro dela. Ela não estava

muito entusiasmada em se separar. "Vou ficar com o pátio."

Eles tomaram seus rumos, seus passos ecoavam pela enorme câmara. A porta para o observatório era mais perto, apenas os passos dela soavam um momento depois, enquanto ela continuava seguindo para a parede sul.

"Ei", Billy chamou assim que ela chegou à porta. Ele estava segurando o que parecia ser um livro, e outros dois na outra mão. Rebecca apertou os olhos através da grande câmara, vendo que eram feitos de pedra, e cada um tinha uma das bordas arredondadas. "Estavam na frente da porta."

"O que são?" ela perguntou. Sua voz, embora baixa, era facilmente levada pelo ainda gelado ar.

"Decoração, talvez", ele respondeu. "Cada um tem uma palavra gravada na frente." Ele olhou para as placas, passando uma a uma. "Ah ... nós temos aqui: união, disciplina e obediência."

Aquilo os fez recordar o que tinham ouvido, a recitação do Dr. Marcus do lema da empresa — eram as mesmas três palavras.

"Melhor guardá-las", disse Rebecca. "Elas podem fazer parte de algum quebra- cabeças, como o dos animais."

"Era exatamente o que eu estava pensando," disse Billy, e em voz mais baixa, "que casa maluca".

Ela se virou para a porta, levantando a arma assim que empurrou a maçaneta — estava trancada. Ela suspirou, baixando os ombros, percebendo que estava emperrada devido a algum tipo de ataque.

"Trancada", ela gritou.

Billy já havia aberto a porta para o observatório e ainda estava

olhando para dentro. Ele se, segurando a porta aberta. "Esta pode ser promissora. Eu não sei o que qualquer uma dessas coisas faz, mas tem uma porrada de equipamentos por aqui, talvez tenha um rádio, também."

Um rádio. Ela sentiu suas esperanças voltarem. "Já estou — "

A palavra *indo* foi cortada por um som de movimentos de animal, um chocalho pesado que reverberou pela sala. Ela e Billy se entreolharam, a distância entre eles de repente era muito maior do que ela pensava.

O som voltou. Era o som de alguma coisa sólida batendo rapidamente contra as rochas, como alguém tamborilando dedos contra uma mesa de aço, e era alto. Seja lá o que fosse, era grande — e a julgar pelo som crescente, estava se aproximando. Era difícil dizer de onde estava vindo; os ecos mascaravam a direção — "O tanque", Billy gritou, chamando sua atenção. "Venha para cá!”

Ela começou a correr, o coração batendo forte, com medo de olhar para o tanque. Ela percebeu uma movimentação lá, algo escuro e ligeiro, então ela correu mais rápido, arriscando finalmente dar uma olhada assim que passou por aquilo.

A visão daquilo levou o pensamento racional para longe. Era uma lacraia ou centopeia, grande o suficiente para deixar aquelas aranhas gigantes com vergonha. Olhos amarelos pareciam brilhar de ambos os lados de um cintilante crânio preto, longas antenas avermelhadas tremulavam acima de sua cabeça. Seu corpo longo e sinuoso encostava no chão, encoberto e segmentado sobre dezenas de vermelhos pés pontudos. Aquilo tinha tranquilamente quatro metros de comprimento, talvez mais, tão largo quanto um barril — e indo em direção a ela, rapidamente, suas pernas se movimentando, se agitando enquanto a impulsionavam através do tanque vazio.

"Corre!" Billy gritou, e Rebecca correu por sua vida, agora respirando o fedor da criatura, um terrível cheiro azedo que a faria tapar o nariz se tivesse tempo de se preocupar com isso. Billy estava segurando a porta aberta para o observatório com o pé, a espingarda apontada apenas esperando ela passar, e ela podia *sentir* o quanto próxima a criatura estava, sentia como uma sombra a alcançando.

Assim que ela chegou até Billy, ele disparou, bombeando a espingarda e disparando novamente enquanto ela passava voando por ele, mergulhando através da porta. No mesmo segundo que ela entrou, ele saltou para trás, batendo a porta — e uma fração de segundos depois, eles ouviram a criatura roçar pela porta, o som do seu corpo encouraçado pressionando contra a madeira pesada. Eles esperaram, ambos olhando para a porta — mas após alguns segundos, o som parou, transformando-se no barulho de muitos pés se afastando.

"Bom Cristo", disse Billy. Rebecca assentiu. Ele estendeu a mão, a ajudando a se levantar, ambos ofegantes.

"Não vamos voltar por esse caminho", disse Rebecca, desejando muito que não fosse preciso.

"Parece um bom plano," Billy concordou.

Eles ficaram em silêncio por um momento, olhando ao redor do seu santuário. Era um lugar grande, redondo, com dois níveis. Eles estavam em pé sobre uma espécie de passarela que semi-circulava o salão; outra porta encontrava-se no extremo norte. Perto da porta havia uma curta escada, que levava da passarela para uma plataforma de malha de metal alinhada aos equipamentos. Abaixo da plataforma, só havia escuridão.

Juntos, eles andaram pela passarela, parando diante da

segunda porta. Trancada. Eles trocaram um olhar desanimado, mas nada disseram, indo para a escada. Rebecca desceu primeiro, parando perto de grande parte do maquinário que dominava o centro do lugar, provavelmente o telescópio. Havia uma haste telescópica, mas estava lá no alto, fora de alcance. Atrás dela, Billy estava olhando para o resto dos equipamentos, as bancadas de computador e outras máquinas que ela não conhecia. Ela se virou para o Telescópio, olhando para o console — e sentiu sua respiração acelerar. Havia três depressões vazias sobre ele, cada forma como um túmulo pequeno, planas em uma extremidade, arredondadas na outra.

"Eu não vejo um rádio aqui, mas — " Billy estava falando, até ela o interromper.

"Diga-me que você ainda tem aquelas placas", disse ela.

Billy se virou, olhou para o console enquanto abria a pochete. Ele puxou as placas, cada uma do tamanho de um livro de bolso, porém mais finas. Rebecca as pegou, lembrando-se do desconcertante lema da Umbrella enquanto as colocava em seus lugares. "Obediência gera disciplinas. Disciplina gera união. União gera poder ... "

"E o poder gera vida," finalizou Billy.

Tão logo que a terceira placa foi inserida em seu lugar, um som tomou conta de todo a enorme sala, um som de grandes máquinas trabalhando — e eles puderam sentir o ambiente ao seu redor começar a descer, como um elevador. Não apenas a plataforma, mas o *lugar* inteiro, as paredes e tudo mais. Sob seus pés, a escuridão se levantava, tornando-se uma poça de água, agitando até se tornar um monte de espuma pela plataforma móvel. Rebecca teve um segundo para imaginar se a plataforma iria parar, lhe causando um lampejo de pânico de que eles estavam prestes a se afogar — mas

em seguida, o som das máquinas parou subitamente, tornando-se uma sala novamente. Por fim, com o zumbido das máquinas sumindo, eles ouviram um claro som de *clique* vindo das portas ao norte lá em cima.

Olhando um para o outro, Rebecca viu sua surpresa espelhada no rosto dele.

"Acho que agora sabemos para onde ir", disse Billy, tentando um sorriso, mas não era convincente. Rebecca nem sequer tentou. Eles estavam sendo conduzidos — mas seria para a liberdade, ou para o abate, como cordeiros?

Só há uma maneira de descobrir.

Sem falar nada, eles se viraram e voltaram para a escada.

Capítulo 10

Eles passaram a porta do norte para o ar fresco da noite, Billy sentiu uma real sensação de alívio, respirando profundamente. Ele não tinha percebido o quanto temia nunca poder deixar a instalação da Umbrella. Infelizmente, ele rapidamente viu que eles não haviam escapado, não exatamente; as portas do observatório deram para uma longa e estreita passagem ao ar livre, que levava direto para outro prédio, talvez cinquenta metros à frente. A passagem era cercada de água em ambos os lados, era uma espécie de reservatório ou lago encostado no lado leste da instalação.

Eles se distanciaram do observatório, em seguida, viraram-se para olhar onde eles foram parar, passando alguns minutos tentando descobrir onde eles estavam em relação ao lobby e as salas que tinham visto. Era uma causa perdida. Billy nunca teve muito senso de direção, e parecia que Rebecca também não. Eles finalmente desistiram, voltando sua atenção para o alto e obscuro edifício do outro lado do caminho.

Eles caminharam em direção a ele, Billy ainda enchia os pulmões com o doce e nebuloso ar. Era tarde, provavelmente nas primeiras horas da madrugada, mas não havia céu para terem certeza, só um grande e cinzento manto de nuvens de chuva.

"Onde você acha que estamos?" ele perguntou.

"Não faço ideia," Rebecca respondeu. "Em algum lugar com um telefone, eu espero."

"E uma cozinha," Billy acrescentou. Ele estava faminto.

"Sim", ela concordou em tom melancólico. "Com um estoque de

pizza e sorvete."

"Pepperoni?"

"Havaiana", disse ela. "E sorvete de pistache."

"Gaah". Billy fez uma careta, gostando da conversa. Eles não tiveram muito tempo para conhecer um ao outro, embora ele sentisse um tipo de vínculo com ela, uma conexão que ele muitas vezes sentida por outros durante um combate. "Você provavelmente gosta de comida laranja, também."

"Comida laranja?"

"Sim, você sabe. Aquela cor artificial de laranja. Eles colocam em macarrão e queijo, bebidas com sabor artificial de laranja, bolinhos, salgadinhos de queijo ... "

Rebecca sorriu. "Me pegou. Eu amo essas coisas."

Billy revirou os olhos. "Adolescentes ... Você é uma adolescente, não é?"

"Tenho idade suficiente para votar", disse ela, soando um pouco defensiva. Antes que ele pudesse perguntar como ela tinha entrado para o S.T.A.R.S. na idade dela, ela acrescentou, "Sou daquele tipo de jovens e brilhantes gênios, estudante universitária e tudo mais. E quantos anos você tem, vovô? Trinta?"

Foi a vez de Billy se sentir um pouco na defensiva. "Vinte e seis".

Ela riu. "Uau, isso é antigo. Deixe-me pegar uma cadeira de rodas para você."

"Cala essa boca", ele disse sorrindo.

"Eu disse, deixe-me pegar uma cadeira de rodas para você!" ela

gritou zombando, o quebrando completamente. Eles ainda estavam rindo quando passaram por uma pequena e aberta guarita situada no lado direito da passagem, onde puderam ver dentro dela um corpo no chão.

Parte de um corpo, Billy pensou, seu bom humor secando rapidamente assim que pararam, incapazes de não olhar. Não tinhas as pernas e um braço, fazendo o cadáver de face para baixo parecer como se ele — ou ela, estava muito longe para terem certeza — estava se afogando na espessa poça de sangue que o rodeava.

Nenhum deles tornou a falar assim que terminaram sua caminhada até o prédio, sérios pela lembrança da tragédia que havia ocorrido naquele lugar. Era impossível mantê-la na mente a cada segundo; duelar com o horror daquele surto viral tornava as coisas muito difíceis, e aquela libertação ocasional de risadas foi importante, ou até mesmo necessária para que a saúde mental deles estabilizasse. Por outro lado, se você pudesse olhar para o corpo de um homem morto e continuasse rindo, saúde mental se tornaria um problema de maneira completamente diferente.

Eles chegaram até a estrutura desconhecida, reduzindo o passo, estudando seu layout. Havia pequenos caminhos que ramificavam a passagem principal bem em frente ao edifício, cercados de flores e árvores que há muito foram plantadas, os caminhos desapareciam atrás de cercas vivas. Havia algumas luzes do lado de fora que não estavam quebradas, mas apenas o suficiente para fazer as sombras parecem ainda mais escuras. Não era dos mais convidativos ambientes, mas Billy não via quaisquer zumbis ou pessoas-sanguessugas, o que fazia de lá infinitamente melhor do que o último lugar.

Havia alguns largos degraus de pedra que conduziam às portas duplas. Billy ficou de olho nos caminhos sombrios enquanto

Rebecca subia os degraus, dando uma sacudida nas portas.

"Trancadas", disse ela.

"Pro inferno com isso", disse Billy, indo até ela. Tentou abrir ele mesmo, decidindo que, enquanto a madeira era forte, a tranca não era. Nem mesmo uma trava. "Afaste-se."

Ele virou para um lado, tomou um impulso, e deu na tranca um sólido pontapé, depois outro. No terceiro, ele ouviu a madeira lascar, e a porta arrebentou no quinto, a barata tranca de metal se partiu.

Ambos passaram pela porta, olhando para dentro. Afinal, já estavam dentro, ele pensou que não teria surpresas, mas estava enganado. Era uma igreja, tão ornamentada como nenhuma que já tinha visto, desde os altos vitrais na parede atrás do altar até os brilhantes bancos de madeira. Também estava em ruínas, pelo menos metade dos bancos estavam revirados, e eles só podiam enxergar lá dentro devido a um enorme buraco no teto, não muito longe de onde eles estavam.

"Olhe o altar," Rebecca sussurrou.

Billy acenou com a cabeça. Não era propriamente o altar, mas o que estava em torno dele. Na plataforma em frente à igreja havia centenas de velas queimadas, estátuas de ícones religiosos derrubadas, muitas delas quebradas ou escurecidas pelas cinzas, e grandes arranjos de flores mortas. Era, em suma, assustador.

"Eu estou de acordo em sair daqui", disse Billy, levantando um pouco a voz quando percebeu que ele, também, estava sussurrando. "Nós devemos verificar os arredores, ver onde alguns desses caminhos vão dar".

Rebecca fez um gesto afirmativo com a cabeça, dando um

passo para trás — em seguida alguma coisa enorme e preta deu um rasante em direção a eles, vinda do alto teto de pedra, algo que emitiu um grunhido incrivelmente estridente, que vibrou e saiu em disparada batendo gigantes e empoeiradas asas. Tudo ficou em câmera lenta, tempo suficiente para Billy ter uma visão clara daquilo. Era uma espécie de morcego, mas muito, muito maior do que qualquer um que ele já tivesse ouvido falar. A coisa tinha tranquilamente a envergadura de um condor.

Ele parou no último instante, voando compulsivamente de volta para a escuridão do teto, mas chegou perto o suficiente para que uma onda de seu bafo de carne podre pairasse sobre eles. Billy empurrou Rebecca para trás com um braço, agarrando nas quebradas maçanetas das portas com o outro. Ele empurrou as duas portas para fechá-las, desejando agora que não tivesse as forçado a abrir, percebendo apenas um segundo depois que isso não importava. Eles podiam ouvir o enorme morcego se arrastando para fora através do buraco no telhado, podiam ouvir as suas gigantescas garras arranhando as telhas.

"Vai!" gritou Billy.

Eles correram degraus abaixo, Rebecca os guiou para a direita. Havia mais proteção lá, parte do percurso que contornava o edifício era coberto. O caminho virava bruscamente, uma, duas, as curvas eram ocultas por arbustos e plantas. Rebecca era rápida, mas Billy a acompanhava, mais do que um pouco motivado pela imagem daquelas coriáceas asas tremulando e envolvendo ele, aquelas garras penetrando sua carne — "Lá!" Rebecca diminuiu, apontando.

À direita do caminho, logo à frente, havia o que parecia ser um elevador parado ao lado da igreja. Billy não tinha certeza se era a melhor aposta, mas podia ouvir claramente o bater de asas em algum lugar sobre eles, e o grunhido ferozmente alto do morcego

em busca de presas. Ele seguiu Rebecca até a porta, silenciosamente agradecendo a Deus quando as portas deslizaram para os lados ao toque dela. Era pequeno, mal havia espaço para dois; eles se jogaram para dentro, viram que ia somente para baixo. Ainda bem, Billy não tinha vontade de visitar o campanário da igreja para ver se o morcego louco tinha irmãos ou irmãs.

Rebecca apertou o botão para fechar as portas. Pouco antes delas terem fechado, um zumbi cambaleava em direção a eles como se tivesse saído do nada, era uma mulher, indo na direção deles com dedos esfolados, aparecendo os ossos. Ela gemeu, revelando dentes escurecidos, e em seguida, as portas deslizantes estavam fechadas, calando o zumbi, calando o grito estridente do morcego infectado.

Ambos se curvaram, inclinando-se contra as paredes do pequeno elevador. Eles podiam ouvir o choro faminto da mulher zumbi através das portas, ouvir o riscar dos ossos de seus dedos contra as portas de metal. Dentro de poucos segundos, seus baixos e roucos gemidos foram acompanhados por outra voz, e depois uma terceira, todas elas lamentando sua vontade, sua frustração.

Havia apenas duas opções, B1 ou B2. Billy olhou para Rebecca, que balançou a cabeça, seu rosto pálido. Lá fora, os zumbis continuavam tentando entrar, então Billy apertou o B1. O elevador não se mexeu.

"Ok, B2, então," disse Billy, esperando que não tivessem apenas prendido eles próprios. Ele socou o botão. O elevador começou com um solavanco, em seguida, desceu suavemente. Billy se ajeitou ligeiramente em frente a Rebecca, preparando a espingarda, esperando que as portas não estivessem para se abrir diante de uma horda de criaturas infectadas, todas ansiosas para um lanche de fim de noite.

As portas se abriram sem nenhum som, revelando um corredor repleto de escombros, mas vazio. Ele apertou o botão para B1 novamente, esperando por outra opção, mas as portas do elevador nem sequer fecharam. Aparentemente, eles poderiam tanto voltar para o morcego e os zumbis, como poderiam explorar o segundo nível do subsolo. Billy optou por explorar.

Ele saiu com cautela, mesmo atrás de Rebecca. Como na mansão do centro de pesquisas, a decoração, a arquitetura, era refinada e, provavelmente, de valor inestimável. O piso era de mármore, lascado, mas ainda assim polido com um elevado brilho, o hall repleto de belos pilares, as entradas altas e arqueadas. À sua esquerda havia uma escada que levava para cima, obstruída por rochas quebradas e estilhaços de gesso. Havia outra porta mais a frente do lado esquerdo, um pouco antes do corredor que virava para a direita.

Eles pararam em frente à escada, mas era perda de tempo, os entulhos estavam amontoados do chão ao teto. Se eles quisessem subir, seria pelo elevador ou nada ... embora no momento, Billy não queria tornar a subir. Parecia que o bombardeio constante de nojentas, perigosas e assustadoras criaturas nunca iria acabar, e ele estava mais do que pronto para uma pausa.

"Todos a favor de mais nenhum monstro," ele disse suavemente.

"Sim", respondeu Rebecca, seu tom de voz tão suave. Ela lançou-lhe um sorriso, mas parecia tensa. Eles seguiram adiante, suas botas estalando quando afundavam entre os escombros.

Rebecca ficou em frente à primeira porta enquanto Billy checava rapidamente o resto do corredor. Havia outra porta óbvia, equipada com uma tranca que requeria uma combinação — e uma terceira possível porta; Billy não estava certo, parecia simplesmente o ponto onde o corredor terminava em uma parede azul, mas havia

um elaborado relicário situado nela — uma placa estampava o perfil de alguém que parecia muito com James Marcus. Não havia nenhum buraco de fechadura, mas abaixo do busto havia uma depressão vazia do tamanho do punho de uma criança, como se tivesse faltando uma parte.

Que encantador. Mais dois quebra-cabeças, Billy pensou amargamente, andando de volta até Rebecca. O que tinham essas pessoas? Se eles precisavam ser assim tão malditamente inteligentes, porque não poderiam se ater apenas com palavras cruzadas?

Felizmente, a primeira porta estava destrancada. Eles entraram, encontrando-se em outra puída e elegante sala, esta repleta de estantes de livros. No chão da primeira seção havia um tapete oriental manchado. A sala em si era vagamente em forma de "U". Havia várias luzes acesas, fazendo dela a mais brilhante sala em que eles estiveram durante toda aquela noite, e além das estantes, havia várias mesas baixas e uma pequena escrivaninha com uma antiga máquina de escrever. Billy caminhou até a mesa mais próxima e pegou um pedaço de papel.

'"Problemas são improváveis, mas eu tomei precauções", ele leu. '"Para esconder uma folha de árvore, coloque-a na floresta. Para esconder uma chave, faça com que ela pareça uma folha de árvore."

"Puxa, isso esclarece as coisas", disse Rebecca e Billy concordou. Novamente — o que tinham essas pessoas?

Rebecca olhou para as prateleiras acima enquanto Billy caminhava pela sala, reparando em um grande buraco no teto no canto da parede perto da porta. Era alto, mas usando uma das mesas ...

"A maioria destes são de biologia," falou Rebecca. "Mamíferos,

inseto, anfíbios ... "

"Venha ver isso," Billy a chamou. Enquanto ela ia em direção ao canto da sala, ele pegou a mesa mais próxima, empurrando-a sob o buraco. Mas ele ainda não era capaz de alcançá-lo ...

"Eu posso ir até lá em cima", disse Rebecca. "Depois, procuro uma corda ou algo para você subir."

Billy franziu o cenho. "Eu não sei. Na última vez que você saiu para olhar ..."

"Sim", disse ela, mas sua expressão estava definida. Ela estava disposta, se não ansiosa — e eles tinham de fazer alguma coisa.

Billy subiu na mesa, entrelaçando os dedos para lhe dar um impulso. Ela subiu atrás dele, colocou a bota direita em suas mãos e uma mão sobre seu ombro. Assim como antes, ela era leve como uma pluma; Billy poderia provavelmente erguer duas dela sem muito esforço. Ele a levantou com facilidade, Rebecca desapareceu de vista assim que rastejou através do buraco. Um segundo depois, ela estava de volta.

"Parece seguro, mas está escuro", disse ela. "Parece com uma sala de laboratório, muitas prateleiras, um par de mesas ... Deixe-me ver o que posso encontrar."

Ela desapareceu novamente. Billy esperou, olhando para o buraco, lembrando-se que ela sabia como cuidar dela mesma. Ela já provou ser mais forte e mais capaz do que muitos soldados que ele tinha conhecido — e se houver algum problema, ela só precisaria pular de volta para baixo, nada com que se preocupar —

Rebecca soltou um grito curto e agudo e o sangue de Billy congelou.

"Rebecca!" ele gritou, com seu olhar desesperadamente fixo no

escuro buraco acima.

Parecia um laboratório, que só havia sido usado esporadicamente na última década, e não tinha sido limpo em todos aqueles anos. Havia poeira grossa sobre o chão e prateleiras, mas as coisas tinham sido movidas em algum momento, deixando sinais atrás delas — marcas atrás de cadeiras, impressões digitais nos tubos de ensaio. Rebecca deu uma rápida olhada ao seu redor, em seguida, recostou-se sobre o buraco. A expressão de Billy era tensa.

"Parece seguro, mas está escuro", disse ela. "Parece com uma sala de laboratório, muitas prateleiras, um par de mesas ... Deixe-me ver o que posso encontrar."

Ela se virou, examinando novamente a pequena sala — e percebeu que era maior do que pensava, parte dela estava escondida atrás de uma grande estante que dividia o lugar. Ela não teria percebido se não fosse por uma fraca, pálida e azulada luz que parecia vir da seção oculta. Segurando a nove-milímetros, ela deu a volta — e gritou, quase atirando no brilhante monstro flutuando à sua frente, mas percebeu que ele não estava vivo.

"Rebecca!"

"Eu estou bem!" Ela gritou de volta, olhando para a criatura bizarra. "Levei um susto, só isso. Aguenta aí."

Ela se aproximou do tubo do tamanho de um ser humano, cheio de um líquido claro, iluminado por dentro. Na verdade, havia quatro tubos, todos alinhados, cada um contendo um horror ligeiramente diferente que o anterior. As coisas que estavam dentro deles foram humanas algum dia, mas tinham sido cirurgicamente alteradas, e ela tinha quase certeza que foram infectadas com o T-vírus. Ela tentou pensar em alguma descrição de para dar a Billy, mas eles iam contra qualquer descrição; membros grosseiramente

deformados pendiam dos músculos, corpos remendados, os quase irreconhecíveis rostos com bizarras expressões de angústia e sadismo. Eles eram aterrorizantes.

Passando a fileira de monstruosidades humanoides, havia um armário de espécimes cheio de tubos muito menores. Rebecca inclinou-se e viu que cada tubo tinha uma sanguessuga morta dentro. Ela fez uma careta, estava prestes a sair de lá — quando percebeu que um dos tubos era diferente. A sanguessuga dentro ... não era uma sanguessuga.

Ela abriu a porta de vidro empoeirada para o lado e puxou o tubo diferente, o segurando contra a luz tênue. A tampa do tubo estava colada ou soldada, e a coisa lá dentro tinha a forma de uma sanguessuga, mas foi esculpida, ou entalhada, em um escuro azul cobalto.

Por que alguém faria uma sanguessuga falsa e em seguida a colocaria — Ela piscou os olhos, lembrando-se do pedaço de papel que Billy tinha lido — para esconder uma folha de árvore, coloque-a na floresta. Para esconder uma chave...

Rebecca voltou para o buraco, segurando o tubo para fora para que Billy o visse. "Acho que encontrei a chave da folha", disse ela, e o jogou para baixo. "Ou acho que deveria chamá-la de chave da *sanguessuga."*

Billy apanhou o tubo cuidadosamente, olhando para ele. "Eu tenho certeza que vai servir em uma daquelas portas", disse ele. "Desça aqui, podemos ir verificar."

"A tampa não vai sair — " ela começou dizer, parando quando Billy jogou o tubo no chão ao lado da mesa. Ele sorriu para ela, e em seguida, pulou e pisou no tubo com o calcanhar da bota. O vidro trincou e se espedaçou, um segundo depois, ele estava segurando a

escultura.

"Sem problemas", ele disse. "Vamos."

Ela mordeu o lábio, olhando ao redor do laboratório. Havia armários de arquivos, papéis espalhados...

"Você vai verificar. Vou ver se consigo encontrar um mapa." Billy franziu o cenho. "Você tem certeza?"

"Com medo de ir sozinho?" disse ela, sorrindo ironicamente.

"Francamente, sim", ele respondeu, mas sorriu de volta. "Tudo bem. Estarei de volta em um minuto. Não perambule para muito longe, está bem? Se você precisar de qualquer coisa, me chame."

Rebecca deu um tapinha em seu rádio. "Sem problemas".

Ele olhou para ela um momento, então virou-se e se foi. Rebecca voltou para o laboratório mais uma vez, focando a maior das duas mesas da sala. "Ok, Marcus, vamos ver se você nos deixou alguma coisa útil", disse ela, e foi até a mesa, sem saber que estava sendo vigiada bem de perto enquanto pegava um maço de papéis e começava a ler.

Rebecca, lendo as anotações pessoais do Dr. Marcus. Encontrou o amuleto que leva ao santuário do Dr. Marcus, o entregando para Billy. Tudo que eles tinham de fazer era chegar ao teleférico, talvez passar por um cadeado ou dois, e logo estariam tomando seus rumos ... mas parece que não deixarão a memória do Dr. Marcus em paz, parece que têm de violar as poucas privacidades que ele deixou para trás.

"Não se os impedirmos", disse às crianças, observando enquanto Billy utilizava a pequena efígie para abrir salas do Dr. Marcus, e enquanto Rebecca saqueava desleixadamente os documentos particulares de Marcus. Tinha sido divertido assistir a esses dois,

mas agora chega.

O mundo terá de saber a verdade sobre a Umbrella sem eles.

Hora de mandar as crianças brincar.

Isso não ficará assim.

Ele cerrou os punhos, furioso. As crianças tentaram acalmá-lo, rastejando pelos seus ombros, mas ele as afastou para longe, ignorado suas tentativas.

Capítulo 11

Como ele suspeitava, o relicário no final do corredor *era* uma porta, e a minúscula estátua de sanguessuga que Rebecca havia encontrado encaixava perfeitamente na "tranca". Houve um leve e secreto *click,* e a porta destravou.

Billy estudou a frente da porta por um momento antes de entrar, chegando à conclusão de que o perfil era, de fato, do Dr. James Marcus. Ele se questionou por que o homem sanguessuga que tinha visto no trem tinha a aparência de Marcus; as sanguessugas eram controladas por aquele homem obviamente bem mais jovem, que cantava do lado de fora. O verdadeiro Marcus ainda estaria por aí? Isso não parecia provável. No diário que Rebecca havia encontrado — Marcus estava delirante, paranoico que Spencer estivesse atrás dele, atrás do seu trabalho, e aquilo tinha sido há dez anos. Pessoas com um parafuso a menos normalmente não são capazes de aguentar seus trabalhos.

Rebecca estava esperando. Ele deixou o mistério de lado e empurrou a extravagante porta com o cano da espingarda. Uma rápida olhada para ver algum movimento — nada — e ele abaixou a arma, dando um largo passo para dentro.

"Uau", disse em silêncio, olhando ao redor da sala. Era um escritório, grande, ricamente equipado com estantes e armários de um lado, todas com escuras madeiras polidas e vidros biselados e uma lareira ornamentada do outro lado. Os móveis de madeira antiga — uma mesa baixa, cadeiras, uma mesa grande — eram lindos, o tapete aveludado silenciava seus passos. Ele viu uma porta no fundo da sala, atrás da mesa, e mentalmente cruzou os dedos

para que aquela viesse a ser sua rota de fuga.

Grande parte da luz da sala vinha de um enorme aquário que dominava o canto nordeste, perto de onde ele estava, colorindo tudo com sua aquosa luz azulada, embora o próprio aquário estivesse vazio — Billy franziu o cenho, aproximando-se. Não estava vazio. Não havia peixes, nem pedras ou plantas, mas uma série de coisas flutuando no topo — coisas nojentas, irreconhecíveis, mas não menos grotescas. Pareciam ser pedaços de carne humana, mas disformes, sem ossos, como deformadas partes amputadas de um corpo. Billy rapidamente saiu da frente, perturbado pelos pálidos objetos flutuantes.

Um dos armários estava aberto e Billy caminhou até ele, dando uma olhada nos livros de dentro. Um antigo álbum de fotografias estava sobre a prateleira, e ele o pegou. Sabia que tinha de voltar para Rebecca, mas estava curioso, se perguntando se aquele busto na porta significava que estava no escritório de Marcus.

As fotos eram velhas, amareladas e enrugadas. Ele folhou algumas páginas, chegando à conclusão de que era um desperdício de tempo. Quando começou a colocar o álbum de volta — uma foto solta caiu. Ele se abaixou para pegá-la, segurando-a sob a agitada luz azul.

A imagem em si não era particularmente interessante, um trio de jovens homens nos anos trinta ou quarenta, todos de cabelos penteados e bem apresentáveis, sorrindo para o batedor da foto. Na parte de trás, alguém tinha escrito: "Para James, para comemorar sua formatura, 1939." Billy estudou a foto, concluindo que o jovem do meio poderia ser James Marcus. Alguma coisa com o formato de sua cabeça ... de alguma forma, ele parecia familiar...

"Aquele cara", disse ele, assentindo para si mesmo. O cantor do trem. Ele não o tinha visto assim, mas tinha a mesma postura, os

mesmos ombros largos... "Ele poderia ser filho de Marcus. Ou neto."

Havia um enigma ali, e ele estava começando a pensar que tinha acabado encontrar outra peça. Se Spencer tinha derrubado Marcus, tomado seu trabalho, não seria o filho de Marcus, ou filho de seu filho, que iria querer vingança? Talvez o surto viral não tivesse sido um acidente. Talvez o cara com as sanguessugas tivesse feito isso.

Billy suspirou, colocando a foto de volta no álbum. Tudo estava fazendo sentido, mas para todos os efeitos, quem dá a mínima pra isso? Ele deveria estar procurando uma saída.

Ele revirou a escrivaninha atrás de chaves ou mapas, não encontrou nada, foi para a segunda porta da sala, que felizmente estava destrancada. Ele a abriu, e sentiu suas esperanças diminuem; não havia nenhum grande túnel com uma luz no final. Era uma sala para guardar obras artes, pareciam pinturas empilhadas contra as paredes, algumas estátuas cobertas com lonas. Uma estátua estava descoberta, uma peça de mármore branco que parecia um daqueles antigos deuses romanos, sentado contra uma parede decorada, seu empoeirado olhar erguido, uma mão em concha perto do seu ventre — e segurando alguma coisa. Algo verde.

Billy se aproximou e pegou o pequeno objeto dos dedos pálidos da estátua, sorrindo vagamente quando percebeu o que era. Era outra escultura de uma sanguessuga, esta toda verde ao invés de azul.

Outra chave, talvez para a outra porta secreta. E esta poderia realmente ser o seu passaporte para fora.

Dia Um

O T foi administrado em quatro sanguessugas. Sua biologia firme faz delas candidatas perfeitas para esta pesquisa, mas podem ser

demasiadamente simplistas para se adaptarem. Nenhuma mudança imediata observada.

A palavra *quatro* estava sublinhada. Na margem, alguém tinha rabiscado "sequencia de mutações" em letras serifadas e circulou isso. Isso fazia parte de um diário do laboratório, em sua maioria datas e números. Rebecca estava a ponto de

devolvê-la para o monte quando percebeu que várias frases e palavras foram sublinhadas em uma das últimas páginas. Ela seguiu lendo, procurando por mais passagens marcadas.

Dia Oito

Uma semana agora. Crescimento tão rápido que dobraram de tamanho, sinais de transformações emergentes. Desova com sucesso, seus números duplicaram, mas iniciou-se um comportamento canibal, provavelmente devido ao aumento do apetite. Acelerando a procura por alimentos, perdemos duas.

Números duplicaram e *duas* foram sublinhadas.

Dia 12

Dei a elas comida viva, mas metade foi perdida quando as presas reagiram. No entanto, elas estão aprendendo com a experiência, começando a apresentar comportamento de ataque em grupo. A evolução é superior às expectativas.

Metade foi perdida estava sublinhado.

Não havia mais nenhuma anotação rabiscada, mas Rebecca continuou passando os olhos nos papéis, perturbada pelo sucesso da estranha experiência.

As sanguessugas não exibem mais traços de individualismo, agora se movem como um coletivo.

Dia 31

Reproduzem-se a uma velocidade fantástica, comendo tudo que é oferecido agora...

A última anotação deixou claro para ela o quanto longe em sua loucura Dr. Marcus tinha ido parar.

Dia 46

Um dia digno de ser recordado. Hoje elas começaram a me imitar. Elas reconhecem seu pai, creio eu. Eu sinto uma afeição tão forte por elas, e vindo delas. Será que elas amam? Eu acho que sim. Somos nós, agora, só eu e minhas brilhantes crianças. Ninguém vai tomá-las de mim.

Com tudo aquilo que descobri, eles não ousariam.

"Ei!"

Era Billy, chamando atenção dela através do chão. Rebecca largou os papéis e caminhou para o buraco, ajoelhando ao lado dele.

"Você encontrou alguma coisa útil?", perguntou ela, olhando lá para baixo onde ele estava.

"Talvez. Pega," disse ele, jogando uma coisa pequena através do buraco. Rebecca a agarrou. Era outra daquelas chaves sanguessuga, desta vez verde.

"Existe aí em cima uma porta com um busto do Marcus na frente?" Billy perguntou.

Rebecca balançou a cabeça. "Eu não sei. Não nesta sala, de qualquer maneira. Estive lendo mais sobre suas experiências bizarras. Quer que eu vá dar uma olhada?"

Billy hesitou. "Por que eu não subo aí, podemos olhar juntos. Só deixe-me encontrar outra mesa ou algo assim ... "

"Tomarei cuidado", disse Rebecca. "Você não disse que havia outra porta aí embaixo? Talvez você devesse tentar abri-la enquanto vejo se posso encontrar o buraco de fechadura para essa coisa."

"Tem uma tranca com combinação," disse Billy. "A menos que você tenha uma chave mixa, eu não acho que conseguiremos abri-la."

Rebecca suspirou. Pena que Jill Valentine não estava com eles. Ela estava na equipe Alpha, e de acordo com Barry, ela poderia arrombar qualquer coisa ...

"Espere. Tranca com combinação?

Billy confirmou com a cabeça, e Rebecca saiu da beira do buraco, correndo para a escrivaninha com as anotações de Marcus. Ela deu uma rápida lida sobre as passagens marcadas, fez os cálculos enquanto corria de volta.

Quatro sanguessugas ... Duplicaram ... Perdeu-se duas ... Metade perdida ...

"Tente ... quatro-oito-seis-três", disse ela.

"Um tiro no escuro?" Billy perguntou.

Rebecca sorriu vagamente. "Provavelmente. Apenas verifique." Ela levantou a escultura da sanguessuga verde. "Vou ver se consigo encontrar aonde isto vai."

Billy acenou relutantemente com a cabeça, Rebecca levantou e foi para a porta do laboratório, incerta se estava sendo corajosa ou estúpida. Ela realmente não queria fazer nada sozinha, não desde seu encontro com os primatas, mas como ela já estava no primeiro

andar, o mais sensato seria ela dar uma olhada.

A porta do laboratório se abria para um corredor curto, havia três portas além daquela que ela entrou. A primeira porta, à direita, estava trancada. A segunda porta, bem no canto e também à direita, estava aberta, mas uma rápida olhada no interior dela não mostrou nada além de uma grande sala vazia, e um pequeno escritório situado em um canto. Estava escuro demais para ver algo mais. Rebecca fechou a porta, alivia por já ter feito dois terços do caminho em sua pequena busca, e foi para a última porta, no final do corredor.

Também destrancada. Rebecca a abriu, pode ver outra porta a somente um metro à frente dela, para a esquerda, a sala se abriu no que parecia ser o mesmo laboratório que ela esteve no começo ... Não era, mas a forma como as salas estavam posicionadas, deveria haver alguma conexão com o primeiro laboratório. Talvez eles tenham sido divididos em algum ponto — Um movimento. Ali, perto de uma mesa próxima da parede que interligava as salas, era um dos infectados, magro, rosto pálido, olhos esbranquiçados, sua boca aberta, e faminto. Ele se arrastou na direção dela, fazendo um suave gorgolejar na parte de trás de sua garganta.

Ele era lento, muito lento. Rebecca olhou entre ele e a porta à sua frente, o peso da chave sanguessuga esquentava sua mão. Na primeira chance, ela se adiantou e empurrou a porta, atravessando e rapidamente a fechando antes do zumbi magricelo poder dar outro passo.

Ela agora se encontrava em uma velha e suja sala de cirurgia, os outrora estéreis azulejos estavam cinzas devido a uma fina camada de fuligem, umas poucas macas de metal estavam em pé sobre rodas curvadas. E ali, à esquerda, em frente a ela, havia uma porta verde com um perfil do Dr. Marcus na frente.

"Bingo", disse ela, indo até a porta, cuidadosamente evitando olhar mais de perto a mesa de operações situada no canto mais distante da sala, após uma olhada de relance nas pesadas amarras presas nela. Ela tinha uma ideia do que Marcus fazia lá, mas não precisava sofrer com os detalhes.

A pequena sanguessuga encaixou perfeitamente na depressão logo abaixo da imagem do Dr. Marcus, emitindo o som de uma trava cedendo. A porta abriu — e ela deu um passo para trás, cambaleando por causa do cheiro, um odor que se tornou muito familiar para ela. A estreita sala era repleta de gavetas de necrotério em ambos os lados, várias delas abertas. Havia dois corpos no chão, nenhum se movia, mas mesmo assim, ela apontou seu revólver para o mais próximo. Respirando superficialmente, ela entrou.

Deus, por favor, faça com que haja aqui algo digno de estar tão bem trancado, ela pensou enquanto passava por uma maca virada. E que esteja bem a vista, se não for muito incômodo.

Sem chance dela procurar em cada uma das gaveta. No outro extremo da sala, havia uma ramificação para a direita. Rebecca passou por cima do segundo corpo, virou a esquina, tentando não sufocar com o fedor. Havia outra maca de metal empurrada para um lado — e sobre ela, uma chave de metal.

Ela a pegou, sentindo uma mistura de emoções. Havia encontrado algo, isso era bom — mas para ela era algo incerto. Sabia que poderia ser de qualquer lugar, poderia ser até a chave da casa de verão de Marcus.

Talvez daquela primeira porta no corredor...

"'Rebecca?"

Ela guardou a chave no bolso e pegou o rádio, indo em direção à porta enquanto respondia.

"Sim. O que houve, *desligo."* Ela atravessou a sala de operação, parando na porta que dava para o parcial laboratório. Queria correr até a entrada do corredor, evitando ter de atirar naquele zumbi se fosse preciso ...

"A tranca não gira," Billy disse, parecendo irritado. "Eu voltei para verificar o escritório do Marcus, mas eu não vi coisa alguma. Você teve alguma sorte? Desligo."

"Talvez", disse ela. "Deixe-me verificar uma coisa. Te encontro na biblioteca, desligo."

"Tome Cuidado. Desligo".

Tomarei.

Rebecca balançou a cabeça de leve enquanto prendia o rádio de volta ao cinto, espantada com a rapidez que uma relação podia mudar, dadas as certas — ou erradas — circunstâncias. Apenas algumas horas atrás, havia ameaçado atirar nele, e estava convencida que ele estava pronto para atirar *nela.* Agora, eles eram ... bem, "amigos" provavelmente não era a palavra certa, mas estava parecendo muito pouco provável que eles acabassem matando um ao outro.

Pela primeira vez em um certo tempo, ela se perguntou o que seus companheiros de equipe estavam fazendo. Será que a perseguição a Billy continuava? Será que estavam procurando por ela, ou por Edward? Ou se depararam com problemas deles próprios, sendo pegos pelos efeitos do vazamento do T-vírus?... ...e falando nisso.

Ela ficou escutando diante da porta por um momento, não ouviu nada. Respirando fundo, ela empurrou a porta, percorrendo rapidamente a curta distância até a próxima porta, nem sequer olhou para o laboratório. Assim que fechou a porta atrás dela, ouviu

um choro abafado de frustração, e sentiu uma onda de piedade pela a vítima de olhos encovados. O cara provavelmente trabalhava aqui, e ela não desejava aquela doença zumbi nem para seu pior inimigo. Com certeza, era a pior forma de morrer.

Ela caminhou até a primeira porta que havia tentado, na esperança de que a chave a abrisse, duvidando que isso acontecesse. Ela supôs que eles teriam de fazer uma busca mais completa por algo que fosse destrancá-la, ou apenas continuar procurando alguma outra coisa, outro mapa, outra chave, outro buraco no chão em algum lugar, e para falar a verdade, isso era desanimador. Se eles não conseguissem achar alguma coisa, teriam que usar o elevador mais uma vez e tentar suas chances lá em cima —

Ela colocou a chave na fechadura da porta e girou, ouviu e sentiu a tranca abrir.

"Não me diga", ela murmurou, sorrindo, e abriu a porta.

Algo enorme e escuro saltou na direção dela, uivando.

Billy esperou no buraco entre o primeiro e segundo andar, preguiçosamente se perguntando se havia uma forma de arrebentar a porta da tranca com senha usando uma das balas de Magnum — e ouviu um terrível e desumano grito vindo do primeiro andar, seguido de um, dois tiros.

Ele nem cogitou tentar o rádio. Pulou sobre a baixa mesa sob o buraco, ergueu a espingarda através dele, em seguida saltou agarrando a borda com as mãos. Antes ele duvidaria de sua capacidade, mas agora nem passava por sua cabeça não ser capaz de levantar a si próprio. Com um gemido de esforço, ergueu seu corpo através do buraco, primeiro rastejando sobre os cotovelos, e logo um joelho também.

Ele pegou a espingarda e já estava em pé a tempo de ouvir o

animal gritar novamente, um som estranho e sobrenatural, como um pássaro sendo rasgado em pedaços. Ele levou meio segundo para se orientar, encontrar a porta, e logo já estava correndo.

Ele arrebentou a porta que dava para um corredor — e lá estava Rebecca escorada contra a parede oposta, uma manga de sua camisa rasgada, o braço marcado com quatro arranhões profundos, apontando sua arma para — Mas que diabos — para um monstro, um imenso e monstruoso réptil. Era humanoide, extremamente musculoso, sua pele escamosa era de um verde nocivo. Seus braços eram tão compridos que as garras de suas mãos quase tocavam o chão. Quando viu Billy abriu sua mandíbula e gritou novamente, os pequenos olhos em seu plano e inclinado crânio praticamente brilhavam com malevolência. Um filete de sangue escuro fluía da parte superior do seu tórax, um dos tiros de Rebecca, mas não parecia ter sido muito afetado pela ferida.

Experimente essa, Billy pensou, trazendo a espingarda para cima enquanto Rebecca abria fogo novamente. Ele acertou em cheio no rosto da criatura, bombeou a arma e disparou novamente, sem esperar para ver o que a primeira bala tinha causado — e rosto daquela coisa se *foi,* se espalhou pelas paredes e pelo chão atrás dele, e seu pesado corpo desabou. Um espumoso rio de sangue derramava dos pedaços de seu pescoço, do pouco que restou da sua cabeça — um pouco do maxilar, dentes e pedaços de carne escura.

Billy não se moveu por alguns segundos, ouvindo, procurando outro som, outro movimento, mas não havia nada. Ele voltou sua atenção para Rebecca, que estava pressionando seu ferido ombro esquerdo com a mão direita. Sangue escorria por debaixo de seus dedos.

"O kit na minha cintura", disse ela. "Há uma garrafa de antisséptico lá, alguns curativos e esparadrapo ... Ele apenas me

arranhou. Não mordeu."

Ela estava pálida, estremecia enquanto Billy limpava a ferida e fazia o curativo, mas ela se saiu bem, encarando a dor em vez de ceder a ela. Estava feio, provavelmente seria necessário levar pontos, mas também poderia ter sido muito pior. Quando ele estava terminando, ela apontou para a porta semiaberta em frente a eles.

"Ele estava trancado lá dentro. Quer dizer, aquela coisa."

Ela parecia chocada, atordoada. Billy caminhou até a porta, querendo estar no caminho de qualquer outra coisa que possa vir pulando para fora. Ele parou diante do monstro sem cabeça, ficou olhando para ele.

"Isso parece com o Monstro da Lagoa Negra*(Nota 22)* após usar esteroides", Billy brincou, olhando para trás, esperando por um sorriso. E teve um, abalado, mas verdadeiro, e mais uma vez, ficou impressionado com a coragem dela. Era raro ser capaz de se recuperar tão rapidamente de um ataque inesperado, especialmente por um pesadelo como o monstro em sua frente. A maioria das pessoas teriam ficado tremendo durante horas depois disso.

Rebecca andou até o lado dele. Cutucou uma das volumosas pernas da criatura com sua bota. "Inacreditável", disse ela. "As coisas que eles estavam fazendo aqui. Engenharia genética, vírus recombinante... "

"Acho que 'psicótico' é a palavra que você está procurando", disse Billy.

Ela assentiu com a cabeça. "Não posso argumentar quanto a isso. Vamos ver se ele estava guardando alguma coisa importante."

Eles saíram de perto da criatura, Rebecca ia explicando o que tinha encontrado no resto do andar enquanto eles entravam na sala.

Era um canil ou coisa parecida, mas Billy estava bastante certo de que não tinha sido usado para abrigar cães; havia pilhas de jaulas com barras de metal, muitas delas equipadas com amarras, e o cheiro no ar era de animais selvagens, um sugestivo e fétido odor.

"... que foi onde eu encontrei a chave desta sala", ela estava dizendo. "Eu esperava que isso significasse que haveria algo de útil aqui".

O lugar era em forma de U, dividido por prateleiras. Eles andaram em torno delas, Rebecca deixou escapar um pequeno som de repulsa. Amontoados no canto mais distante havia um aglomerado de pele rasgada e ossos roídos, que parecia ser os restos de alguns daqueles babuínos. Também havia um monte de fezes espalhadas, densas pilhas de uma substância preta que cheirava como — bem, como merda. Parecia que o monstro estava preso por um bom tempo.

Havia uma pequena mesa de madeira entre duas jaulas com alguns papéis espalhados por cima. Billy se aproximou — andando cuidadosamente — e pegou a página de cima enquanto Rebecca verificava algumas das jaulas abertas. Parecia ser parte de um relatório.

...e até agora as pesquisas mostraram que, quando o vírus Progenitor é administrado aos organismos vivos, violentas alterações celulares causam um colapso em todo sistema principal, mais consistentemente no SNC(Nota 23). Além disso, nenhum método satisfatório foi encontrado para controlar os organismos para usá-los como armas.

Está claro que uma maior coordenação de nível celular é essencial para possibilitar um desenvolvimento mais profundo.

Experimentos com insetos, anfíbios, mamíferos (primatas) foram

todos aquém dos resultados previstos. Parece que nenhum progresso satisfatório poderá ser feito se não forem usados seres humanos como organismo base. A nossa recomendação neste momento é que os animais experimentais sejam mantidos vivos, para estudos mais aprofundados e possíveis presas para testes de campo para as sugeridas novas B.O.W.s híbridas, como a próxima série Tyrant.

Jesus.

Billy vasculhou as páginas, procurando o resto do relatório, mas havia apenas um punhado de fichas de alimentação manchadas de café.

Série Tyrant. Todas as criaturas que vimos ... E eles estavam trabalhando em algo que pudesse tranquilamente acabar com todas elas.

"Ha!"

Billy se virou e viu Rebecca segurando algo pequeno no ar, com um sorriso triunfante no rosto.

"Combinação, alguém quer?"

Ele largou o relatório de volta na mesa. "Você está brincando comigo."

"Não. Estava em uma das jaulas. "Ela jogou o item para ele. Billy pegou, sentindo seu próprio sorriso vir à tona. Era exatamente o que ele estava procurando, um botão redondo feito para caber na parte da tranca com combinação no andar de baixo.

"Quatro oito seis três?" Billy perguntou, e Rebecca fez um gesto afirmativo com a cabeça.

"Quatro oito seis três", ela repetiu, e ergueu a mão, mostrando a ele seus dedos cruzados. Billy cruzou os dele. Era estúpido, uma superstição de criança, mas ele estava muito preocupado em cuidar

ou não o que parecia racional. Qualquer coisa que pudesse ajudar, ele faria.

"Vamos lá ver", disse ele, sentindo ressurgir a esperança mais uma vez enquanto saíam da sala do monstro, maravilhados com a complacência que era aquele sentimento particular. Havia uma citação em algum lugar, sobre enquanto houver vida, ainda haverá esperança. Ele tinha ouvido isso quando ainda estava em julgamento, na época tinha pensado que era óbvio e estúpido. Como é estranho e de alguma forma maravilhoso, que ele iria descobrir a verdade dessa afirmação lutando por sua vida em circunstâncias muito diferentes.

Juntos, eles se dirigiram de volta para o laboratório. Billy manteve os dedos cruzados.

Capítulo 12

Ele observou o jovem casal rastejar para o andar de baixo pelo buraco, retornando até a porta com combinação. Finalmente, eles encontraram uma maneira de sair, ele esperava que eles quebrassem a tranca, mas um deles aparentemente tinha encontrado os registros do desenvolvimento das sanguessugas e notou o código. E parece que um único Hunter, um cavaleiro solitário, não era páreo para eles.

O jovem rapaz ficou surpreso, mas sem muito exagero, observando enquanto eles abriam a porta com combinação. Eles abateram alguns animais de pequeno porte com esperteza, estes dois, como será triste para o mundo eles terem de ser

destruídos.

O rapaz sorriu. A humanidade certamente irá se recuperar da perda, em tempo suficiente para o efeito crucificação da Umbrella. Além disso, as crianças já estavam posicionadas.

Billy abriu a porta que deu em um hangar de teleférico, os dois sorrindo, congratulando um ao outro por terem "descoberto" seus meios para escapar do laboratório. O teleférico estava operacional, embora eles não fossem operá-lo; suas vidas estavam a meros segundos do fim. As crianças assistiam das sombras debaixo do vagão, no esgoto parcialmente drenado, se reunindo em forma humanoide, um, dois deles. Com um pensamento, um suspiro, o jovem os liberou de seus arreios, enviou os dois bispos cambaleando em direção às suas presas.

Um som, um grito. Ele franziu o cenho, mandou um dos

homens falsos ver o que tinha gritado na escuridão por trás deles — e o falso homem foi atacado por um Eliminator, o primata vindo do nada pulou no humanoide coletivo, uivando enquanto rasgava no meio as crianças com suas úmidas mandíbulas.

Da plataforma, Rebecca e Billy foram alertados pelo som da luta, estavam preparados com suas armas. Furioso, lacrimejando, o jovem hesitou, queria acabar com eles, matá-los, mais do que preocupado com as crianças — Ele as mandou avançar, ignorando o ataque do primata, deixando a corrente dos milhares longe de suas cruéis mandíbulas, reformulando-se novamente no borda da plataforma junto ao segundo coletivo. Os dois homens falsos subiram pelo trilho, ansiosos para provar dos intrusos. O Eliminator os seguiu, pulando atrás deles. Ele assistiu com horror a Billy com um único disparo de sua espingarda em um dos homens falsos, acertar um tiro certeiro. O jovem sentiu os milhares gritar, sentiu a colmeia diminuir, e sua fúria se intensificou, agora ele estava também repleto de angústia, quando Billy disparou novamente, Rebecca juntou-se a ele com sua pistola. Em poucos segundo, um dos coletivos estava efetivamente destruído.

"Não — *NÃO!*"

Os milhares nunca tinham enfrentado uma espingarda, ele não tinha ideia de que eles poderiam ser tão facilmente feridos por uma, mas não poderia recuar agora, não no meio do ataque. Seus rápidos pensamentos mandaram os sobreviventes se reunirem, juntarem-se ao segundo homem falso enquanto o Eliminator pulava em Billy, o arranhando com suas espessas garras. O primata se agarrou ao assassino — e em seguida, os dois caíram da plataforma, desaparecendo no esgoto sucedido por um forte esguicho.

Rebecca gritou, correndo até as grades, mas o segundo coletivo estava quase em cima dela agora. O jovem sentiu um calor de

satisfação, observando como o falso homem estendeu um magnífico braço, e deu um tapa no estúpido rosto assustado dela, forte o suficiente para derrubá-la. Ela rolou para longe quando ele parou, decidindo qual a melhor maneira de acabar com ela. As perdas na colmeia foram enormes, sem precedentes, ele queria ter certeza que ela pagaria completamente por aquilo — mas ela estava rolando pelo chão agora, pegando a arma caída de Billy, seu rosto contorcido de raiva. Ela disparou contra o coletivo, explodiu um de seus braços para longe, as crianças gritavam de dor quando ela disparou novamente e novamente.

O jovem rapaz mal podia vê-la agora, os olhares sobre ela eram muito poucos, muitos dos observadores estavam morrendo enquanto ele lutava para manter contato. Sua última visão dela foi um esboço lacrimejante, uma crescente sombra escura, finalmente desaparecendo por total.

Ao redor dele, muitas choravam, suas lágrimas salgadas se misturavam ao coro deles, um triste odor de oceano subia daquela massa de desesperados. O jovem fechou os olhos, chorou com elas, mas não por muito tempo. Sua raiva estava muito pior; ela tinha que morrer, assim como seu namorado assassino certamente havia morrido.

Ele não se atreveria a arriscar mais de suas crianças ...

O Tyrant. Seu rei.

Ele esboçou um sorriso. Sua raiva era grande; sua ira seria ainda maior.

Havia uma Magnum no teleférico, presa nos frios dedos de um homem morto. Assim que o pequeno vagão aéreo fez sua pequena jornada de uma plataforma para outra, deslizando silenciosamente através da escuridão, Rebecca verificou o revólver. Estava

descarregado. Ela lembrou que Billy estava carregando um par de recarregadores de velocidade com balas de Magnum calibre .50, mas ele estava ...

...está, *ele* está *vivo e eu vou encontrá-lo,* disse firmemente a si mesma, saindo do teleférico assim que ele balançou e parou, ignorando a voz aterrorizada no fundo da sua mente, sua parte que insistia que ele certamente estava morto. Billy se foi, levado pelo veloz e turbulento esgoto sob as plataformas do teleférico, que tinha arrastado ele e aquele monstro nessa direção, mas ele estava vivo, e ela estava indo encontrá-lo. Aquele pensamento se repetia; ela devia a ele aquela esperança, essa crença, por diversas vezes.

A segunda plataforma do teleférico era muito parecida com a primeira, pequena, fria e escura, mas havia nela um lance de escadas que conduziam para cima, para fora do hangar. Rebecca levou um minuto para checar suas armas, para recarregar a nove milímetros. Billy estava com os cartuchos restantes da espingarda, mas ele tinha recarregado após aquele monstro ter a atacado do lado de fora do canil — depois dele salvar sua vida, outra vez — e havia ainda dois cartuchos; não iria deixá-los para trás, também não achava sensato deixar a Magnum. Ela nunca iria saber quando poderia encontrar outro esconderijo de munições. O pesado revólver foi posto em seu cinturão, a espingarda machucava seu ombro ferido, mas ela queria estar pronta para qualquer coisa.

Ele está morto, Rebecca. Você tem que salvar — Não.

— Salve-se agora, você tem que — Não!

Ela subiu correndo as escadas, ignorando o cansaço de seu corpo, *preciso encontrá-lo, preciso.* No patamar da escada, uma porta, que dava para um enorme e quase vazio depósito, sua outra extremidade estava aberta para a noite. Rebecca atravessou o lugar vazio, pisando sobre piso da pista de transporte, passou por barris

oxidados que cobriam as paredes, sua mente estava tão cheia de pensamentos sobre Billy que ela não conseguia pensar direito. E se ele estiver ferido, se ele estiver — Morto. Ele pode estar morto.

Ela começou a rejeitar o pensamento pessimista, mas aquela voz em sua mente não estava aterrorizada; não estava em um pânico cego; estava calma. Razoável. Ela respirou fundo algumas vezes, parou um momento na plataforma do elevador industrial que fazia fronteira com o grande galpão, olhou para fresco e profundo azul escuro do céu do amanhecer, as nuvens estavam finalmente se desmantelando, algumas pálidas e distantes estrelas brilhavam. A tempestade tinha passado. Ela esperava que fosse um presságio de boas coisas que estavam por vir... Mas ela só podia ter esperança. Se Billy estivesse morto — e provavelmente estava — ela teria que lidar com isso.

Mas não irei a lugar algum até saber.

Havia um console de controle no lado norte da plataforma do elevador. Rebecca estudou os controles por um momento, finalmente decidindo que deveria descer ao nível mais baixo das opções, o B-4, para lá tentar encontrar uma entrada para os esgotos. Ela apertou o botão de controle. A enorme plataforma octogonal tremeu, e em seguida, começou a descer, as paredes do o enorme poço que cercava a plataforma deslizavam e ficavam para trás, o céu da noite ia minguando lá em cima.

O elevador finalmente parou em um lugar bem amplo, todas as paredes eram cinzas e de metal. A sua direita tinha um pequeno escritório com a marcação SEGURANÇA, e um pequeno corredor que terminava em outro, porém mais convencional elevador, como os de um prédio com escritórios. À sua esquerda, um desmoronamento; pilhas de entulho amontoados em um ponto baixo do teto — e parecia haver um segundo elevador lá, em frente

aos destroços empilhados, um bem maior, um elevador de armazém.

Ela saiu da plataforma, verificando sinais de vida naquele lugar mal iluminado, seus passos curiosamente calmos no concreto lascado. Estava vazio. Ela foi até o escritório do segurança, estava trancado — mas uma olhada através da encardida janela situada na porta mostrou que não havia nada lá que valesse a pena.

Ela suspirou, incerta de qual caminho deveria seguir. Seu plano era se manter descendo, sua esperança era de finalmente chegar até a água, mas qualquer um dos elevadores poderia levá-la na direção errada.

Então, pegue um. É melhor estar errada do que perder tempo tentando decidir.

Certo. Ela mentalmente jogou uma moeda e, em seguida, dirigiu-se para o elevador a oeste da plataforma. Ela foi até seu painel de controle, para o único botão que havia nele — E um suave *ping* soou e o elevador parou no andar onde ela se encontrava.

Ela cambaleou para trás, não havia tempo, nem lugar para correr. Ela se espremeu o quanto pôde no canto mais próximo às portas, rezando para que, quem quer que fosse descendo pelo elevador, estivesse com muita pressa para olhar para trás.

As portas se abriram. Ela apontou a espingarda, prendendo a respiração enquanto uma figura solitária saiu de dentro, era um homem grande, vestido com um colete — Rebecca abaixou a arma, arregalando os olhos assim que Enrico Marini virou-se, apontando sua nove milímetros para ela.

"Não atire!"

Ela parecia surpresa, o choque do reconhecimento estampou

seu rosto, e então ele recuou com a arma, apontando para o teto.

"Rebecca", disse ele, relaxando de leve, e ela percebeu a sujeira em suas mãos e rosto, as manchas de sangue em seus braços. Os dedos das duas mãos pareciam feridos, seu colete do S.T.A.R.S. estava rasgado em vários lugares. Obviamente ela não tinha sido a única membro da equipe Bravo lutando para sobreviver.

"Você está bem?"

"Você está vivo", disse ela, dando um passo à frente, tão feliz em vê-lo que não sabia como não estava chorando de alívio. Ele desajeitadamente a abraçou com um braço, acariciando seu ombro antes de se afastar.

"E os outros?" ela perguntou.

Enrico se virou, olhando para o elevador industrial. "Eles vieram na frente. Estávamos à procura de você e Edward."

Ela baixou os olhos. "O Edward — ele não conseguiu."

De certa forma, o olhar de Enrico endureceu, mas ele apenas assentiu. "Você viu o resto da equipe passando por aqui?"

"Não."

"Eles devem ter acabado de passar por aqui", disse ele. "Nós encontramos estes documentos ..." Ele balançou a cabeça, como que ignorando uma história que levaria muito tempo para contar. Ela entendeu completamente.

"A leste daqui existe uma antiga mansão," ele continuou. "Nós acreditamos que a Umbrella a usa para pesquisas. Venha. Se formos depressa, podemos alcançá-los."

Ele começou a se afastar, e ela sentiu um nó no coração, um quente e duro punho apertar seu peito.

"Espera!" ela deixou escapar, antes que pudesse pensar duas vezes. "Eu tenho que encontrar Billy."

Enrico virou-se e a olhou. "Billy Coen? Você o encontrou?"

"Sim, mas nos separamos, e ..." Ela baixou a cabeça, não tendo certeza de como explicar.

"Não há porque se preocupar com ele", disse Enrico. "De qualquer maneira, ele não vai sobreviver. Vamos."

"Senhor, eu — " Ela engoliu seco, se obrigando a olhá-lo nos olhos. "É uma longa história. Mas eu — eu preciso encontrá-lo. Não se preocupe, eu alcanço vocês."

"Rebecca", ele começou, e então pareceu ler alguma coisa na voz dela, em seu rosto, talvez a mesma história que ela teria lido na dele — coisas demais haviam acontecido, e qualquer explicação provavelmente tomaria mais tempo do que qualquer um deles poderia desperdiçar.

"Tenha cuidado", disse ele, e ela ergueu-se, dando a ele um firme aceno positivo com a cabeça, o reconhecimento de um profissional para outro. Ele se virou e seguiu para onde estava indo. Ela o observou ir, o olhando até ele chegar ao monte de entulho do outro lado da vasta sala, virar para o elevador de lá, e desaparecer de sua vista.

Eu finalmente encontro minha equipe, e digo a eles para irem em frente sem mim, ela pensou, cansada demais para ficar surpreendida por sua decisão. Ao menos eles estavam vivos. Tão logo que ela encontrar Billy, ela — *eles* — irão para o leste, até alcançar a equipe na mansão da Umbrella.

Ela verificou o elevador por onde Enrico apareceu, descobrindo que ele apenas subia. Isso facilitou sua decisão, de qualquer

maneira. Então voltou na direção do outro elevador. Apertou o botão para chamá-lo de volta, ouvindo o ranger e o tremor do seu movimento, o mecanismo zumbia de algum lugar dentro do eixo. Ele era lento, rastejava de volta de onde quer que Enrico o tenha levado. Rebecca inclinou- se diante da porta, desejando que aquilo fosse mais rápido. Ela estava cansada demais, e se parasse de se mexer agora, tinha medo de não poder recomeçar.

Um grande pedaço de rocha rolou das sombras no topo da pilha de entulhos, batendo no chão de cimento, não muito longe de onde ela estava, quebrando-se em vários pedaços. E foi rapidamente seguido por outro, e logo depois, um terceiro — e em seguida, uma pequena avalanche, muitas das lajes se deslocavam, se amontoando enquanto uma pequena nuvem de poeira se levantava dos destroços caídos. Rebecca recuou da frente da porta do elevador, olhando nervosamente para os escombros.

Crunch. Crunch. Crunch.

Algo soava como passos pesados, vindos do monte de destroços. Mais pedras se moveram, retinindo *pelo chão.*

"Enrico?" ela perguntou, sua voz esperançosa e muito fraca naquele ar poeirento.

Crunch.

Crunch.

Ela apertou o botão para chamar o elevador novamente. Pelo som, o elevador estava uma polegada mais perto, mas agora ela podia ver alguma coisa se mover, alguma coisa nas sombras. Algo grande.

E estava vindo na direção dela.

Billy segurava nos restos de um pilar de apoio para erosão,

ondas e redemoinhos de água fria e escura o esmurravam, quase fazendo seus dedos dormentes se soltarem. Ele segurou firme, meio consciente, tentou avaliar, resolver. Mal podia pensar. Ele lembrou do macaco — babuíno, ela disse — o atacando, suas garras sujas afundando na parte superior de seus braços, lembrou-se dele batendo forte na grade. Da queda na água suja e seu o oleoso e azedo gosto e cheiro assim que mergulhou nela, Rebecca gritando seu nome, sua voz desaparecendo à medida que a corrente o levava para longe. Houve um grito gorgolejante do animal em pânico assim que o soltou, sendo puxado para baixo — e em seguida, um afloramento de rochas, e uma dor aguda na têmpora, e — e agora ele estava aqui. Em algum lugar.

Ele estava ferido, tonto, perdido. À sua direita, as águas se amontoavam e rugiam, abrindo caminho através de um cano enorme que levava tudo para a escuridão, um cano grande o suficiente para engoli-lo inteiro. Havia algum tipo de passagem, a talvez dez metros à sua esquerda, suspensa sobre a água que espiralava, mas poderiam se tornar dez klicks*(Nota 24)* diante das suas possibilidades de chegar até lá. A água estava muito rápida, muito selvagem, e ele não era um grande nadador, nem mesmo em dias melhores.

Ele segurou firme. Era tudo o que sabia como fazer.

Capítulo 13

A criatura que se saiu do meio dos escombros era como nada que Rebecca jamais tinha visto antes. Ele estava parado perto do topo da pilha de entulhos, ergueu os braços, permitindo que ela pudesse olhar mais claramente para ele, fazendo com que a boca dela ficasse seca e as palmas das suas mãos suar. Ela teve uma vontade súbita e desesperada de ir ao banheiro.

Era um humanoide. Quase, havia naquilo características faciais de um homem — exceto por homem nenhum reluzir de tão pálido, sua pele sem pelos e seu corpo, chegavam a ser um branco luminoso. Nenhum homem tinha garras que se estendiam quase o comprimento de seus braços, as garras curvadas e brilhavam como lâminas de aço, mais longas na mão direita do que na esquerda. Suas espessas artérias e veias eram visíveis através de sua pele; massas de tecido vermelho e branco se aglomeravam sobre os enormes ombros e através de seu volumoso enorme. Marcas de feridas vermelho-sangue estavam liberalmente espalhados por seu corpo de três metros de altura, e muito da parte inferior do rosto tinha sido arrancada, revelando um sangrento sorriso de carne e osso, e que estava se virava para Rebecca agora, brandindo suas garras, como se esperasse há muito por aquele encontro.

A criatura olhou para ela, o seu impossível sorriso parecendo aumentar de certa forma. Ela podia ouvir a respiração dele, um rude e áspero som, podia ver o bombear de seu estranho coração pulsante, apenas parcialmente protegido por sua caixa torácica.

Quase inconsciente se havia levantado a espingarda, Rebecca disparou.

A explosão salpicou de preto o peito da criatura, súbitos filetes de sangue deslizaram de seu corpo, e ele jogou para trás sua enorme cabeça careca e gritou, um som como o Armageddon, como o fim de tudo. Havia mais ira, mais fúria do que dor, Rebecca de repente entendeu que não iria sobreviver muito mais tempo.

Com um único salto, o mostro pulou da pilha de rochas quebradas, caindo agachado a menos de quatro metros de distância. Rebecca pôde sentir o chão tremer. Suas garras de aço varreram o concreto quando ele se levantou, e fixando seu maligno olhar cinzento sobre ela. Ela se afastou, bombeando a espingarda, seu

corpo inteiro tremia enquanto tentava mirar, tentando apontar para seu horrível sorriso. Ele se aproximou, estava entre ela e o elevador — foi quando ela ouviu o arrastar do elevador parar, bem como porta destravar.

A criatura deu mais um passo.

Ao menos ele é lento; se eu conseguir atraí-lo para longe, e em seguida correr de volta — Outro passo, e ela pôde ver e ouvir uma rachadura aparecendo na pavimentação sob suas grossas unhas escuras. Ela recuou, tentando aumentar a distância entre eles — e de repente ele estava correndo, no momento em que baixou seu braço, rápido *como um vulto, brandindo suas garras, as lâminas de suas mãos passaram perto o suficiente para ela ver o reflexo dos seus próprios movimentos enquanto se jogava para fora do caminho dele. Ela fez um rolamento com o ombro, segurando a arma contra o peito, ficando em pé no momento em que a criatura terminou sua estranha investida. Faíscas voaram da parede ao lado do elevador, um painel de controle foi rasgado ao meio — e atrás dela, luzes começaram a piscar e um alarme soou — uma maciça porta de metal entre ela e a plataforma do elevador começou a descer, fechando-se. Isto reduziria a sala ao meio — e ia prendê-la com aquela aberração.*

Ela correu para o outro lado daquela porta. Ela era pesada e descia rápido, uma grossa chapa de metal — com certeza seria impenetrável para a criatura.

Ela facilmente chegou ao outro lado, virando-se para olhar enquanto corria de costas. A monstruosidade sintética começou a segui-la, passando por baixo do enorme painel de aço. Ela sentiu seu coração martelando, um brilho de suor rompia através de seu corpo; se ela terminar do mesmo lado que aquela coisa, tudo estará acabado.

Ela esperou, a criatura se movia devagar na direção dela — e quando a parte inferior da porta atingiu a altura de sua cabeça, ela correu de volta para o outro lado, tendo de mergulhar por debaixo dela, rezando para que aquela coisa acabasse presa.

Ele começou a segui-la novamente, agachando-se, levantando suas garras sobre a cabeça enquanto ia para debaixo da porta. Ela sentiu um lampejo de esperança de que a porta o esmagaria — mas em seguida, ouviu o metal gritar enquanto suas garras enormes rasgavam a porta. Ela assistiu horrorizada, espantada, como de fato ele retardou a descida da porta o suficiente para passar por debaixo. Em seguida, ele a atravessou completamente, e a porta bateu no chão com um estrondo ensurdecedor.

Seus instintos a diziam para correr, para fugir — mas não tinha para onde ir. Com aquela porta vindo abaixo, o lugar estava pouco maior que seu apartamento. Ela teria de chegar ao elevador. Era sua única chance. — Ela correu para ele, agarrou a manivela da porta, começou arrastá-la para o lado — quando ouviu o monstro se aproximando, ouviu o bater de seus pesados pés, rachando o cimento como trovões em sua direção.

Merda!

Ela nem sequer se virou, sabendo instintivamente que não havia tempo. Ao invés disso, ela se abaixou, caindo de joelhos e rolando para um lado — no mesmo instante que aquelas garras vieram abaixo, raspando na porta do elevador, perfurando a parede onde ela estava em pé há apenas um segundo antes.

Ela cambaleou para trás enquanto o monstro se virava, fixando novamente seu olhar nela, dando um passo a frente. Era como se estivesse programado para apenas aquilo, tão implacável como algum tipo de máquina. Ele ergueu seu longo braço até as costas, como se fosse vai atirar uma bola de baseball, e deu um segundo passo estrondoso.

Pense, pense!

Ela não podia combatê-lo, provavelmente não poderia matá-lo com o que havia restado com ela, sua única esperança era de enganá-lo de alguma forma ...

O plano ainda estava em formação quando ela o colocou em prática. A criatura era muito grande, não poderia parar facilmente uma vez que começasse a correr; se ela fizer ele se movimentar, se esquivando no último segundo, ela poderá ter tempo de abrir a porta do elevador. Ela parou de se mover a uma distância do elevador em que pudesse atingir em um curto espaço de tempo.

Outro passo. As garras preparadas. Demonstrava toda a sua vontade de não deixá-la fugir. Ela manteve a arma apontada para a criatura, preparando-se para mergulhar no elevador assim que ele pegar velocidade.

O sorriso macabro do monstro se abriu no momento que ele flexionou os joelhos, preparando-se para atacar — e então ele estava se movendo, poucos passos rápidos e ele já estará sobre ela. Rebecca se lançou, esquivou-se e correu, batendo contra a porta do

elevador, agarrando-a com as mãos apressadas e tremendo. Ela abriu a porta, entrou aos tropeços, virou-se para fechá-la — e a criatura já estava colada nela outra vez, já se movendo rápido, muito rápido. A porta não iria segurá-lo, ela sabia disso. Ela ergueu a espingarda para cima, sem tempo para apontar, e disparou.

A explosão pegou seu ombro direito. Ele cambaleou para trás, gritando, sangue jorrou da sua ferida retalhada, em seguida Rebecca não viu mais nada. Ela bateu a porta, tocou o botão mais abaixo no painel, apertou os olhos e começou a rezar.

Segundos se passaram. O elevador continuou descendo, descendo — e finalmente chegou ao fim. Ela parou de orar tempo suficiente para ouvir a água correndo no lado de fora — *deve ser os esgotos* — mas ela estava assustada demais para se importar muito naquele momento, seu corpo ainda tremia descontroladamente.

Depois do que pareceu um longo tempo, o tremor deu uma baixada. Ela estava bem ... viva, pelo menos, o que já era alguma coisa. Com uma oração final para que nunca mais tivesse de ver aquilo de novo, Rebecca abriu a porta e saiu.

* * *

William Birkin estava finalmente — *finalmente!* — indo embora quando ouviu o grito desumano ecoando através da outrora silenciosa instalação, um grito de pura ira.

Ele parou na entrada do pequeno túnel subterrâneo que levava para fora, olhando para trás, na direção da sala de controle executiva. Ele passou as últimas duas horas na minúscula área escondida, primeiro lutando para tomar a decisão, depois lutando para fazer o computador obedecer a seus novos comandos. A sequencia de destruição estava marcada para pouco mais de uma hora; como Wesker havia sugerido, a destruição da instalação e seus

complexos em seus arredores coincidiriam com o início de um novo dia.

Aquele grito...

Ele nunca tinha ouvido nada parecido, mas soube imediatamente o que era, tendo visto o projeto em sua fase final. Nada mais poderia fazer um som daqueles. O protótipo Tyrant foi solto.

As sombras que beiravam o estreito túnel de repente pareciam muito profundas, muito solitárias. Muito capazes de guardar segredos. Birkin virou-se e andou depressa, convencido de que agora tinha tomado a decisão certa.

Tudo aquilo estava prestes a queimar.

Billy ouviu alguma coisa. Ele ergueu sua pesada cabeça, virando-a devagar. Lá, à sua esquerda, uma porta aberta para a passagem, e dela saiu uma figura humana.

"Ei," ele chamou, mas ele não conseguiu gritar muito alto, o som de sua voz era abafado pela água corrente. Então fechou os olhos.

"Billy!"

Ele olhou mais uma vez, sentiu um calor surgir dentro de si. Rebecca, era Rebecca inclinada sobre a grade, chamando seu nome, e a visão e o som da voz dela trouxe a ele um pouco de força para afastar sua exaustão, apenas um pouco.

"Rebecca", disse ele, erguendo a voz, não tendo certeza se ela podia ouvir. Ele tentou pensar em algo para dizer a ela, algo que ela devesse fazer, mas só conseguiu dizer o nome dela novamente, a situação era auto-explicativa, e ele estava em maus bocados. Se ela quisesse ajudá-lo, teria que agir por conta própria.

"Billy, cuidado!" Rebecca estava gesticulando com uma mão, procurando por sua pistola com a outra.

O terror em sua voz o acordou. Ele agarrou forte o pilar de suporte, tentou se levantar para ver para o que ela estava apontando — e pegou apenas um vislumbre de algo que se deslocava rápido, algo longo e escuro, deslizando através da água como uma serpente gigantesca, correndo na direção dele.

Ele tentou se mover, contornar o pilar, mas a água era muito forte, ele não poderia se soltar. Estaria perdido em menos de um segundo.

Rebecca atirou, uma, duas vezes — e a criatura invisível bateu no pilar de apoio com força suficiente para fazê-lo tremer. Ele gritou, nadando furiosamente para ficar acima da água espumosa, para resistir à tração do tubo de descarga, mas não conseguiu.

Em segundos, ele foi arrastado para dentro da escuridão, empurrado e espancado, o som da água tomava conta de seus ouvidos enquanto o levava embora.

Capítulo 14

No meio da breve batalha de Rebecca com o proto-tyrant, William Birkin se esgueirou para fora da instalação, com a cabeça baixa, o seu notório rabo entre as pernas. O jovem rapaz tinha perdido o rasto dele poucas horas antes, reconhecendo que o cientista tinha seguido Wesker para fora — aquelas pessoas da pequena equipe de aventura de Rebecca tinham, há apenas alguns momentos antes — mas lá está ele, meio que correndo através de um dos túneis de saída secretos, seu rosto pálido e cheio de cacoetes era uma máscara de medo. Certamente aterrorizado com os sons da batalha, completamente sem saber que ele só estava vivo porque sua vida era tão sem importância.

Embora quisesse lidar com ele pessoalmente, o jovem rapaz deixou o cientista ir agora, presa para um outro dia. Ele também estava arrebatado pela luta, muito ansioso para ver Rebecca sendo dilacerada membro por membro. Em vez disso, ele a viu escapar mais uma vez de seu destino, uma combinação de destreza e sorte estúpida que foi uma grande maravilha de se ver. Ele assistiu o momento que ela deixou o Tyrant para trás e se encontrou com Billy um momento depois, de alguma forma ainda vivo, agarrado como um crustáceo em uma rocha enquanto o mar de esgoto se agitava em torno dele. Um único golpe por uma das criaturas da água o enviou espiralando para um dos muitos filtros da instalação, deixando Rebecca gritando atrás dele, certamente meio louca de frustração, com a esperança perdida e esmagada.

O jovem sorriu, um sorriso frio e sórdido, mais sereno do que ele sentira há tempos, enquanto observava Rebecca atravessar a passagem, encontrar outro elevador na área de operações, seguindo

seu caminho rumo às profundezas da instalação — onde ele e sua colmeia esperavam, encaracolados juntos em seu casulo de excreções líquidas e brilhantes. Com sorte, ela cruzará com Billy em breve, possivelmente ainda vivo. Provavelmente, na verdade. Ele compreendia agora, que ele simplesmente tentou duramente apressar as coisas, apressar o seus destinos. Um confronto era inevitável ... E ele não queria realmente uma plateia esse tempo todo, alguém para apreciar a sua magnífica missão? Além disso, o amanhecer seria em breve, um período perigoso para as crianças, seus corpos delicados facilmente queimavam até mesmo pela mais fraca luz solar; melhor deixar que os dois intrusos venham até ele. Eles conhecerão sua glória antes dele próprio esmagá-los.

Ele observou e esperou, animado para o capítulo final de seu triunfo começar.

Rebecca não tinha certeza de onde estava, os níveis baixos e salas do novo prédio eram incrivelmente confusos, mas ela continuou em frente, continuou seguindo para baixo. Os corredores estavam vazios, mas duas das salas que havia atravessado — outra pequena sala de controle de propósito desconhecido e um salão de funcionários em ruínas — estavam infestados de zumbis. Ela só teve de atirar em dois dos sete que viu, os outros estavam muito decrépitos, lentos demais para considerar uma potencial ameaça. Ela desejou ter tempo e munição para finalizar todos, para poupá-los do que suas vidas tinha se tornado, mas ter visto Billy novamente a deixou com pressa. Ele estava ferido, mas vivo e escondido em algum lugar nas profundezas daquele layout confuso.

A nova instalação era uma estação de tratamento de água, ela pôde adivinhar pelo forte odor, se não pelas placas e painéis de controle que pareciam tumultuar cada uma das salas, mas ela não descartou ser também mais uma fachada para as atividades ilegais

da Umbrella; por que mais aquele lugar seria ligado ao centro de pesquisas, embora indiretamente? Ela passou por um pequeno pátio no sétimo nível do subsolo — ao menos ela *pensava* ser o sétimo — que parecia estar em construção antes que o vírus se espalhasse, e ela duvidava muito que aquele buraco rochoso — repleto de empilhadeiras — tivesse algo a ver com tratamento de água.

Sim, mas que diabos sei eu, ela pensou de forma aleatória, jogando-se para avançar mais rapidamente, passando por outra porta, uma sala com uma escavação cheia de caixotes em um lado. Até hoje, ela não tinha acreditado em zumbis, ou conspirações de armas biológicas ... Mas verdade seja dita, ela não acreditava que um mal deliberado daqueles poderia realmente existir. O que ela tinha visto, o que ela havia vivenciado desde que pisou naquele trem todas essas horas atrás ... Tudo era diferente, agora. Ela não sabia se algum dia seria capaz de enxergar o mundo ao seu redor com olhar ingênuo, se sequer será capaz de olhar para uma pessoa ou lugar sem suspeitar do rosto escondido por trás do que viu. Não tinha certeza se deveria ficar com raiva ou grata pela perda da inocência; se ela permanecer com os S.T.A.R.S., sem dúvida aproveitaria bem isso.

No fundo da sala com caixotes, uma escada de metal. Rebecca parou no topo, prendendo a respiração quando olhou para baixo, fazendo uma careta de repulsa, sem saber como prosseguir. Havia sanguessugas nas escadas, pelo menos uma dúzia delas espalhadas pelos degraus, penduradas por fios de gosma ou deixando caminhos brilhantes através do metal cinza. Ela não queria ficar perto delas, temendo que pudessem atacá-la se chegasse perto demais, ou machucar alguma — mas também não queria voltar. Sentiu como se o tempo estivesse acelerando, como se as coisas estivessem acontecendo cada vez mais rápido, a fazendo correr o risco de terminar perdida.

Ou correr o risco de encontrar com aquela coisa de novo. Aquela máquina de matar com garras.

Seu grito de fúria ainda ecoava em sua cabeça. Ela o feriu, mas as chances dele ter rastejado para algum canto escuro para morrer eram quase nulas. Coisas como aquela nunca eram tão conformadas.

Apertando os dentes, ela passou com cuidado por sobre as sanguessugas, fazendo uma pausa após cada etapa, engolindo bile quando uma deslizou sobre sua bota antes de continuar seu percurso. Ao menos foi uma trajetória curta, ela desceu sem pisar em qualquer uma daquelas pequenas coisas horríveis, chegando à porta do fundo sem incidentes.

Quando ela abriu a porta, uma névoa fria borrifou toda sua pele suada, o rugido dos canos esvaziando eram como música. Era uma área grande, dominada de um lado por enormes canais sobressalentes, a água que jorrava deles se chocava com uma série de filtros de grade —

— E lá, em meio a uma montoeira de destroços — "Billy!"

Rebecca correu até a figura de Billy deitada de bruços, uma amarga cachoeira caia ao lado deles quando ela se agachou, procurando sua garganta. Ela afastou suas dog tags para o lado, tremendo por dentro ... Mas havia um forte e constante pulso — e ao seu toque, ele abriu os olhos, sua visão turva olhando para ela.

"Rebecca?" Ele tossiu, tentando sentar-se, e ela gentilmente colocou uma mão em seu peito, o empurrando para baixo. Ele estava com um galo roxo na têmpora esquerda, um galo enorme.

"Descanse um minuto," disse ela, tendo de forçar as palavras através da aspereza em sua garganta. Ela queria acreditar que ele ficaria bem, mas tinha sido muito grave ... "Deixe-me examinar

você."

Um exausto sorriso surgiu nos lábios dele. "'Kay, mas então este é o meu turno," ele murmurou, e tossiu de novo.

Ele respondeu suas perguntas sem confusão enquanto ela o examinava, verificou seus reflexos, limpou algumas escoriações mais profundas. O galo em sua cabeça parecia ser o pior de seus ferimentos, lhe causando algumas tonturas e náuseas, mas não foi tão grave quanto ela temia — e depois de apenas alguns minutos dos cuidados dela, ele forçou-se para frente para sentar, dando um fraco sorriso na direção dela.

"Ok, ok", ele disse, encolhendo-se quando ela tocou em sua têmpora. "Eu vou sobreviver, mas não se você ficar me cutucando."

"Certo", disse ela, sentada sobre os calcanhares, sentindo uma satisfação surpreendentemente profunda; ela partiu para encontrá-lo, e encontrou. Não tinha ideia de que um sentimento básico de realização poderia ser tão gratificante, que poderia tão facilmente subjugar todos os negativos na situação deles, mesmo que apenas por um momento. "Eu estou contente por você estar vivo, Billy."

Ele acenou com a cabeça, encolhendo-se novamente pelo movimento. "Nós dois estamos."

Ela o ajudou a levantar, o segurando até ele conseguir se equilibrar. Quando estava estável o suficiente, ele se afastou — e ela viu um olhar de repulsa em seu rosto, sua boca curvando-se para baixo assim que passou por ela, indo em direção a um canto da sala, onde uma mancha de água escura derramava sobre outra grade de filtro.

O canto da sala estava abarrotado de ossos. Ossos humanos, desgastados por anos de água caindo sobre eles, cobertos por um muco verde. Rebecca contou, pelo menos onze crânios entre a pilha

de fêmures e costelas quebradas, a maioria rachadas ou quebradas.

"Algumas das antigas experiências de Marcus?" O tom de Billy era baixo; não era realmente uma pergunta, e Rebecca não a respondeu, apenas balançou a cabeça.

"Isso é a Umbrella", acrescentou ela, depois de um momento. "Eles o incentivaram. Estavam todos juntos."

Agora Billy que não respondeu, apenas olhou para os ossos, com alguma emoção desconhecida em seus olhos escuros. Depois de um segundo, ele os apertou e afastou-se dos tristes restos de vida humana.

"O que me diz de darmos no pé?", ele perguntou, e embora suas palavras fossem leves, nenhum deles sorriu.

"Sim", disse ela, estendendo a mão para pegar na dele por um momento, apenas um momento, apertando os dedos dele com força nos dela. Ele apertou os dele também. "Sim, isso parece bom."

Billy se sentia um bosta, mas ele seguiu em frente enquanto Rebecca os levava instintivamente para o leste, querendo mais do que qualquer coisa estar livre do maldito Playground de Marcus antes que acabe surtando. Enquanto andavam por um labirinto de corredores e salas — Billy estava extremamente perdido após a segunda curva — ela lhe contou o que tinha acontecido a ela desde que ele tinha sido arremessado para fora da plataforma do teleférico. Havia tido um breve encontro com seu chefe de equipe, e uma luta contra uma super-criatura Frankenstein que ela quase não sobreviveu. Ela também encontrou um revólver Magnum .50 que combinava com a munição que ele estava levando, um ótimo poder de fogo, e conseguiu ficar com a espingarda. Contudo, ele concordou que ela provavelmente se saiu melhor do que ele se sairia diante das mesmas circunstâncias.

Eles encontraram um alojamento vazio e carregaram suas armas, Billy ficando com a Magnum, Rebecca seguiu com a espingarda. Havia um galão de água selado sob um dos beliches e eles se revezavam nos goles, ambos desesperados para se hidratar. Provando que nadar em água de esgoto pode deixar alguém morrendo de sede.

Refrescados pela água, segurando armas decentes e totalmente carregadas, Billy finalmente sentiu que poderia se recuperar de sua jornada através das corredeiras. Eles pegaram a saída ao sul do alojamento, atravessando uma sala de tratamento industrial, e depois outra. As salas da instalação eram indistintas para Billy, todas pareciam iguais — as mesmas paredes e pisos de metal enferrujado, tubos, paredes enormes de equipamentos desconhecidos cobertas por botões e interruptores. Alguns dos equipamentos estavam trabalhando, enchendo as grandes salas com ecos de explosões de som mecânico, embora só Deus saiba o que aquilo estava controlando. Billy descobriu que não se importava muito, e conforme eles continuaram, ambos podiam ouvir um barulho de água se aproximando, *muita* água — e quando passaram por uma sala de válvulas, que se abria para o frio da madrugada, encontraram uma passagem que se estendia por uma verdadeira barragem.

Eles ficaram olhando por um momento o escuro ao longo do reservatório que corria ao lado do prédio de onde eles haviam saído, uma cortina de água interrompia a passagem na outra extremidade. Era alto demais para eles poderem se falar, então voltaram para a sala das válvulas, ambos sorrindo. Ao menos encontraram uma saída; na realidade, a passagem sobre a barragem levava a outro edifício, mas somente ver as estrelas brilhando, o cair do luar, deu um verdadeiro gás para Billy. O pesadelo através do complexo da Umbrella iria terminar em breve, ele podia sentir, o

fim daquilo tudo era tão certo quanto o novo dia que breve estaria nascendo.

"Minha equipe provavelmente passou por aqui, nos deixando o caminho livre," disse Rebecca, olhando esperançosa. As bombas d'água ocupavam metade da sala, ela teve que falar alto para ser ouvida por causa da cascata de água lá fora. Sua voz ressonou de leve contra a grade de metal que cercava uma piscina de água no centro da sala. "Ele disse que estavam indo para o leste. Já estamos praticamente fora daqui."

"Eu pensei você ter dito que Enrico pegou aquele elevador", disse Billy.

"Ah, certo," ela disse, sem firmeza em sua expressão. Ela piscou e ele percebeu o quanto ela deveria estar cansada. "Desculpe. esqueci."

"É compreensível", disse Billy. "Mas você está certa, nós *estamos* praticamente fora daqui." Ele tocou na Magnum em seu cinto, a algema solta em seu pulso bateu nela, uma lembrança súbita de sua vida antes do acidente com o jipe. Aquela vida parecia tão distante agora, como se tivesse acontecido com um homem diferente ... Mas ela ainda estava esperando por ele em algum lugar lá fora.

Pensamentos para depois, para isso ele conseguiu dar um sorriso, dando um tapinha na Magnum. "Esta é uma espécie de chave universal — abre portas, apaga portadores de doenças indesejáveis, essas coisas."

Rebecca sorriu, começou a dizer algo e parou — olhando em seus olhos, ambos arregalados devido ao som de água batendo através da grade de metal. Eles se viraram para olhar — enxergando um ser gigante se erguendo da piscina a poucos metros de distância, Billy percebeu imediatamente que era o monstro que ela havia

contado a ele antes de pegar o elevador. Era enorme, branco, coberto de sangue e feridas; ele ergueu o braço portando garras insanamente longas para abrir caminho para fora da piscina, as pontas gritavam contra a grade.

Billy sacou a Magnum, recuando, tentando empurrar Rebecca atrás dele. Ela se esquivou facilmente, posicionando-se com a espingarda, e os ideais heroicos de Billy sumiram quando a criatura os viu e soltou um terrível grito, um profundo e insano som de ódio, mostrando o desejo de não apenas matar, mas de dilacerar e mutilar. Enfrentá-lo sozinho não seria machista; seria estupidamente suicida.

"Quando ele começa a se mover, não se vira muito bem", disse Rebecca rapidamente, meio baixinho. Ele teve que se esforçar para ouvi-la devido às batidas rítmicas dos poderosos motores de bombeamento. "Se conseguirmos levá-lo para longe da porta, fazê-lo correr, poderemos passar por ele enquanto tenta se virar".

Billy mirou cuidadosamente o monstruoso rosto da criatura. Ele deu um passo em direção a eles, e ambos se afastaram. "Que tal matá-lo ao invés disso?"

"Não", disse Rebecca, sua voz cheia de pânico. "Você só vai enfurecê-lo. O que você está vendo agora é algo depois de levar dois tiros de espingarda, um deles quase à queima roupa. "

A coisa deu mais um passo e curvou-se ligeiramente, tencionando suas pernas, como que prestes a saltar.

"Corre!"

Billy não precisou ouvi-la duas vezes. Ambos se viraram e correram, dobrando à esquerda, para onde a grade seguia. Atrás deles, dois, três pesados e vibrantes passos que ressonavam contra o metal — e em seguida, as garras do monstro desceram rasgando

toda a parede da curva, causando um tremendo som estridente quando o espesso aço se enrolava como serragem de madeira.

Billy se virou, levantando a Magnum assim que o monstro parou e virou-se lentamente para enfrentá-los.

"Continue em frente!" gritou para Rebecca, apontando para o pulsante tumor vermelho cravado em seu peito, o que deveria ser seu coração. O monstro deu um único passo, seus opacos olhos cinzentos fixaram-se em Billy, e suas garras estavam se erguendo.

Billy disparou, a arma vibrou em sua mão, rugindo, ensurdecendo. Um buraco surgiu no enorme peito da criatura, não foi um tiro direto no coração, mas perto. Sangue derramou do buraco, escorrendo pelo seu branco e forte abdômen. Ele gritou, um som ainda mais alto do que o do revólver, e infinitamente mais mortal, mas ele não foi derrubado.

Jesus, isso deveria parar um elefante — "Vamos!" Rebecca gritou, puxando seu braço. Ele a ignorou e mirou novamente. Se ele sangrava, poderia morrer, e inferior a um lançador de granadas, a Magnum .50 era talvez a melhor arma para a dar conta do recado.

O monstro deu um passo cambaleante à frente e em seguida pareceu encontrar seu equilíbrio, seu olhar mortal focando Billy. Sangue continuava a derramar de sua ferida, encharcando sua assexuada virilha e suas musculosas coxas. Aquele sorriso, aquele sorriso horrível — ele parecia estar rindo, como se não pudesse esperar para compartilhar uma piada com alguém.

Billy imaginou que o hilariante pensamento provavelmente incluía arrancar um de seus braços e bater nele até a morte com ele. Ele fixou no coração — e apertou o gatilho — e outro enorme estrondo, mais sangue voou, o monstro berrou — Oh, Deus, por favor, que isso seja de dor!

— Mas não tombou. Ainda assim não tombou. Era difícil dizer onde ele acertou, havia sangue por toda parte, mas o coração continua pulsando.

"Saia da frente!"

Billy foi deixado de lado, Rebecca tomou sua frente, levantando a espingarda assim que a criatura começou a se agachar, tencionando as pernas. Ela mirou, baixo, muito baixo, não havia nenhuma chance de acertar seu coração — a espingarda disparou e, finalmente, o monstro tombou; soltando um violento choro de fúria. Ele arranhou as grades, suas garras arrancaram um alto e doloroso grito estridente do metal.

Billy viu que Rebecca tinha explodido um de seus joelhos, e hesitou apenas um segundo, apenas o suficiente para se perguntar por que não tinha pensado nisso.

Ele não estava morto, mas a menos que criasse asas, não iria atrás deles tão cedo. Então ergueu a Magnum novamente, fixando em seu no crânio branco enquanto ele se debatia e cravava as garras na grade para puxar-se mais para perto, sem dúvida, para continuar seu ataque. Mas tudo o que conseguiu foi apenas arrastar-se parcialmente para a água, a espuma da escura piscina foi ganhando um tom cor de rosa conforme ele se debatia para sair.

"Desperdício de munição", meio que perguntou, olhando para Rebecca, esperando sua aprovação. Por mais terrível que aquela coisa fosse, ele não iria se sentir bem em deixá-lo sangrar até a morte, para sofrer mais. Era outra vítima da Umbrella, e de qualquer forma; não pediu para nascer.

"Sim", disse ela, acenando com a cabeça — mas ele podia ver pena em sua expressão, podia ver que ela se sentia da mesma maneira. "Faça isso".

Duas balas, a segunda só para ter certeza, e o enorme corpo deslizou silenciosamente para dentro da piscina, desaparecendo sob a superfície.

Capítulo 15

Eles caminharam sobre a barragem no nascer do dia, o profundo azul das primeiras horas tomando o lugar daquele suave cinza desbotado que escondia tudo exceto as estrelas mais brilhantes.

Rebecca andava calada ao lado de Billy, notando que as nuvens estavam se dissipando. Seria mais um dia quente de verão, pensou no momento, ela estava dando o melhor de si para não tremer; o sol estará adequadamente alto pelo menos na próxima meia hora. Ela estava cansada, mais do que podia lembrar de ter estado, mas apenas saber que aquela horrível noite finalmente estava terminando, que um novo dia já estava começando, era o suficiente para impedi-la de trepidar.

No final da travessia pela barragem, havia uma curta escada que levava a uma porta. Billy foi primeiro, entrando em uma sala de turbinas, mais grades de metal enferrujado em torno de passagens de concreto e pesados equipamentos repletos de canos revestiam as paredes. Havia duas portas. A porta ao norte dava para um almoxarifado sem saída. A porta a oeste estava entreaberta, e levava para um longo e gradeado corredor que conduzia para outra porta.

"Seguimos em frente?" Billy perguntou, e Rebecca assentiu. Provavelmente seria outra sala sem saída, mas ela queria evitar o máximo possível ter de voltar por onde vieram. Eles já haviam presenciado mortes e destruição o suficiente, ela não queria ter que voltar mesmo que por alguns segundos.

Ela fez uma pausa enquanto Billy começou a percorrer

passagem, reparando no marco prateado da pesada porta. Ela era reforçada com aço, e havia um leitor de cartão magnético próximo a ela. Alguém havia firmado um calço de madeira sob a parte inferior da porta para mantê-la aberta.

Um *calço molhado,* ela pensou, agachando-se para tocar a brilhante madeira. Quando retirou a mão, finos filetes de uma substância pegajosa que se estendiam da tábua ficaram grudados nas pontas de seus dedos.

Por meio segundo, ela teve uma ideia confusa de que, por alguma razão, as sanguessugas tinham apoiado a porta para deixá-la aberta — então deixou para lá, lembrando-se que havia sanguessugas em todo o complexo. Ela limpou a mão no colete e olhou para Billy, que já estava no outro extremo do corredor, recarregando a Magnum.

A porta estava destrancada, e Billy a abriu. Outra entrada de cimento e metal, que conduzia a um pequeno hall. Billy entrou, suspirando, Rebecca suspirando junto com ele. Será que esse lugar nunca acaba?

A sala cheirava como uma praia em maré baixa, embora não pudessem ver qualquer coisa da entrada, a porta aberta permitia apenas uma olhada. Eles deram dois passos para dentro quando ouviram um *click* de fechadura, a porta trancou atrás deles.

"Tranca automática? Rebecca perguntou, franzindo a testa.

Billy voltou para a porta, sacudiu a maçaneta. "estava fechada antes. Não faz sentido que tranque somente depois de nós passarmos por — "

Então Rebeca ouviu alguma coisa, um som baixo que fez seu coração saltar. O som aumentou rapidamente, tornando-se uma profunda e cacarejante gargalhada da sala além da entrada.

Sem dizer uma palavra, ela e Billy se afastaram da porta, ambos segurando firmemente suas armas, parando em um canto da sala — e congelaram, olhando para o vasto mar de vida que os cercava, que pareciam cobrir cada centímetro quadrado de parede, que gotejava e rastejava através do teto e do chão. Sanguessugas, centenas delas, milhares. A sala era grande, de altura e de largura, dividida por um pequeno corredor que iniciava pela parede traseira. Uma central de incineradores subia até o teto, aberturas no metal mostravam lampejos de fogo. Havia uma grande porta de ferro que ficava na parede sul, situada abaixo de uma marquise, que parecia ser a única maneira de fugir — se quisessem correr através de todas aquelas sanguessugas, e Rebecca definitivamente não queria. O espaço cavernoso tinha dois níveis, uma passarela que rodeava a parte central, uma lareira de um lado da passarela superior lançando um brilho cintilante sobre o negro e borbulhante mar, que dominava todos os cantos e frestas da sala — e na passarela, uma figura solitária, um homem alto, de ombros largos, jovem, rindo, a sua voz forte e estranha sendo transmitida através do odor podre e salgado do ar.

"Bem-vindos", disse ele, e riu de novo, com uma sanguessuga enrolada em cada ombro, outras rastejando para baixo de seu braço estendido. Logo estava cercado pelas criaturas. "Que bom que vocês puderam juntar-se a nós. Vocês são os convidados de honra ... Afinal, este é o seu despertar."

Rebecca apenas olhou, mergulhada em silêncio, mas Billy deu um passo a frente, erguendo a voz.

"Você é seu filho, não é? Ou seu neto?" Rebecca soube imediatamente do que ele estava falando, e se encontrou acenando a cabeça.

Mas é claro...

"Correto", disse o jovem, sorrindo amplamente, um sorriso diabólico. "De certa forma, eu sou as duas coisas."

Ele fez um movimento encolhendo os ombros e braços — mudando, a transformação ondulava todo o seu corpo como se fosse água, como efeitos cinematográficos. Seus cabelos longos e escuros encurtaram-se, tornando-se brancos. Suas características jovens derretendo-se até virarem características idosas, linhas e vincos se formando, seus olhos mudando de cor, as pupilas se dilatando. Em segundos, ele já não era mais aquele jovem, embora seu sorriso fosse tão frio e tão brutal quanto antes.

Foi a vez de Billy ficar em silêncio, nisso Rebecca sussurrou o nome, incapaz de acreditar que não se tratava de um truque ou outro rosto falso. "Dr. Marcus?"

O homem na passarela fez um gesto afirmativo com a cabeça, e começou a falar.

"Há dez anos, Spencer tinha me assassinado", disse ele, as memórias piscavam através sua mente coletiva, as crianças lembravam-se para ele. As imagens eram turvas e escuras, indistintas em forma e cor, mas os sentimentos eram tão claros como tinham sido no dia em que perdeu a vida.

Ele já esperava um ataque há algum tempo, mas quando o momento chegou, realmente o surpreendeu. Estava trabalhando em seu laboratório, as crianças brincavam na piscina a seus pés, quando a porta se abriu — e em seguida, tiros, altos e definitivos. Lembrou-se da dor quando caiu de joelhos, agarrando os buracos em seu peito, em sua barriga —lembrou-se de ver dois rostos familiares, os homens entrando na sala, os seus discípulos brilhantes, seus melhores alunos o observando enquanto ele dava seus últimos suspiros. Albert Wesker e William Birkin, ambos sorrindo — *sorrindo!*

Lembrou-se do sentimento de perda, a raiva incrível que arranhou a superfície de sua mente moribunda quando seu corpo caiu, mergulhando na piscina, as crianças se dispersando enquanto tudo escurecia... ...e depois as memórias mudaram, tornando-se o pensamento dos milhares. Ele podia ver seu próprio rosto e corpo, meio submerso, pálido, horroroso pela morte, mas amado, tão amado pela mente coletiva. Ele tinha sido o Deus delas, seu criador e mestre, seu pai. Elas nadaram até ele, rastejaram por entre seus flácidos lábios, emaranharam-se para entrar nos buracos que haviam sido feitos através de sua pobre carne.

Marcus encontrou sua voz dizendo aos dois chocados ouvintes o que eles precisavam saber, para compreender. "Eles me deixaram apodrecer, tomaram minhas notas e fecharam o laboratório, deixando tudo para a ruína do tempo. Eles não compreendiam, como podem ver. O tempo era a chave de tudo. Levou anos para o T-vírus dentro da minha rainha reconstituir, evoluir ... E tornar-se a variação que criou o que sou agora".

Ele sorriu, saboreando seus mudos espantos, aproveitando seu momento no raiar de suas admirações. "Então, você está correto. Eu sou Marcus, mas eu também sou filho de Marcus, e neto — e todas as outras extensões, toda as outras descendências, a união entre Marcus e sua rainha. *Minha* rainha. Ela vive dentro de mim. Ela canta para seus filhos."

Na intensidade de sua alegria, de seu triunfo, as crianças correram em direção a ele, nadando até suas pernas, acariciando sua forma mais familiar, a de James Marcus. Ele deleita-se com o sentimento, rindo em voz alta diante da repulsa que atravessou o rosto de seus dois jovens convidados. Se eles apenas soubessem! O êxtase fenomenal que sentia como parte da colmeia, o seu líder e seguidor — a morte de Marcus o tinha libertado, lhe permitiu

chegar a um patamar muito maior do que sua vida humana teria permitido.

"Eu espalhei o vírus", disse ele. "O mundo agora saberá o que a Umbrella tem feito. O que Spencer e sua ganância estúpida têm inventado. A Umbrella vai queimar, mas Marcus será saudado como um deus para o que ele criou. Sou o arquétipo de um novo homem, muito superior ao padrão solitário da humanidade; o mundo irá me procurar, irão implorar para fazer parte da colmeia, a se unir como uma só mente, um ser todo-poderoso!"

O homem, Billy falou novamente, com o rosto contorcido em ódio, sua voz tensa. "Você está sonhando. Você é um doente insano, maluco, seja lá o que você for — e o mundo irá procurá-lo, mas apenas para matá-lo, para pôr fim ao seu delírio insano!"

Mas que tolo, tão moralista em sua própria estupidez!

Uma grande ira cresceu nele, nas crianças, manchando sua alegria. Ele pôde sentir seu corpo tremer com isso. "Vamos ver quem vai morrer" ele disse, sua voz tremendo de fúria — mas já não era mais a voz de Marcus, ele havia se tornado o jovem novamente, a visão das crianças para Marcus era como em sua juventude. Ele franziu a testa, não sabia por que tinha mudado, ou como — ele não tinha desejado, não tinha cantado ou quis a mudança na forma.

As crianças percorreram por seu corpo, inflando com sua fúria, ignorando seus comandos internos, e pela primeira vez desde que rastejou para fora daquela piscina, há apenas alguns meses atrás, desde que a colmeia o havia dado sua nova vida, ele não tinha controle sobre ela. Os milhares não queriam ouvi-lo, queriam apenas atacar os intrusos, esmagá-los.

O jovem os sentiu crescer em sua garganta, derramando-se como bile, o sufocando. Ele tentou segurar, exercer sua influência,

mas a fúria era enorme, era generalizada. Ele estava mudando, tornando-se algo inteiramente novo, e sua luta pela dominação foi deixada de lado, perdida para essa nova coisa.

A rainha! Ele podia sentir sua consciência tomando conta dele, seu poder de criação emergindo, carregado pelas crianças para cada parte de sua forma em metamorfose. Ela queria matar, destruir as duas pessoas que se atreveram a julgá-la, e ela era muito mais forte do que ele mesmo imaginava.

A coisa que outrora havia sido Marcus não teve alternativa senão render-se, para se tornar o jogador mais forte de todos. Para tornar-se a rainha.

Marcus começou a mudar mais uma vez, de uma maneira que parecia surpreendê-lo tanto quanto surpreendeu Billy.

Sanguessugas começaram a jorrar de sua boca, o fazendo vomitar, dezenas delas deslizando para fora em uma torrente de gosma, batendo no chão como gordas gotas de chuva. Os olhos do jovem estavam arregalados, sua expressão era de descrença enquanto ele continuava sufocado com o espesso vômito de sanguessugas.

Logo que batiam no chão, as criaturas corriam de volta para o jovem, preenchendo seu corpo, anexando-se, enterrando-se nele. Formas redondas moviam-se sob sua pele, o moldando, mudando a forma e a textura de sua carne. Suas roupas se derreteram quando as sanguessugas continuavam o enxame, dando ao seu corpo uma aparência estranhamente emborrachada, os braços e pernas começaram a parecer grandes massas de vermes gordos e entrelaçados. Seu rosto alongando, esticando, a pele rasgando até expor estrias de tecido muscular arroxeadas, latejando até ficarem espessos e molhados com toda aquela gosma.

Próximo a ele, Rebecca ofegava enquanto a criatura que era Marcus perdia inteiramente a aparência humana, todo o seu corpo era agora formado por aqueles vermes, grudados um ao outro, cobertos por uma camada de gosma. Aquilo também aumentou de tamanho, as sanguessugas próximas dele se juntavam

formando uma multidão, adicionando a ele massa e altura. Longos e viscosos tentáculos saltaram de suas costas, que sacudiam como serpentinas em um vento forte, e tinham cor de inflamação, de infecção.

"A rainha", Rebecca suspirou. "Ela está assumindo o controle."

Billy apontou a Magnum para a crescente criatura — e a coisa saltou, se deslocando com velocidade pelo ar, batendo no teto como um forte e molhado soco, ficando ali agarrada por um momento, babando um espesso fluído para o chão lá embaixo. Exceto por ainda ter quatro membros, já não parecia remotamente humano.

Billy disparou em direção ao teto, mas a criatura já não estava mais lá, caindo no chão na frente deles, condensando-se assim que acertou o chão como um brinquedo de borracha gigante. Ele — ela — começou a esticar-se mais uma vez, elevando-se sobre ele e Rebecca, aqueles negros tentáculos chicoteavam na direção deles, procurando por eles.

Billy e Rebecca, cambalearam para trás. Billy sentiu as botas deslizando quando pisou sobre um punhado de sanguessugas que ainda cobriam o chão, ouviu o suave estalar de cada criatura sob seus calcanhares. Rebecca agarrou seu braço, quase caindo quando também escorregou na poça de corpos de sanguessugas.

A morte de seus horrorosos filhos teve um efeito imediato. A rainha sanguessuga puxou seus tentáculos para trás e soltou um grito, um alto e estranho trinar como nada na terra, um som

transformado em algo ainda mais horrível pela sua completa sobrenaturalidade. Todas as sanguessugas no lugar seguiram para ela mais uma vez, afastando-se de Rebecca e Billy, abrindo caminho por debaixo e por trás de suas pegadas assassinas.

A rainha sanguessuga continuou crescendo enquanto os pequenos corpos a cobriam, todas se unindo com a criatura principal, seu tamanho quase dobrou em menos de um minuto. Billy lançou um olhar sobre seu ombro, vendo que estavam recuando para um canto sem saída perto da porta por onde entraram, se deixarem o monstro escolher para onde irão, no sentido mais literal da palavra.

No lado sul da sala havia uma porta fechada situada em uma espécie de entrada sob um vão. Havia um mar de sanguessugas os separando dela, mas o mar estava em movimento, correndo na direção do crescente mostro Rainha-Marcus. Ela parecia alheia à presença deles enquanto recebia mais súditos em sua colmeia, inchando a um tamanho enorme, fazendo um suave e aquoso som.

"Porta sul", disse Billy, mantendo a voz baixa enquanto continuavam recuando lentamente. Eles tinham que agir agora, rápido, ou desperdiçariam essa chance.

"E se estiver trancada?" Rebecca sussurrou de volta.

"Vamos ter que arriscar", disse. "Eu te cubro. No três. Um ... dois ... três!"

Rebecca correu assim que Billy abriu fogo, despejando projéteis no inchado e gigante corpo da rainha. Ela gritou, seu alto choro demonstrando a intensidade da sua dor, do seu ódio, jogando seus tentáculos na direção dele, seus membros anexos se moviam rápido.

Eles o agarraram, o levantando no ar. Billy deixou a Magnum cair, e não conseguia alcançar sua pistola enquanto era

violentamente sacudido, sua cabeça era jogada para trás e para frente, seus braços presos pela força bruta da criatura. Aqueles tentáculos enrolados em volta de seu peito, o apertando como um torno, espremendo com tanta força que ele não conseguia respirar. Depois de apenas alguns segundos, ele já podia sentir tudo escurecer, o mundo que sacudia foi desvanecendo de pontos brilhantes para uma imensidão escura.

Quando ouviu o som da espingarda — e o monstro estava berrando novamente, o soltando, virando-se para enfrentar sua nova agressora. Billy caiu no chão. Ele ignorou a dor, rastejou para a Magnum enquanto uma centena de sanguessugas rastejavam em sua direção, quando Rebecca disparou novamente, o monstro começou a ir na direção dela, açoitando seus tentáculos para toda parte.

Billy se levantou, viu que Rebecca estava de costas. O segundo tiro não havia sido mirado no mostro, mas em um console que estava situado próximo à porta sul. Ela disparou novamente, chutando a porta ao mesmo tempo. A porta se abriu, mas a rainha estava quase a alcançando, e media tranquilamente o dobro da altura dela, e muito mais pesada, poderá rasgá-la como uma boneca de papel —

"Ei!" Billy gritou, sem tempo para recarregar a Magnum, tinha que chamar rápido a atenção da criatura — então ele saltou sobre a onda mais próxima de corpos de sanguessugas, pulando e caindo com força, chutando e pisando o mais forte que pôde. Elas estouravam às dúzias, espirrando um sangue aquoso e gosma por todo o chão, encharcando suas botas. Ele dançou sobre seus corpos moribundos, sentindo uma forte e desinibida satisfação quando a rainha sanguessuga virou-se novamente, uivando de aflição.

Ele viu Rebecca conseguir passar pela porta e teve apenas uma

fração de segundo para ficar feliz com isso — logo o monstro já estava o agarrando novamente, o arremessando pela imensa sala com uma fúria cega.

Billy bateu na parede de trás, sentindo uma costela quebrar, e logo estava caindo, aterrissando pesadamente no chão de cimento. Isso tirou todo o seu ar, mas em um segundo já estava de pé novamente, correndo para a porta sul, sanguessugas estouravam sob seus pés enquanto lutava para respirar.

O monstro estava aproximadamente à mesma distância da porta do que ele. Billy viu que não conseguiria, ela ia chegar lá antes dele, então fez uma prece em silêncio para *seja lá quem for* que pudesse estar ouvindo, para que ao menos Rebecca conseguisse sair viva de lá — e em seguida, ele a viu, não propriamente atrás da porta sul, mas no meio daquela sala, sua espingarda apontada sobre a rainha sanguessuga, de costas para o incinerador central. Billy percebeu que ela deve ter corrido para dentro novamente, enquanto o monstro estava ocupado o jogando contra a parede.

Ele gritou para que ela voltasse para a porta, mas ela o ignorou, atirando na rainha enquanto ela ia na direção de Billy. A cada tiro, um punhado de sanguessugas voava de seu corpo enorme, mas para cada perda, meia dúzia de outras tomavam seus lugares. No quarto tiro, a rainha se virou para ela, hesitando, como se não conseguisse decidir a quem perseguir.

"Entra!" ela gritou. "Eu já estou indo!"

Billy correu para a porta, orando a Deus que ela tivesse um plano. Ela continuou atirando na criatura, bombeando e disparando, bombeando e disparando — e logo não havia nada além de um *click* seco que Billy pôde ouvir do outro lado da sala, o som de uma inevitável derrota.

A rainha sanguessuga também ouviu, e começou a avançar na direção dela, seu corpo continuava crescendo, ganhando cada vez mais massa enquanto ela se movia pesada e umidamente para frente. Billy tinha chegado à porta sul e ficou ali, derramando adrenalina através de seu corpo, revirando sua pochete atrás das duas últimas balas de Magnum.

"Corra!" ele gritou, mas Rebecca o ignorou, permanecendo completamente imóvel. Ela não estava recarregando, nem sequer estava sacando a pistola quando a rainha se aproximou. Em vez disso, ela ergueu a espingarda pelo cano e recuou para que atingisse a parede do incinerador — ela bateu com a pesada coronha através do metal laminado de um duto de calor, estourando uma das tubulações de alumínio. Uma substância flamejante derramou pelo chão. Rebecca saltou para o meio dela, chutando loucamente, jogando pedaços de material sintético e detritos em chamas na onda de corpos de sanguessugas mais próxima.

A rainha berrou, parando seu avanço, ainda longe daquele fogo repentino. Sanguessugas chamuscadas correram para o pai-rainha delas, tentando escalar seu elevado corpo para encontrar consolo nele, mas trouxeram dor para junto delas assim que se reuniram, aderindo à colmeia móvel. O grito da rainha aumentou intensamente assim que as fumegantes sanguessugas queimadas se juntaram a ela, a deteriorando, fazendo-a se contorcer com o que Billy esperava ser uma insuportável agonia.

Rebecca viu sua chance e não desperdiçou, correu em direção à parede sul enquanto a rainha chorava diante dela, gritando. Billy esvaziou o revólver no chão, colocando as duas últimas balas no tambor e o fechou com um só movimento, apontando para a rainha assim que Rebecca passou correndo por ela — a rainha já não estava prestando atenção nela, ao menos para o momento, as partes

de seu insano corpo estavam escurecendo, derretendo, escorrendo como melaço, formando uma poça no chão ardente.

Billy manteve a Magnum apontada para a contorcida rainha até Rebecca passar por ele e pela porta. Ele rapidamente a seguiu, e ela bateu a porta.

Ele respirou fundo, sentiu dor nas costelas, nos braços e pernas, em sua cabeça, uma entorpecente agonia em cada poro do seu corpo — até ele se virar e ver para o que Rebecca estava apontando, com um sorriso de grata surpresa em seu chocado e borrado rosto. Sua dor foi deixada de lado, tornando-se nada além de um desconforto em segundo plano, para seu inesperado alívio próprio.

Eles haviam se confinado em um elevador de plataforma sobre um enorme fosso.

O qual levava para cima — e pela distância do largo túnel que se estendia na diagonal para longe de onde eles estavam, que levava até um círculo de luz que ficava bem acima, a plataforma parecia percorrer todo o caminho até a superfície.

Eles sorriram um para o outro como crianças, bobos de alegria, mas apenas por alguns segundos. Seus sorrisos sumiram assim que a moribunda rainha rugiu, seu horrível grito vindo da sala ao lado, os fazendo notar o quanto perto da morte eles ainda estavam.

Sem dizer uma palavra, eles correram para a plataforma, até o console que controlava o elevador. Billy estudou os botões por um instante, e logo, com uma oração silenciosa para sua libertação, apertou o botão de força.

A plataforma começou a subir, os levando para cima e para longe daquele pesadelo. Ao menos era o que acreditavam.

Capítulo 16

A agonia era esplendorosa em sua avaliação, a matando com uma intensidade além de tudo que jamais conheceu. As crianças queimando agarram-se a ela, sedentos por libertação, e quando a tocaram, tocaram seus irmãos, passaram toda sua dor em uma incessante onda. Ela esperou até que as partes do coletivo se unissem, morrendo, se fundindo, sacrificando as próprias vidas para que ela pudesse viver. Lentamente, lentamente a agonia cessou, e se desprendendo das injúrias ao seu físico, veio o sofrimento de perda, de infinita tristeza.

Assim que os feridos se afastaram, deixando seus envolventes braços para morrerem sozinhos, o resto das crianças tomaram sua frente, cantando, sussurrando para ela, amenizando seu tormento da melhor forma possível. Eles a envolveram, a acalmaram com seus beijos líquidos — e em seu número absoluto, eles a completaram. Levou apenas um instante. A rainha perdeu sua identidade assim como Marcus tinha perdido a sua, indo além de uma colmeia, tornando-se mais. Tornando-se tudo.

A totalidade da nova criatura estava completa e saudável, diferente de antes, agora gigantesca e mais forte. Ela ouviu sons mecânicos nas proximidades. Ela procurou dentro de si própria, acessado a mente coletiva para obter informações, e compreendeu — os assassinos estavam tentando fugir.

Eles não iriam fugir. A colmeia uniu-se formando milhares de membros maleáveis e ela partiu atrás deles.

Nenhum deles queria pensar em se deparar com qualquer outro problema, mas tinham que presumir o pior. Rebecca verificou as

pistolas enquanto Billy recarregava a espingarda, ambos contavam com desânimo o que tinham — restavam ao total quinze balas de nove-milímetros. Quatro cartuchos de espingarda. Duas balas de Magnum.

"Nós provavelmente não iremos precisar delas, de qualquer maneira", disse Rebecca esperançosa, olhando para o crescente círculo de luz. O elevador era lento, mas constante, já estavam na metade do caminho até a superfície, chegarão lá em apenas um minuto ou dois.

Billy acenou com a cabeça, segurando seu lado esquerdo com uma mão suja. "Sabe que aquela vadia quebrou uma das minhas costelas," disse ele, mas sorriu de leve, também olhando para a luz.

Rebecca foi em direção a ele, preocupada, pretendendo tocar em sua lesão — mas antes que pudesse, um alarme começou a soar por todo o fosso. Cada porta que passava agora tinha uma luz vermelha intermitente sobre ela, lançando manchas de cor púrpura sobre a plataforma do elevador.

"O que — " Billy começou, mas foi interrompido pela calma voz feminina de uma gravação que se repetia.

"O sistema de autodestruição foi ativado. Todas as pessoas devem evacuar imediatamente. Repito. O sistema de autodestruição foi ativado — "

"Ativado por quem?" Rebecca perguntou. Billy pediu silêncio erguendo uma das mãos, ouvindo.

"... imediatamente. A sequencia terá início em — dez minutos."

As luzes continuaram piscando, a sirene ainda soava, mas a voz parou. Billy e Rebecca trocaram um olhar preocupado, mas não havia muito o que pudessem fazer ... E já estariam longe em dez

minutos, se Deus quiser.

"Talvez a rainha — ", disse Rebecca, não terminando o pensamento. Parecia improvável, mas não conseguia pensar em outra forma do sistema poder ter sido acionado.

"Pode ser", disse Billy, mas ele parecia em dúvida. "De qualquer forma, vamos sair daqui antes que algo aconteça."

Ela concordou — então ouviram um estrondo lá em baixo, um trovejante ruído de metal contorcido, uma inacreditável destruição no fundo do poço do elevador.

Ambos olharam para baixo, encontrando espaços no piso parcialmente gradeado da plataforma, vendo o que estava por vir. Era a rainha — não apenas a rainha. Agora estava muito, muito maior, e mais rápida, uma enorme massa escura escalando atrás deles.

Rebecca olhou para cima, vendo o quanto perto eles estavam.

Só mais um minuto e estaremos fora daqui — Ela olhou para baixo novamente, prendendo a respiração quando viu o quanto aquilo já estava perto. Tinha a aparência de uma onda quebrando, negra e viva, se abrindo enquanto avançava na direção deles, revelando mais escuridão dentro de — "Merda," gritou Billy — e a plataforma foi levantada, atravessando uma parede, lançando ambos para longe.

Rebecca caiu de lado, batendo forte, levantando-se imediatamente, ainda segurando firme a espingarda. Billy estava caindo no chão a poucos metros de distância, havia concreto e faixas pintadas de amarelo que debaixo de seus pés — Um heliporto. Um heliporto subterrâneo.

Eles estavam em uma área enorme, não havia nenhum helicóptero à vista, mas uma infinidade de equipamentos mecânicos

espalhados, as pequenas ilhas de metal apenas enfatizavam a amplitude do lugar. A pouca luz que havia eram fachos de luz do sol que vinham de frestas do teto móvel — o que significava que estavam a apenas um único piso antes da superfície. Rebecca levou o tempo de um piscar de olhos para ver onde estavam, e um segundo piscar para localizar a rainha. Ou o que a rainha tinha se tornado.

Ela estava rastejando para fora do irregular buraco na parede onde a plataforma do elevador atravessou, agitando tentáculos sobre os pedaços de metal e rochas. Era como alguma louca ilusão de ótica observar enquanto ela puxava-se para fora do fosso, e sua forma colossal se aproximando cada vez mais. Aquela coisa que finalmente se expeliu sobre o piso de concreto era tão grande quanto uma van, comprida e baixa, vinha fervilhando com tranças feitas de sanguessugas.

Rebecca só conseguia olhar — e quase foi arrancada de seus pés quando Billy agarrou seu braço, a puxando para longe.

"Há uma escada lá na frente!" Ele gesticulou vagamente para uma placa de saída no outro lado do heliporto, que parecia estar a uma incrível distância — e como se ela pudesse ouvi-los, compreender suas intenções, o monstro rainha se moveu, lançando seu enorme corpo através do piso com uma velocidade surpreendente, indo na direção da rota de fuga. Ela deu meia volta em direção a eles, com seus tentáculos chicoteando o ar sobre sua cabeça disforme, uma poça de uma grossa gosma negra derramava debaixo de sua estrutura medonha, e começou se erguer — e gritou, balançando-se para frente e para trás, emitindo um alto e sibilante som de erupção de seu esquálido corpo. De repente uma fumaça começou subir da parte traseira de seu corpo, de onde — A luz do sol.

Um raio de sol, fino, mas brilhante, caindo bem nas costas da criatura. Ela se esgueirou para o lado, saindo da luz, tornando a persegui-los.

Billy agarrou Rebecca novamente, a puxando para trás. O alarme de autodestruição continuava soando, ecoando pelo heliporto — e a voz feminina calmamente informou que eles agora tinham oito minutos antes de iniciar a sequencia.

"A rainha não pode com a luz do sol!" ela gritou, enquanto ela e Billy se viravam e começaram a correr. Eles seguiram para o canto noroeste do hangar, o mais distante do monstro enquanto ela corcoveava em direção a eles, retorcendo-se entre os raios de luz. Ela não estava tão rápida quanto tinha sido no poço do elevador, pressionando menos, mas poderia quase acompanhá-los correndo.

"Alguma ideia de como vamos abrir o teto?" Billy perguntou, lançando um olhar para trás deles, os levando mais para o norte.

"Está sem energia", ela ofegou. "Mas deve haver travas manuais, provavelmente hidráulicas. Se o telhado está em um declive, ele vai deslizar quando for destrancado. Assim espero."

"Encontre-as," disse Billy, visivelmente sem fôlego. "Eu vou tentar mantê-la distraída."

Rebecca acenou com a cabeça, olhando para a criatura. Havia tombado, mas não cedia, não estava se esforçando para recuperar o fôlego do jeito que eles estavam.

Ela correu até um algo parecido com um painel na parede mais próxima, enquanto atrás dela, Billy se virou e começou a disparar a nove-milímetros.

A colmeia foi atrás deles, derramando matéria de suas costas onde a luz a tinha tocado. Sua consciência não estava totalmente

animal, nem humana, mas possuía elementos de ambas. Ela entendia que seu lar estava ameaçado, que em breve outra força destruiria seu abrigo. Entendeu que a luz solar significava dor, até mesmo a morte. Compreendeu que os dois humanos que correram antes eram a causa de tudo isso, foram os instrumentos de sua iminente destruição.

Um dos humanos parou, apontando uma arma, e disparou. Projéteis perfuraram sua carne externa, ferindo, mas não penetrando o núcleo. Tal como aconteceu com os raios de sol, a criatura derramou sua matéria ferida e seguiu em frente, aproximando-se rapidamente agora, chegando perto o suficiente para sentir o terror humano. Ela se lançou para frente, o derrubando.

Merda!

Billy caiu no chão quando o monstro rainha saltou contra ele, um dos tentáculos laçou um dos seus pés. Ele tentou rolar para longe, mas estava com seu tornozelo direito enrolado firmemente. Praguejando, Billy jogou-se mais para perto da criatura, e pisou com seu outro calcanhar sobre o ramo de tentáculos tão forte quanto ele pôde, pisando novamente. O tentáculo se retraiu, o monstro o afastou dele.

Billy ficou de pé, viu Rebecca na parede oeste, revirando um painel de controle. Então virou-se para o leste e correu, olhando para trás para cerificar-se que a coisa estava no seu encalço.

"A sequencia terá início em — sete minutos".

Que ótimo.

Pior do que isso não pode ficar. Billy correu mais rápido, empurrando a si mesmo, o monstro estava perto demais para ele poder relaxar.

Quando estava longe o suficiente para arriscar, ele se virou, vendo Rebecca em outro painel de controle do outro lado do hangar. O monstro deu um bote na direção dele, mas estava muito longe para alcançá-lo, mesmo com seus tentáculos estendidos ele ainda ficava a um metro de distância. Billy deu um tiro no que parecia ser sua cara, então se virou e voltou a correr, devido a cãibras. A coisa veio atrás dele, aparentemente inesgotável.

Anda, Rebecca, ele implorou silenciosamente, esforçando-se para ir mais rápido.

Rebeca chegou à quarta e última trava assim que a gravação avisou que eles tinham seis minutos faltando. Ela pegou a pequena roda que servia como chave manual e girou — e estava emperrada. Não completamente, mas precisou de toda sua força para conseguir dar apenas meia volta. Ela se esforçou, sentiu seus músculos gritar por clemência assim que deu mais meia volta, *quase lá* — "Rebecca, depressa!"

Ela lançou um olhar para trás, viu que de alguma forma, o monstro rainha estava chegando perto, muito perto; estaria em cima dela em trinta segundos — mas ela não conseguia, não *podia* correr, sabia que não conseguiriam correr ao redor e depois tentar novamente a tempo.

Billy estava atirando, as balas batendo em carne líquida faziam um som terrivelmente imediato. Ela nem sequer olhou, sabia que ficaria nervosa se visse o quanto próxima a criatura realmente estava.

"Vamos!" ela gritou, puxando a obstinada válvula com toda sua força — e a roda girou, mesmo quando um grosso e molhado tentáculo enrolou-se em torno de seu tornozelo esquerdo, terrivelmente vivo e com um insano movimento gosmento — e com um pesado rangido de metal enferrujado, o céu se abriu,

derramando luz sobre todos eles.

A luz! A luz!

A colmeia gritou assim que a morte choveu sobre ela, primeiro fervendo sua pele, em seguida, a queimando, milhares de sanguessugas morrendo, caindo no chão, o calor do sol queimava pior do que fogo, pois estava em toda parte, tudo de uma vez. Ela tentou escapar, encontrar abrigo para aquela tortura, mas não havia nada, não havia lugar.

Os dois humanos correram, desaparecendo por um buraco na parede, mas a criatura não percebeu, já não se importava. Ela apenas se contorcia e se agitava, enormes feixes de carne voavam longe, as camadas de seu corpo borravam o concreto, expondo o vibrante centro cor-de-rosa de si mesma para a cruel e assassina luz, a desinfetante luz do dia.

No momento em que a instalação explodiu, poucos minutos depois, não havia quase nada além de um punhado de sanguessugas dispersas, confusas, se afogando no lago de morte que outrora tinha sido seu pai, que tinha sido James Marcus.

Capítulo 17

Eles meio correram, meio cambalearam para longe, serpenteando entre árvores e troncos no ar fresco da manhã. Para Billy, a experiência era louca, surreal — primeiro atirando em um gigante mostro sanguessuga no escuro e depois uma corrida na floresta, com pássaros cantando suas canções matinais sobre suas cabeças, uma leve brisa arrepiava seus sujos e emaranhados cabelos. Eles continuaram correndo, Billy silenciosamente fazendo contagem regressiva, até chegar perto de zero.

Ele parou e olhou em volta assim que Rebecca também parou, ofegantes. Eles saíram da mata e chegaram à uma pequena clareira, no alto de uma colina com vista para o lado leste da floresta de Arklay.

"Aqui parece bom", disse Billy. Ele deu um profundo suspiro de alívio e caiu, esparramando-se no chão, massageando seus músculos. Rebecca fez o mesmo, e alguns segundos depois, a contagem estava terminada.

A explosão foi enorme, balançando o chão, o rugido percorreu toda a floresta sobre o vale abaixo deles. Depois de um momento, Billy sentou-se, olhando a fumaça por cima da copa das árvores. Por mais cansado que estivesse, por mais dolorido, faminto e emocionalmente esgotado, ele de alguma forma se sentiu em paz, vendo a fumaça daquele lugar terrível pairar sobre o nascer do dia. Rebecca sentou-se com ele, também em silêncio, sua expressão quase sem acreditar. Não havia nada que precisava ser dito; o dois estavam lá.

Ele coçou distraidamente seu pulso, em um desconforto que

havia ali — e a algema caiu, aterrissando na grama com um *tilintar* abafado. Billy sorriu. Por algum motivo desconhecido, a segunda algema também se soltou. Balançando a cabeça, pensando em como teria sido bom se elas tivessem caído dez ou doze horas antes, e as atirou em direção às árvores. Rebecca se levantou, afastando-se da fumaça que escurecia seus olhos.

"Esse deve ser o lugar que Enrico estava falando", disse ela. Billy esforçou-se para se levantar, indo até o lado dela. Lá, a talvez uma ou duas milhas de distância, e bem abaixo de onde suas vistas alcançavam, havia uma enorme mansão rodeada por árvores. Suas janelas brilhavam contra a luz da manhã, lhe dando uma aparência de fechada e vazia.

Billy acenou com a cabeça, de repente não sabia o que dizer. Ela queria encontrar com sua equipe. Era o mesmo que ele queria...

Rebecca estendeu a mão e agarrou suas dog tags, as puxando com firmeza. A corrente soltou, e em seguida fechou as plaquetas em torno do próprio delicado pescoço, olhando para a mansão.

"Acho que é hora de dizer adeus", ela disse.

Billy olhou para ela, mas ela não olhou para ele, apenas olhava seu próximo destino, aquela casa silenciosa metade escondida por árvores.

"Oficialmente, o tenente William Coen está morto", disse ela.

Billy tentou rir, mas se conteve. "Certo, eu sou um zumbi agora," disse ele, um pouco surpreso com a súbita sensação melancólica no peito, em seu estômago.

Ela se virou, encontrou seu olhar, mantendo-se firme com ela própria. Ele viu honestidade nele, e compaixão, e força — e viu que ela também sentia a mesma estranha sensação, a mesma tristeza

vaga que tinha caído sobre ele como uma suave bruma.

Se as coisas tivessem sido diferentes ... Se as circunstâncias não fossem essas ...

Ela acenou com a cabeça, mesmo que levemente, como se estivesse lendo sua mente, concordando com o que leu nela. Então ela robusteceu, com a cabeça alta e com os ombros para trás, e bateu continência, ainda olhando para seus olhos.

Billy, tomando a mesma postura, respondeu à saudação, batendo continência e mantendo-se imóvel até ela baixar a mão. Sem outra palavra, ela se virou e afastou- se, caminhando em direção a um declive não muito íngreme entre as árvores.

Ele observou até ela desaparecer, sumindo entre as sombras da floresta, e em seguida, virou-se, procurando seu próprio rumo. Ele decidiu que o sul parecia uma boa ideia, e começou a andar, apreciando o sol quente em seus ombros e o canto dos pássaros nas árvores.

EPÍLOGO

A explosão chegou até a distante mansão de Spencer, a fazendo sacudir levemente. A poeira vibrou sobre as mesas. Sujeira escorreu nos túneis subterrâneos. E as criaturas que ainda viviam ali ficaram cegas, os olhos mortos apontados para as janelas, para as paredes, ouvindo, tateando na escuridão, esperando que o leve tremor significasse que a comida estivesse chegando em breve.

Eles estavam famintos.

(Nota 1) Special Tactics And Rescue Service (S.T.A.R.S.)

(Nota 2) O termo jarhead é usado para definir soldados da infantaria da marinha dos Estados Unidos.

(Nota 3) ETA: Estimated Time of Arrival (Tempo estimado de chegada)

(Nota 4) FUBAR é um termo que tem origem militar como um acrônimo para "fucked up beyond all/any recognition/repair/ reason/redemption".

(Nota 5) Dog tag é o nome informal para as plaquetas de identificação usadas no pescoço por militares. Tais plaquetas são usadas primariamente para a identificação de falecidos ou feridos e para serem providenciadas as informações médicas básicas para tratamento.

(Nota 6) Emergency medical technician (paramédicos)

(Nota 7) Centers for Disease Control (Centro de controle de doenças)

(Nota 8) U.S. Army Medical Research Institute of Infectious Diseases (Instituto de Pesquisas Médicas e Doenças Infecciosas do Exército dos Estados Unidos)

(Nota 9) Environmental Protection Agency (Agência de Proteção Ambiental)

(Nota 10) A canção é "Should I Stay or Should I Go" da banda The Clash

(Nota 11) Long pig era como os canibais de alguns lugares, como no Arquipélago das Marquesas, na Polinésia Francesa, chamavam a carne humana, de acordo com exploradores europeus. Não encontrei uma tradução convincente para este termo, então o

mantive em inglês.

(Nota 12) Western é um tipo de espingarda e over/under é o tipo de câmara, onde as balas ficam armazenadas sobrepostas, uma sobre a outra.

(Nota 13) A tradução ao pé da letra para watchdogs é "Cães de Guarda" no caso, este termo é usado para definir os informantes da Umbrella.

(Nota 14) Raccoon City Police Department (Departamento de Polícia da Cidade de Raccoon)

(Nota 15) Milhares é como Marcus se refere às suas sanguessugas.

(Nota 16) Wonder Girl é conhecida no Brasil como Moça-Maravilha, é uma super-heroína, personagem da DC Comics.

(Nota 17) Creio que a autora se referia à District Medical Group (dmg). Uma organização sem fins lucrativos composta por mais de 350 prestadores representando todas as principais especialidades médicas e cirúrgicas, bem como subespecialidades.

(Nota 18) A tradução de "Tyrant" e "Tirano", mas achei melhor manter o original por já ser um nome simbólico na serie.

(Nota 19) A dama de ferro é um instrumento de tortura e execução. Consiste em uma cápsula de ferro, com uma fronte esculpida, suficientemente alta para enclausurar um ser humano. Possui dobradiças e abre como um ataúde. Usualmente, existem pequenas aberturas por onde o suposto torturado ou condenado poderia responder ao interrogador ou sofrer ferimentos através de facas ou pregos. No interior da cápsula havia cravos de ferro que perfuravam o corpo do aprisionado, mas não atingia órgãos vitais. Este perderia sangue ou mesmo agonizaria por asfixia.

(Nota 20) B.O.W. (Bio-Organic Weapon): Armas Bio-Orgânicas

(Nota 21) Quarterback (QB) é uma posição de jogador no futebol americano.

(Nota 22) Creature from the Black Lagoon (br/pt: O Monstro da Lagoa Negra) é um filme estadunidense de 1954, do gênero Terror e Ficção Científica, dirigido por Jack Arnold.

(Nota 23) Sistema Nervoso Central

(Nota 24) Klick é um termo militar comum entre os soldados dos Estados Unidos, que significa, quilômetro.